Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23173 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEGUNDA-FEIRA 5 FEVEREIRO 90 60$00

Cavaco: promessa a Belém

EDITORIAL

Posfácio (com recado a Soares)

A entrevista de Cavaco Silva ao «Expresso» constituiu uma espécie de posfácio à sua recente intervenção televisiva, visando, desta vez, um público mais élitista. Em termos de estratégia de comunicação governamental, a eficácia da adenda revelou-se superior à da obra original: a entrevista, conduzida de forma credível (ao contrário do que sucedera na TV), colmatou lacunas informativas deixadas em aberto na RTP (por exemplo, acerca do futuro sistema televisivo); a própria argumentação do entrevistado, embora insistindo na tónica do auto-elogio do Governo (incluíndo os ministros dispensados, devido ao cansaço...), surgiu mais refinada...

As excelentes e solenissimas gravuras do «Expresso», reproduzidas pelo Telejornal, substituiram, com vantagem, as imagens em directo da «Primeira Página». Folheando as páginas do semanário da R. Duque de Palmela, como se de um album de família se tratasse, as câmaras da RTP desempenharam, com discrição, a sua tradicional missão oficiosa...

A principal novidade da entrevista reside na mensagem enviada a Belém. Cavaco Silva prometeu um eventual apoio indirecto a Mário Soares, através da não apresentação de candidato próprio do PSD às presidenciais. Habilmente formulada, a proposta do primeiro-ministro contém implícitas as condições da sua efectivação: «Continuo a manifestar total confiança em que o Presidente continuará a interpretar a Constituição no sentido de uma colaboração institucional frutuosa e benéfica para o país e não interfira nas competências próprias do Governo».

Mário Mesquita

Continua na pág. 8

Apoio do PSD ao Presidente da República é, em geral, considerado sinal de fraqueza

Os socialistas poderão ter de compartilhar com os sociais-democratas o apoio a Mário Soares na reeleição para a Presidência da República. Cavaco anunciou este fim de semana que tenciona propôr ao congresso dos sociais-democratas, que se realiza no princípio de Abril, a não apresentação de uma candidatura própria, caso Soares se recandidate. Este apoio conjunto não incomoda a liderança socialista, disse Jorge Sampaio ao DL, salientando que a dimensão dos sociais-democratas, como ficou patente nos dois últimos actos eleitorais, os obriga a «ir a reboque» e a aproximar-se de Soares, que suscita «o maior consenso possível». Apenas Pinto Leite e Mota Amaral apoiaram publicamente a decisão de Cavaco, que para além disso é tida como um sinal de fraqueza por todos os sectores políticos que o DL contactou: Carlos Carvalhas, do PCP, considera que se trata do resultado da «política de arrogância» do Governo; Pulido Valente acha que o primeiro-ministro se comprometeu na altura errada; Paulo Portas ironiza, dizendo que Soares «não vai agradecer» tal apoio e Nuno Brederode Santos diz que Cavaco acaba de reconhecer que o resultado das legislativas de 1987 «foi um bambúrrio». **Págs. 8 e 9**

Jorge Sampaio: «O PSD não pode deixar de ir a reboque desta situação»

Pinto Leite: «Aguardo que Mário Soares declare se tenciona ou não recandidatar-se»

Brederode Santos: «Cavaco reconheceu que o resultado de 1987 foi um bambúrrio»

Paulo Portas: «Isto é mais que uma rendição: Cavaco entregou-se sem condições»

Vasco Pulido Valente: «O líder do PSD está em tal estado de fraqueza que não pode criar candidato nenhum»

Pintasilgo «honoris causa»

Símbolo da «necessidade de união», de quem «sabe escutar o silêncio dos desprotegidos», Lourdes Pintasilgo passou a figurar na galeria daqueles que, «doutores com direito ao título», são «exemplo para a comunidade universitária». A riqueza da sua intervenção valeu-lhe o doutoramento «honoris causa», atribuído pela prestigiada Universidade de Lovaina. **Pág. 15**

Os portugueses confundem telenovela com a realidade

Sondagem Euroteste/DL sobre a telenovela «Vale Tudo»

A maioria dos portugueses nunca foi ao Brasil mas considera que a telenovela "Vale Tudo", em exibição na RTP 1, nos dá um retrato fiel da sociedade brasileira. Uma sondagem Euroteste/DL revela, entre outros aspectos, que os telespectadores mais idosos e com maior poder de compra são os grandes adeptos da série brasileira. A vertente social retratada na novela é, para a maioria dos inquiridos, o principal sinal das características da sociedade brasileira, pelo que a ambiciosa Fátima (na foto) encaixa perfeitamente na imagem que os portugueses guardam do Brasil e dos brasileiros. A telenovela é, assim, diferente, consoante é vista por portugueses ou por brasileiros. Disso mesmo damos também conta em artigos de Cora Ronai, Leonor Xavier e Paquete de Oliveira **Págs. 2, 3, 4, 5 e 6**

Em debate pelo Grupo de Trabalho/DL

Privatizar: o quê, quando e como

Págs. 19, 20 e 21

DL

URSS debate o fim do monopólio do Poder pelo PCUS
Pág. 13

Mandela lembrado por Mário Pinto de Andrade
Pág. 10

Constituído o «lobby» ibérico
Pág. 11

Zé Beto: a morte na estrada
Pág. 29

A maioria dos portugueses nunca foi ao Brasil, mas considera que a telenovela «Vale Tudo» nos dá um retrato fiel da sociedade brasileira. Por isso, parece fácil caracterizar as diferenças que distinguem os brasileiros de nós

GRANDE ANGULAR

	TOTAL	IDADE 18 a 24	25 a 34	35 a a 54	Mais 54	CLASSE A/B	C1	C2/D
TOTAL	**300**	**46**	**66**	**110**	**78**	**90**	**117**	**93**
P. 1 — Com que frequência tem acompanhado a telenovela brasileira «Vale Tudo» que a televisão tem vindo a apresentar?								
Todos os episódios ou uma grande parte deles	38.0	36.2	27.1	37.1	49.6	41.5	37.8	34.9
Alguns episódios, de vez em quando	49.0	49.8	68.5	46.2	35.9	46.1	51.1	49.1
Nunca viu esta telenovela	13.0	14.0	4.4	16.7	14.5	12.4	11.1	16.0
P. 1a — Em sua opinião, pensa que a telenovela «Vale Tudo» em particular retrata, ou dá uma imagem fiel da sociedade brasileira actual?								
B: Viram	261	39	63	92	67	79	104	78
Sim, perfeitamente/totalmente	33.0	21.1	31.6	30.4	45.1	32.5	30.6	36.9
Sim, em parte	37.5	59.4	39.3	37.4	23.2	38.1	45.2	26.8
ou Não	12.7	10.4	12.4	11.5	15.9	19.1	14.0	4.4
Não sabe/Não responde	16.7	9.1	16.7	20.7	15.8	10.3	10.2	31.9
P. 1b — Em sua opinião esse retrato é mais fiel...								
B: Retrato fiel	184	32	45	62	46	56	79	50
no aspecto político?	10.0	9.8	6.4	17.1	4.1	7.7	13.6	6.9
no aspecto económico?	13.8	11.3	15.3	18.7	7.3	14.7	17.2	7.2
ou no aspecto social, no seu todo	71.2	64.5	78.3	62.6	80.5	77.5	62.1	78.4
Não sabe/Não responde	5.1	14.4	—	1.7	8.2	—	7.2	7.5
P. 2 — Em sua opinião, pensa que os brasileiros que surgem nas telenovelas são diferentes dos portugueses? São...								
TOTAL	**300**	**46**	**66**	**110**	**78**	**90**	**117**	**93**
Totalmente diferentes?	26.1	26.7	30.1	23.1	26.6	22.8	28.3	26.6
Diferentes em alguns aspectos	43.0	39.8	40.2	47.4	40.9	48.1	46.8	33.1
ou são iguais iguais aos portugueses?	27.3	27.0	28.9	26.1	28.0	27.4	22.9	32.9
Não sabe/Não responde	3.6	6.5	.7	3.4	4.5	1.6	2.0	7.4

	TOTAL	IDADE 18 a 24	25 a 34	35 a a 54	Mais 54	CLASSE A/B	C1	C2/D
TOTAL	**300**	**46**	**66**	**110**	**78**	**90**	**117**	**93**
P. 2a — Porquê? São diferentes em que aspectos?								
B: Diferentes	207	31	46	78	53	64	88	55
Mais naturais	12.4	7.2	12.1	13.1	14.6	8.5	15.0	12.8
Mais alegres	6.9	—	5.2	9.4	8.7	3.5	7.8	9.5
Mais extrovertidos	3.3	8.2	7.2	1.2	—	2.1	4.5	2.6
Mais liberais	5.5	15.0	3.5	4.4	3.3	3.1	10.7	—
De cultura diferente	1.1	3.5	—	.5	1.4	1.8	1.2	—
Mais experientes	5.0	9.5	—	6.3	4.8	4.8	8.3	—
Diferentes na moda	.9	—	1.9	—	1.9	1.4	1.2	—
Representam melhor	11.3	11.5	8.8	11.8	12.7	9.4	15.5	7.0
Diferentes na língua	4.0	5.2	8.0	3.8	—	2.5	5.1	3.9
Diferentes no profissionalismo	11.9	.9	12.8	13.7	15.1	19.4	3.8	16.2
Diferentes no comportamento social	3.1	—	3.9	3.5	3.7	4.4	2.2	3.1
Mais despreocupados	13.2	7.5	16.2	17.9	7.1	13.9	9.7	18.1
Diferentes no aspecto/Estilo de vida	5.8	24.7	7.2	1.4	—	5.4	2.2	11.7
Mais práticos	2.7	—	8.1	1.0	2.1	4.2	3.3	—
Mais realistas	1.6	—	—	3.2	1.4	.4	1.7	2.7
Transmitem outra imagem	4.4	3.4	—	3.8	9.7	7.7	2.2	4.0
Outros aspectos	2.2	—	.5	1.7	5.6	3.7	—	
Não respondem	3.3	—	2.1	3.4	6.2	.6	2.1	8.5
P. 3 — Diz-se que a telenovela brasileira prejudica a produção nacional da RTP. Concorda ou não concorda com esta afirmação?								
TOTAL	**300**	**46**	**66**	**110**	**78**	**90**	**117**	**93**
Concorda plenamente	22.6	16.8	25.4	21.3	25.6	23.5	23.6	20.5
Concorda em parte (ESPONTÂNEO)	26.8	44.4	28.7	27.5	14.0	26.1	24.4	30.6
Não concordo	47.4	33.4	45.9	47.2	57.0	49.5	52.0	39.4
Não sabe/Não responde	3.2	5.4	—	4.0	3.4	.9	—	9.5
P. 4 — Diz-se 'ainda' que a telenovela brasileira tem uma má influência na nossa língua. Concorda ou não com esta afirmação?								
Concordo plenamente	27.1	35.2	29.9	30.0	15.08	31.3	29.5	19.8
Concordo em parte (ESPONTÂNEO)	26.8	34.7	40.5	22.3	16.8	26.8	26.0	27.7
Não concordo	42.9	24.9	29.6	45.4	61.0	41.8	43.6	43.0
Não sabe, Não responde	3.3	5.2	—	2.3	6.3	.1	.9	9.5

Ver para crer

As pessoas mais velhas e com maior poder de compra são os grandes adeptos da telenovela brasileira «Vale Tudo», bastante menos popular entre os que têm de 25 a 35 anos de idade ou que pertencem às classes média inferior e baixa - revela mais uma sondagem Euroteste/«DL» que pretendeu, desta vez, auscultar a opinião dos portugueses sobre as telenovelas e os brasileiros.

O inquérito, efectuado por entrevista telefónica a 300 residentes nas regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto, recolheu a opinião dos entrevistados sobre o retrato da sociedade brasileira apresentado pela telenovela «Vale Tudo» e sobre o retrato dos brasileiros transmitido na generalidade das telenovelas. Um retrato fiel no aspecto social, diz a maioria, que também caracteriza as diferenças que distinguem os brasileiros de nós.

Além disso, os inquiridos foram interpelados sobre o possível prejuízo que essas telenovelas podem causar à produção nacional da RTP e sobre a influência que elas têm, ou não, no nosso idioma. Por sinal, dois malefícios rejeitados pela maioria dos entrevistados.

Fanáticos são 38 por cento

À pergunta sobre a frequência com que acompanham a telenovela «Vale Tudo», 38 por cento das pessoas sondadas disseram não perder um único episódio, enquanto 49 por cento confessaram ver apenas alguns episódios, isto é, de vez em quando. Surpreendentemente, 13 por cento dos inquiridos disse nunca ter visto esta telenovela.

Entre os que os que não falham um episódio, 49,6 por cento têm mais de 54 anos e 27,1 por cento situam-se entre os 25 e os 35 anos de idade. Por estratos sociais, 41,5 por cento dos inquiridos pertence às classes alta e média alta, 37,8 por cento à classe média superior e 34,9 por cento às classes média inferior e baixa.

Curiosamente, a maior parte das pessoas que diz apenas seguir esporadicamente a «Vale Tudo» tem de 25 a 35 anos de idade (68,5 por cento) e pertence à classe média superior (51,1 por cento). Dos que nunca viram esta telenovela, a maior parte tem de 35 a 54 anos de idade (16,7 por cento) e pertence às classes média inferior e baixa (16 por cento).

Sobre o retrato que a «Vale Tudo» faz da actual sociedade brasileira, a maioria dos inquiridos (70,5 por cento) diz que a telenovela dá uma imagem fiel, totalmente (33 por cento) ou em parte (37,5 por cento), mas 12,7 por cento não aderem a essa opinião.

Um resultado aparentemente paradoxal, dado que a maioria dos portugueses nunca foi ao Brasil. Aliás, os mais convictos de que essa imagem é totalmente fiel são as pessoas que pertencem às classes com menor poder de compra (36,9 por cento) e têm mais de 54 anos (45,1 por cento).

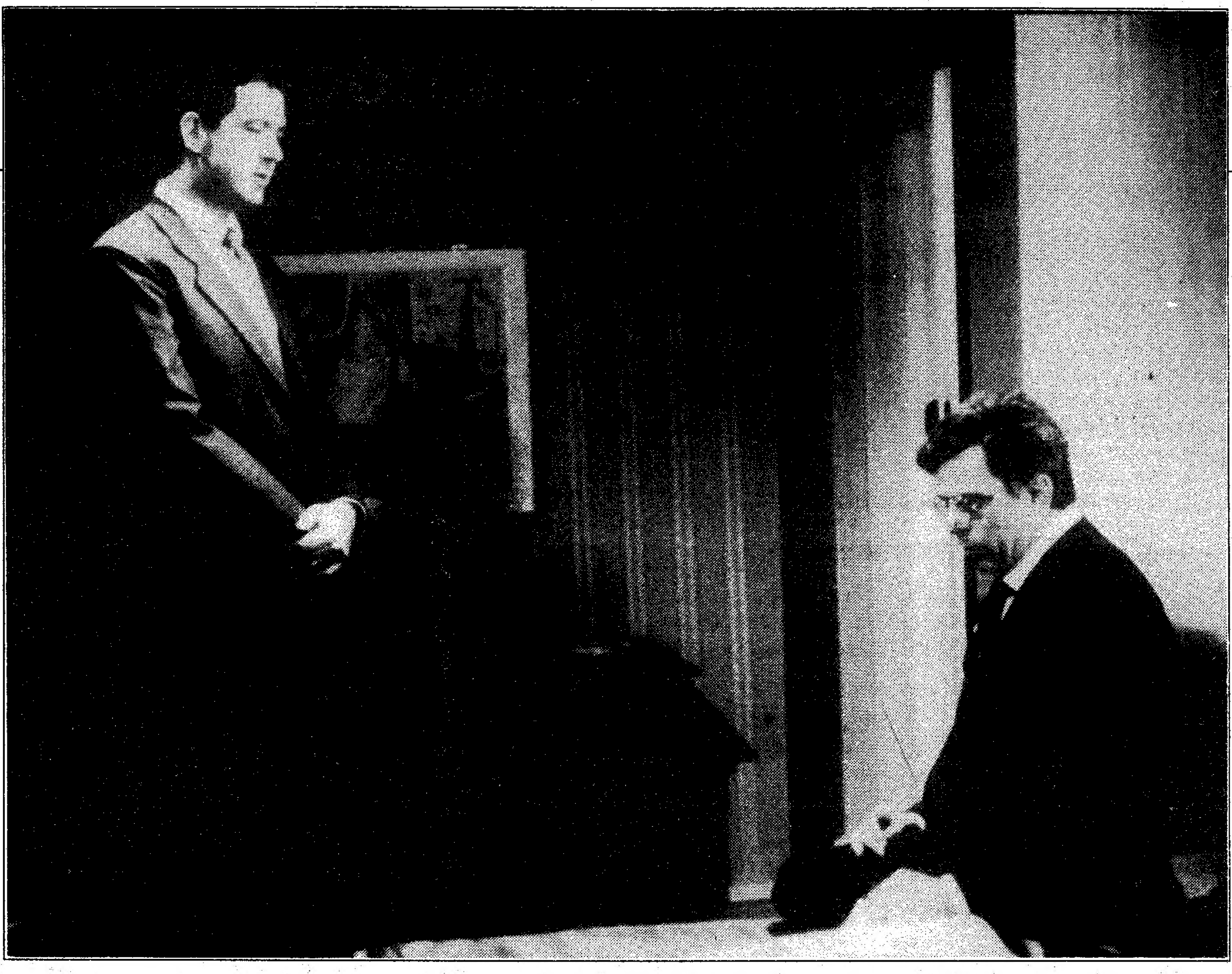
Já entre os que tomam essa imagem como parcialmente fiel, 59,4 por cento situam-se entre os 18 e os 24 anos e 45,2 por cento na classe média superior. De resto, a pergunta não foi pacífica para os 16,7 por cento dos inquiridos que não souberam responder, com maior incidência entre os 35 e os 54 anos (20,7 por cento) e nas classes baixas (31,9 por cento).

Brasileiros bem diferentes

Outra pergunta desta sondagem Euroteste/«DL» tentou clarificar os aspectos através dos quais as pessoas reconhecem que a telenovela retrata fielmente a actual sociedade brasileira. Assim, a esmagadora maioria dos entrevistados (71,2 por cento) respondeu que a «Vale Tudo» dá um retrato fiel no aspecto social, 13,8 por cento afirmou reconhecê-lo no aspecto económico e apenas 10 por cento distinguiram o aspecto político. Entre os que optaram pelo social, a maior parte das respostas veio de pessoas com mais de 54 anos (80,5 por cento) e pertencentes às classes baixas (78,4 por cento).

A ideia que os portugueses fazem dos brasileiros que surgem nas telenovelas foi outro dos objectivos desta sondagem. Os resultados revelam que 43 por cento dos inquiridos estão convencidos

Trinta e oito por cento dos inquiridos viu todos ou grande parte dos episódios da telenovela



Os personagens de Vale Tudo são tão verdadeiros que se reconhecem em qualquer dia do Rio deJaneiro

As telenovelas brasileiras não afectam o Português

À quarta pergunta da sondagem sobre a telenovela brasileira "Vale Tudo", relacionada com a influência que esta poderia ou não exercer na nossa língua, 43 por cento dos inquiridos responderam que não, enquanto cerca de 54 por cento se pronunciaram afirmativamente, metade concordando plenamente e a outra metade só em parte. A propósito desta questão - uma velha questão - ouvimos a Dra. Maria Helena Mira Mateus, uma especialista em Linguística, que nos disse:

«A minha opinião é que não há nenhuma má influência: nem no léxico, nem na pronúncia, nem na sintaxe.

A língua que se fala em Portugal e no Brasil é a mesma. Posso admitir que existem normas utilizadas no português falado no Brasil, diferentes do português que nós falamos, como também acho natural a adopção, no nosso país, de algumas novas expressões. Mas daí a podermos concluir que tenha havido uma influência acentuada na nossa maneira de falar pelo facto de ouvirmos com frequência, na televisão, a fala dos brasileiros, vai uma grande distância. Não, não concordo que a telenovela brasileira tenha uma má influência na nossa língua».

de que eles são diferentes de nós em alguns aspectos, enquanto 26,1 por cento reconhecem que os brasileiros são totalmente diferentes dos portugueses, contra os 27,3 por cento que afirmam serem eles iguaizinhos a nós.

Os maiores adeptos da diferença total são as pessoas entre os 25 e os 34 anos (30,1 por cento) e que pertencem à classe média superior (28,3 por cento). Entre os que defendem a diferença em alguns aspectos, a maior fatia de respostas cabe aos que se situam entre os 35 e os 54 anos de idade e que pertencem às classes alta e média alta. Já entre os entrevistados que reconhecem os brasileiros como iguais aos portugueses, o maior número de respostas veio de pessoas com 25 a 34 anos de idade (28,9 por cento) e pertencentes às classes baixas (32,9 por cento).

À pergunta que procurou caracterizar os aspectos em que os brasileiros mais se diferenciam de nós, e na qual os entrevistadores utilizaram 18 diferentes factores de aferição, o conjunto de respostas mostra que os portugueses consideram os brasileiros «mais naturais» (12,4 por cento), «mais despreocupados» (13,2 por cento), «diferentes no profissionalismo» (11,9 por cento) e que «representam melhor» (11,3 por cento).

Outras diferenças focadas: «mais naturais» (12,4 por cento), «mais alegres» (6,9 por cento) ou «mais liberais» (5,5 por cento).

Uma caracterização nem sempre pacífica, como se pode ver entre os 5,8 por cento de entrevistados que reconhecem os brasileiros como pessoas diferentes no aspecto e no estilo de vida. Esta diferença é defendida em força pelos mais jovens (24,7 por cento), enquanto os de meia idade (dos 35 aos 54 anos) contabilizam apenas 1,4 por cento das respostas favoráveis a esta diferença. Por classes sociais, esta imagem do brasileiro diferente no aspecto e no estilo de vida registou a seguinte pontuação: 5,4 por cento para as classes alta e média alta, 2,2 por cento para a classe média superior e 11,7 por cento para as classes média inferior e baixa.

Não há prejuízo para a RTP

Diz-se que a telenovela brasileira prejudica a produção nacional da RTP. No entanto, 42,9 por cento das pessoas inquiridas na sondagem afirmam não concordar com essa opinião, contra 22,6 por cento que a defendem plenamente e 26,8 por cento que reconhecem esse prejuízo em parte.

Entre os que não concordam, atinge maior expressão a faixa etária dos que têm 54 anos ou mais (57 por cento) e os que pertencem à classe média superior. Já entre os que admitem que a telenovela prejudica em parte a produção da RTP, salienta-se a faixa etária dos 18 aos 24 anos, com 44,4 por cento das respostas, e as pessoas que pertencem às classes média inferior e baixa. A última pergunta, sobre a má influência da telenovela na nossa língua, registou 42,9 por cento de respostas discordantes, contra 27,1 por cento que reconhecem plenamente essa má influência e 26,8 por cento que a admite em parte.

Nota-se, aqui, uma enorme discrepância de opinião entre os jovens e os mais velhos. É que 35,2 por cento das respostas que admitem essa má influência vêem da faixa etária dos 18 aos 24 anos, por contraponto aos 61 por cento das respostas de quem não a admite, registados na faixa etária dos 54 anos ou mais.

Ficha técnica:

Amostra *constituída por 300 entrevistas telefónicas a maiores de 18 anos residentes nas regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto, recolhidas por oito entrevistadores nos dias 23 e 24 de Janeiro.*

Margem de erro *de mais ou menos 5,7 por cento a 95 por cento de probabilidade.*

A maioria dos portugueses nunca foi ao Brasil. No entanto, 70% dos inquiridos diz que a telenovela dá uma imagem fiel da sociedade brasileira

«Vale Tudo»: o espectáculo da realidade

Em Lisboa vê- se mais telenovela do que no Porto

Lá, nunca se sabe quando a novela imita a realidade, ou quando a realidade vai no trem da *novela*. Aqui, nunca se apura ao certo o como e o porquê da *telenovela* brasileira a entrar nos espaços abertos ou fechados de todos nós. Lá, a *novela* é o jogo de espelhos, o retrato do contemporâneo, o termómetro da gíria, do corpo e da cabeça. Aqui, a *telenovela* entretém como história inventada, ficção produzida, sem nada de mais do que uma rotina repetida depois do telejornal, horário chamado «nobre» no Brasil.

Nada a ver, a telenovela em Portugal, como a «Usina dos Sonhos» de Drummond de Andrade descrita em homenagem e memória de Janete Clair, que foi mulher de Dias Gomes e amada autora de novelas, acima do bem e do mal dos heróis e vilões que fazia evoluir pelos ecrãs do país inteiro. O Poeta tinha ternura e complacência pela invenção do género e do estilo, e assim lhe chamou, por voar imaginando os sonhos acordados pela novela aos cidadãos do Brasil sombrio de quotidiano. E não chegou o Poeta a assistir a «Vale Tudo», porque se ainda estivesse vivo, mais lhe chamaria pesadelo do que sonho, caótico, escancarado - e, como muito em breve veremos, delirante - espectáculo de um certo Brasil demasiado verdadeiro, hoje degradado de honra e de valores.

Vale a pena por «Vale Tudo» lembrar códigos iniciáticos que nos acontecimentos brasileiros se tenham traduzido nestas tramas de luz e sombra situados em acção no Rio de Janeiro da novela, pela arte do seu principal autor. Gilberto Braga, que já conhecemos de «Água Viva» e de «Dancing Days», inspirou-se desta vez quando no final de 1987 a vontade de emigrar do país em crise tomou conta dos cidadãos comuns (lembram-se de como este impulso chegou a Portugal?). «Vale Tudo» nasceu quando a hemorragia de pedidos de saída do Brasil tomou conta dos noticiários, e Gilberto, depois de um serão de família em que ao assunto se acrescentava o desespero de alguém de repente despedido do emprego, sentiu que essas e outras coisas seriam um bom motivo para escrever uma novela. Com Aguinaldo Silva e Leonor Bassères, fez uma história, a três cabeças e seis mãos, em sinopse acabada em Março de 1988, pronta para o primeiro episódio, que logo se apresentou na TV Globo, no mês de Maio.

Eles decidiram investigar a fundo uma maneira de transmitir a angústia dos brasileiros, e a sua sobrevivência com dignidade. Inventaram os personagens, tão reais que os reconhecemos nos percursos de um dia a dia qualquer daquele Rio de Janeiro repartido entre Zona Sul e Zona Norte, onde nenhuma complacência tem mais vez. Situou-os na corrida atrás da inflação, nas ânsias pelos trabalhos dos Constituintes que nesse mês de Outubro chegariam à forma final da Democracia instituída, e também nas questões dos costumes em revolução de minorias, nos jogos do poder, do dinheiro da corrupção. Os personagens são temperados de instabilidade, e usam linguagem de grão-fino, gíria de subúrbio, ou palavreado da juventude da Zona Sul, tudo tão verdadeiro que por isso se sente, afinal, a grande agilidade da Língua Portuguesa viva, e vale «Vale Tudo».

Assim, aconteceu o mistério da multiplicação de audiência, nos mais de 5 milhões de telespectadores brasileiros. A novela chegou a índices de 88%, dez pontos a mais no Rio de Janeiro do que a supercampeã «Roque Santeiro», que tanto êxito teve em Portugal. Empolgados, os autores de «Vale Tudo» passaram do retrato caricatural da realidade presente para a criatividade delirante. Daqui a pouco, estaremos aí em episódios a ver-lhe a evolução felizmente longe no doce Portugal, a muitos qulómetros de distância de tanta malvadez.

E partindo do feliz princípio de que este realismo não é o nosso, deu muita vontade de saber, afinal, como estamos de diversão e opiniões a propósito de telenovelas brasileiras, e de «Vale Tudo» quase em auge. Por isso inquirimos 300 pessoas de Lisboa e Porto, nas cidades e povoações em redor, repartidas por faixas etárias acima de 18 anos, e abordadas pelo telefone. São as mulheres o público fiel à telenovela, e sobretudo as que vivem em localidades de até 3 mil habitantes não perdem nenhum episódio do enredo. Essas são 41,7% das assíduas, contra os 33,6% dos homens também «viciados» em novelas.

Há mais espectadores na Grande Lisboa - 39,4% do que no Grande Porto - 35,1%, mas são mais em Lisboa os que nunca assistiram a uma novela - 14,1%, do que no Porto - 10,4%. Mais as mulheres do que os homens, e mais no Grande Porto do que na Grande Lisboa pensam que a telenovela apresenta uma imagem fiel da realidade brasileira, e acham que os brasileiros são muito diferentes de nós.

Nem toda a gente julga, ao contrário do que se diz, que a telenovela prejudica a produção nacional, sabendo nós que nem sempre é cumprida pela RTP a lei que exige 2/3 de exibição estrangeira, no máximo, para cada produto nacional a apresentar como programa de ficção. A maioria dos inquiridos que assim responde à sondagem encontra-se na Grande Lisboa. E são também 50% das mulheres de Lisboa que repudiam a ideia de que aquilo que se diz, e como se diz, na telenovela, tenha má influência na nossa Língua Portuguesa de Portugal.

A maioria dos portugueses acha que «Vale Tudo» reflecte a realidade brasileira, sobretudo no aspecto social, o que pode demonstrar o quanto está distante de nós o acontecimento político ou a questão económica que tanto faz sofrer os cidadãos no presente daquele país. Aqui, as pessoas dizem que os brasileiros são muito diferentes de nós. A saber: mais naturais, alegres, despreocupados e liberais do que os portugueses. Pensam-nos diferentes no profissionalismo, e têm a opinião de que os brasileiros representam melhor do que os nossos actores.

Verdade ou mentira, não se sabe se as ideias são justas, ou as certezas certas. Seria sem fim a discussão sobre o assunto. Para quem saiba as duas linguagens, o grande desafio é a descoberta da verdade, acreditando que cada um tem a sua. E que esta de «Vale Tudo», não é a nossa, Graças a Deus.

Leonor Xavier

A telenovela em exibição no primeiro canal da RTP teve no Brasil, mais audiência que «Roque Santeiro»

GRANDE ANGULAR

É mulher, vive numa localidade até 10 mil habitantes, não perde um episódio da «Vale Tudo» e está-se nas tintas para os alegados malefícios das telenovelas

O típico noveleiro

Os fanáticos da telenovela «Vale Tudo», 38 por cento dos inquiridos nesta sondagem Euroteste/ «DL», não perdem um único episódio. Mas, o curioso, é que essa atracção não é idêntica entre os dois sexos, para Lisboa ou o Porto ou, ainda, entre os residentes de uma pequena, média ou grande localidade.

De facto, são muito mais as mulheres (41,7 por cento) do que os homens (33,6 por cento) que vêem a telenovela, com vantagem para os residentes na Grande Lisboa (39,4 por cento) sobre os do Grande Porto (35,1 por cento). Por habitat, vê-se que o maior número de adeptos (45,2 por cento) vive em localidades de dois a 10 mil habitantes e que o menor número (31,6 por cento) vive em agregados com mais de 100 mil habitantes.

Já entre os que vêem apenas alguns episódios, não existem significativas diferenças entre sexos e mantêm-se as proporções relativas registadas para a região e habitat entre os ferrenhos da «Vale Tudo».

		SEXO		REGIÃO		HABITAT (000)			
	TOTAL	Masculino	Feminino	Gr. Lisboa	Gr. Porto	Até 2	2 a 10	10 100	Mais 100
TOTAL	**300**	**138**	**162**	**205**	**95**	**54**	**49**	**84**	**113**
P. 1 — Com que frequência tem acompanhado a telenovela brasileira «Vale Tudo» que a televisão tem vindo a apresentar?									
Todos episódios ou uma parte deles	38.0	33.6	41.7	39.4	35.1	43.2	45.2	39.2	31.6
Alguns episódios, de vez em quando	49.0	48.3	49.6	46.4	54.6	41.1	49.0	47.4	53.9
Nunca viu esta telenovela	13.0	18.1	8.7	14.2	10.4	15.8	5.8	13.4	14.5
P. 1a — Em sua opinião, pensa que a telenovela «Vale Tudo», em particular, retrata ou dá uma imagem fiel da sociedade brasileira actual?									
B: Viram	261	113	148	176	85	45	46	73	97
Sim, perfeitamente/totalmente	33.0	26.9	37.7	31.4	36.4	60.9	18.1	35.1	25.5
Sim, em parte	37.5	51.1	27.2	42.7	26.9	16.2	40.0	41.1	43.7
ou Não	12.7	10.6	14.3	13.6	10.9	11.1	10.5	16.1	11.9
Não sabe/Não responde	16.7	11.4	20.8	12.3	25.9	11.8	31.3	7.7	18.9
P. 1b — Em sua opinião esse retrato é mais fiel...									
B: Retrato fiel	184	88	96	130	54	35	27	55	67
no aspecto político?	10.0	10.2	9.8	12.1	4.9	4.6	9.1	6.5	16.1
no aspecto económico?	13.8	15.3	12.4	18.2	3.0	20.4	8.3	15.6	10.9
ou no aspecto social, no seu todo	71.2	69.3	72.9	67.7	79.5	62.0	82.6	75.2	68.0
Não sabe/Não responde	5.1	5.2	5.0	2.0	12.6	13.0	—	2.8	4.9
P. 2 — Em sua opinião, pensa que os brasileiros que surgem nas telenovelas são diferentes dos portugueses? São...									
TOTAL	**300**	**138**	**162**	**205**	**95**	**54**	**49**	**84**	**113**
Totalmente diferentes?	26.1	19.8	31.5	22.0	35.1	28.5	23.6	18.0	32.1
Diferentes em alguns aspectos	43.0	49.5	37.4	44.5	39.6	49.3	31.7	38.6	48.0
ou são iguais aos portugueses?	27.3	25.3	29.1	30.6	20.2	22.2	39.3	42.0	13.8
Não sabe/Não responde	3.6	5.3	2.1	2.8	5.1	—	5.5	1.3	6.1

		SEXO		REGIÃO		HABITAT (000)			
	TOTAL	Masculino	Feminino	Gr. Lisboa	Gr. Porto	Até 2	2 a 10	10 100	Mais 100
TOTAL	**300**	**138**	**162**	**205**	**95**	**54**	**49**	**84**	**113**
P.2 — Porquê? São diferentes em que aspectos?									
B: Diferentes	207	96	112	136	71	42	27	48	91
Mais naturais	12.4	5.8	18.0	8.7	19.6	5.7	24.1	6.9	14.9
Mais alegres	6.9	9.3	4.9	5.0	10.6	7.3	12.5	6.1	5.4
Mais extrovertidos	3.3	3.6	3.0	2.8	4.1	—	3.9	7.1	2.5
Mais liberais	5.5	8.3	3.1	3.6	9.0	13.2	—	3.5	4.6
De cultura diferente	1.1	.9	1.2	1.2	.8	—	—	2.4	1.2
Mais experientes	5.0	3.5	6.3	7.1	.9	—	2.6	3.4	8.8
Diferentes na moda	.9	2.0	—	1.4	—	—	—	—	2.1
Representam melhor	11.3	13.7	9.3	12.2	9.6	6.2	2.7	15.0	14.4
Diferentes na língua	4.0	4.7	3.4	5.5	1.2	8.2	3.0	6.6	1.0
Diferentes no profissionalismo	11.9	16.3	8.2	13.6	8.8	7.9	18.4	18.3	8.6
Diferentes no comportamento social	3.1	4.6	1.8	4.5	.3	3.8	.9	7.6	1.1
Mais despreocupados	13.2	10.2	15.8	15.0	9.8	16.6	6.3	9.2	15.8
Diferentes no aspecto/Estilo de vida	5.8	2.6	8.4	4.0	9.1	15.4	—	3.3	4.3
Mais práticos	2.7	3.1	2.4	1.4	5.3	6.6	—	4.0	1.0
Mais realistas	1.6	.8	2.2	1.6	1.4	—	9.2	—	.8
Transmitem outra imagem	4.4	2.8	5.8	4.7	3.7	6.4	4.4	.3	5.6
Outros aspectos	2.2	3.3	1.2	2.6	1.4	—	2.3	3.8	2.3
Não respondem	3.3	3.4	3.2	2.9	4.2	—	9.7	2.6	3.4
P.3 — Diz-se que a telenovela brasileira prejudica a produção nacional da RTP. Concorda ou não concorda com esta afirmação?									
TOTAL	**300**	**138**	**162**	**205**	**95**	**54**	**49**	**84**	**113**
Concordo plenamente	22.6	24.5	21.0	19.8	28.6	29.3	26.7	16.4	22.2
Concordo em parte (ESPONTÂNEO)	26.8	25.0	28.4	24.8	31.2	22.7	25.6	27.7	28.7
Não concordo	47.4	46.1	48.4	52.8	35.7	48.1	34.1	55.8	46.5
Não sabe. Não responde	3.2	4.4	2.2	2.6	4.5	—	13.5	.1	2.6
P. 4 — Diz-se ainda que a telenovela brasileira tem uma má influência na nossa língua. Concorda ou não com esta afirmação?									
Concordo plenamente	27.1	30.3	24.3	26.8	27.6	32.9	25.0	17.1	32.6
Concordo em parte (ESPONTÂNEO)	26.8	30.8	23.3	25.0	30.7	21.2	36.1	31.1	22.2
Não concordo	42.9	33.9	50.5	45.1	38.1	45.9	29.0	50.0	42.2
Não sabe. Não responde	3.3	5.0	1.9	3.1	3.7	—	9.9	1.8	3.1

Mais abstinentes em Lisboa

No entanto, entre os que nunca viram a telenovela, é maior a percentagem de abstinentes na Grande Lisboa (14,2) do que no Grande Porto (10,4).

Em relação aos inquiridos que reconhecem que a telenovela dá uma imagem fiel da sociedade brasileira actual, as mulheres (37,7 por cento) sobrepõem-se aos homens (26,9 por cento), o Grande Porto (36,4 por cento) à Grande Lisboa (31,4 por cento), e as localidades até dois mil habitantes (60,9 por cento) às restantes, em especial as de dois a 10 mil habitantes (18,1 por cento).

No que respeita à fidelidade do retrato da sociedade brasileira, no aspecto social, feito pela telenovela, que 71,2 por cento dos inquiridos dizem reconhecer, nota-se uma maior convicção no Grande Porto (79,5 por cento) do que na Grande Lisboa (67,7 por cento). Porém, inverte-se essa tendência entre os indecisos, que não responderam: 12,6 por cento para o Porto e apenas 2 por cento para Lisboa.

Outras diferenças significativas registam-se, ainda, nas respostas dos que consideram que os brasileiros são totalmente diferentes dos portugueses: 19,8 por cento para os homens, contra 31,5 por cento para as mulheres; e 22 por cento para Lisboa, contra 35,1 por cento para o Porto.

Por outro lado, e entre os que não aceitam que a telenovela brasileira prejudica a produção nacional da RTP (42,9 por cento dos inquiridos), vê-se que a Grande Lisboa(52,8porcento)sobressai bastante em relação ao Grande Porto (35,7 por cento) e que é uma opinião muito mais generalizada nas localidades de 10 a 100 mil habitantes (55,8 por cento).

Por último, e em relação aos que não concordam com a má influência da telenovela na nossa língua (42,9 por cento dos inquiridos), vê-se que é uma opinião mais defendida pelas mulheres (50,5 por cento) do que pelos homens (33,9 por cento), e mais generalizada em Lisboa (45,1 por cento) do que no Porto (38,1 por cento).

COMENTÁRIO

O Telebrasil

No sexto episódio da série documental «Televisão-a caixa que mudou o Mundo», o narrador, a certa altura, ao descrever o impacto que a telenovela tem em todo o mundo e particularmente no Brasil insere uma pequena reportagem junto de alguns habitantes das favelas que pululam ali mesmo num morro bem pertinho do Corcovado, em cuja encosta está encravado esse colosso de produção televisiva que é a «Globo». Interrogada sobre o apreço que tem da telenovela, uma mulher mulata, rodeada de filhos com os olhos fitos no pequeno écran, deixa escapar esta resposta:«Aquilo é novela, a realidade não é essa».

Interrogados sobre a fieldade da imagem que a telenovela «Vale Tudo» transmite da sociedade brasileira actual, os portugueses entrevistados para esta sondagem do «DL» respondem na sua grande maioria que sim.

Surpreendido com tanta *certeza* por parte dos cidadãos o jornalista reflecte-me o seu fundado espanto: mas isto é possível? Se a maior parte desta gente por certo nunca foi ao Brasil, nunca estudou a sociedade brasileira, como é que reage assim tão convictamente, afirmando a correspondência da imagem dada pela telenovela?

Vem-me à memória aquela cena do filme de John Badham, «War Games»: Atónitos ante o diálogo que se trava entre o miúdo David e o computador Joshua, os homens da NASA ficam sem perceber onde acaba a ficção e começa a realidade. A intrigante questão é posta por David a Joshua : mas o que está a acontecer (o desencadear da guerra) é um jogo ou é real ? Friamente, Joshua responde «E qual é a diferença ?»

Agora, aqui, o que está por responder é quem tem razão: a mulher da favela ou os nossos inquiridos?

Talvez ambos tenham razão .

De facto, pela leitura dos dados da sondagem, a indicação de que a telenovela dá um retrato fiel da sociedade brasileira é mais clara quando se refere ao aspecto social, onde as cotas das pessoas que assim pensam, quer nos diferentes grupos etários, quer nos diversos estratos sociais, quer por diferenciação de sexo ou até de zona geográfica, são bastante elevadas atingindo valores na ordem dos 70 a 80 por cento. E não há grandes dúvidas na opinião manifestada, pois os brasileiros que surgem nas telenovelas «são muito diferentes dos portugueses».

É nítida a confusão, na resposta, entre os brasileiros cidadãos, actores sociais, e os brasileiros actores de telenovela como se pode constatar pela leitura dos resultados. A ficção e a realidade estão baralhadas.

Mas é por este «baralhamento» que esta sondagem se torna significativa . Sem ser esclarecedora quanto aos objectivos directos da informação que pretendia recolher- a «verdade» ou inverdade das telenovelas- ela oferece dados importantes para a análise de um dos *efeitos* mais curiosos da mediatização operada através dos grandes mass media em geral e da televisão em particular: os media não reproduzem apenas os factos, os acontecimentos, as cenas.

Os media produzem os próprios quadros interpretativos da realidade. A questão não se põe em ter estado ou não ter estado no Brasil, conhecer ou não conhecer a sociedade brasileira. A televisão cria os códigos interpretativos do real. Os próprios mass media constróiem a imagem , as imagens da realidade social e deste modo - o que é um interessante tema de investigação numa sociedade fortemente mediática - eles interpõem-se à propria aquisição de conhecimentos e de representações da realidade. Ao longo de 20 anos a telenovela já *produziu conhecimento* no seu público sobre o Brasil. O Brasil é o TeleBrasil.

Os media nas sociedades modernas têm um contributo decisivo para a construção da realidade. Eles produzem quadros cognitivos, «lentes» de leitura do que acontece, do *valor* das pessoas e das coisas.

E isto não é só a propósito das telenovelas ou da sociedade brasileira aí retratada. É a propósito das novelas, dos políticos, dos governos, dos intelectuais, dos polícias, ou das mulheres ou dos putos das nossas ruas, do *bom* do nosso Soares ou do *mau* do nosso Cunhal .

José Manuel Paquete de Oliveira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

Num país civilizado, qualquer dos personagens de «Vale Tudo» seria condenado, pelo menos, a dez anos de cadeia

GRANDE ANGULAR

O tempora, o mores!

Da nossa correspondente no Rio de Janeiro

Um belo dia, Fátima se cansa de Foz do Iguaçu, onde viveu a traumática experiência de ser neta de um homem honesto. Vende a casa da família e vem embora para o Rio, deixando ao relento a maezinha dedicada; dá um golpe num motorista de táxi que queria lhe dar o golpe da tabela nova, e usa de todos os artifícios para tirar vantagem da relação com César — disposto, por sua vez, a se aproveitar ao máximo dessa moça aparentemente rica. A mãe aflita se despenca para o Rio em busca da filha. Pega num táxi que quer lhe cobrar cinco vezes o preço normal de uma corrida da Rodoviária ao Catete, é roubada por um trombadinha, vai para uma delegacia, onde se confronta com o descaso das autoridades e com as aflições do síndico de um prédio (que foi assaltado do primeiro ao último andar) e, por fim, se hospeda com o ex-marido, adorável trambiqueiro que lhe quis extorquir uma pequena fortuna no dia do enterro do pai bem-amado.

Eis aí, em linhas gerais, o *lay-out* da trama de Vale Tudo, uma novela tipicamente brasileira, que causou grande reboliço quando estreou, aqui, nos idos de 1988. Num país civilizado, qualquer de seus personagens pegaria pelo menos dez anos de cadeia, com excepção, talvez, de Raquel, mãe de Fátima, que, depois de tudo, ainda insiste em acreditar na honestidade da filha (e na viabilidade do Brasil). Esta seria apenas internada numa instituição para doentes mentais. Mas a grande novidade em Vale Tudo não foi trazer o caos moral da nação para a novela das oito; foi, apenas, tratá-lo criticamente. Pois a verdade é que, há tempos, a televisão chafurda, feliz, na mais completa sordidez. Não há novela em que os mocinhos não violem a correspondência alheia ou vasculhem gavetas que não lhes pertencem, em atitudes outrora restritas aos piores vilões. Trair maridos ou amantes virou brincadeirinha, mais ou menos como casar por dinheiro — declarado intuito de três simpáticas heroínas numa novela das sete.

Trair maridos ou amantes virou brincadeirinha, mais ou menos como casar por dinheiro

Claro que, como de costume, a ficção não faz mais do que imitar a realidade. Mais do que a calhordice explícita (e fictícia) dessa novela mal comportada das oito, me preocupa a calhordice tranquila (e real) da televisão bem comportada: sorridentes canalhas apresentando programas de sucesso no horário nobre e brilhando nos telejornais, Sérgio Mallandro (um «actor» processado por estupro) conduzindo um infantil (!) e competindo com — céus! — a Xuxa... Ou, para ficarmos só no universo das novelas, a total extinção de fronteiras entre o bem e o mal e o certo e o errado — consequência não só de um colapso ético, mas também (ou sobretudo?) da falta de domínio da dramaturgia pelos nossos «escritores», que não têm ideia do que seja um «personagem rico».

Para não incorrer no antigo maniqueísmo, que fazia de cada bandido um patife de escol, e de cada mocinho um anjo de candura, os roteiristas misturaram o baralho — mas não aprenderam a dar as cartas. O resultado é que, hoje, o melhor herói tem mais de vilão do que qualquer Noriega, mas, como tem também uma carinha bonita, a galera não se incomoda e aplaude suas cafajestadas, enquanto torce para que ninguém descubra que a mocinha está corneando o marido com o melhor amigo. Mesmo porque, a essa altura, já sabe que o marido é um crápula. O melhor amigo também, mas ninguém é perfeito: somos, aliás, muito imperfeitos. Só isso explica que tenha sido preciso uma caricatura tão exagerada dos nossos costumes, como Vale Tudo, para nos darmos conta do ponto a que chegámos.

O melhor herói tem mais de vilao do que qualquer Noriega

Cora Ronai

FORUM

CARTAS
NA MESA

O NEO-OLIVARISMO

Na mesma prancha de livreiro onde avisto Kundera, Garcia Márquez e Teolinda Gersão, encontro, já espanhol-espanhol, um volume sobre o banqueiro Conde, e outro sobre os Albertos. Isto pouco depois de ter visto, na televisão, no «Acerto de Contas», entrevistado por alguém que o vocativava, portuguesissimamente, de «dr.», o mesmo Conde, falar nos seus interesses já também portugueses, falar no conjunto ibérico, e dizer, pedagógico, que um banqueiro é um empresário como qualquer outro.

É evidente que nem o banqueiro dr. Conde quer fazer mal à prancha do meu livreiro, nem é inédito que o *marketing* editorial se alongue até às biografias de destacados financeiros, nem o excelente «Acerto de Contas» faz mal em entrevistar um banqueiro espanhol que se instala em Portugal, dando-lhe, aliás, um vocativo que terá, grega, a ironia, e, portuguesa, alguma cuidadosa distância, nem um banqueiro, porque o é, deixa de ser, como diz o dr. Conde, no mínimo formalmente, um empresário.

Artur Portela

Mas há nisto tudo circunstâncias novas, surdas deslocações de placas deste continente, «clacs» de que o nosso destino, o'neillmente, vai mudar, se quiserem: está a mudar, e para o que um ou outro de nós, no jornalismo de que se quer este jornal, temos o dever de chamar atenções.

Claro que o banqueiro dr. Conde, a chegada a Portugal do banqueiro dr. Conde, da sua entrevista, do seu livro, do seu discurso, tudo isto é já o Mercado Único. Nem, banqueiro estrangeiro, é o único, nem é o primeiro. Mas é, decerto, espanhol, o mais destacado, o mais garrido, o mais pessoal.

Aquele que traz duas coisas para nós novas: o estilo e a consciência da península.

O brilhantismo.

E um desafogado iberismo.

Rudolfo Valentino.

E o neo-duque-de-olivarismo.

Breve: o neo-olivarismo.

O estilo deste estilo é a inteligência do futilismo. A prova de que o futilismo, a futilização, a sociologia «Hola», não são mais do que uma alegoria da caverna: as fotografias a cores dos semanários fúteis são sombras de coisas mais sérias e mais implacavelmente profissionais.

O neo-olivarismo, ele, é a lógica, hoje banqueira, do sr. Conde Duque de Olivares: a Europa é a nossa recusa de que o Atlântico Norte nos engula, na tenaz com o resto do mundo, mas a Península Ibérica é a nossa recusa de que a Europa, ela, nos engula, na tenaz com o Atlântico Norte e com o resto do mundo.

Para isso, há que ser-se banqueiro (que é ser-se um empresário como outro qualquer), desde que se seja espanhol, bonito, e Conde.

Razão têm aqueles que, em Portugal, se associaram com o dr. Conde.

Que já começou a dizer-nos, até livrescamente, quem é.

Porque também ele, habilmente fútil que pareça, sabe muito bem o que quer de Portugal e para onde ibericamente vai. Ou por onde, ibericamente, vai.

Portanto, há, nisto, para nós, duas saídas: ou nos deixamos ser terminal dócil de faxe de vontades antípodas e transatlânticas ou levantamos ibericamente a cabeça, no núcleo duro que pode ser o iberismo.

Com a vantagem de, neste subcontinente financeiro que é a Península Ibérica, podermos escolher.

Não tanto entre o eng.º Belmiro de Azevedo e o dr. Roquete, que é, ele, já, um banestista, mas, directamente entre a biografia do dr. Conde e a biografia dos Albertos. Destes ou doutros Albertos.

Mais: com as vantagens inteiramente suplementares que nenhuma RFA, nenhum Japão, nenhuns EUA, nos dariam, - a de fazermos sociologicamente, culturalmente, o «merging» «Olá»-«Hola» e a de construirmos um mercado mundano-mitológico de 60 milhões de pessoas.

Como ser Conde e triunfar nos negócios.

Como ser Plácido Domingo, não cantar, não saber exactamente quem é Nabucodonosor II, ter menos vinte quilos e parecer Michael Douglas maquilhado de Ramón Novarro.

É um estilo.

É já um estilismo.

Um novo episódio da telefábula portuguesa «Traz & Traz», agora no desafogo do *set* peninsular.

Há nisto uma lógica: a da fábula da rã.

Começámos com um neoliberalismo dos pobres, tipo «jaquinzinho» frito, o cavaquismo. Se quiserem, o «cavaquinzinho» frito.

A entrada do novo personagem que é o dr. Conde, abre a etapa seguinte desta «jacquerie» da pequeno-burguesia: a praça é toda a Península e a sorte, o risco, a glória, é a da movida financeira.

El Cordobés vai às Bolsas mundiais.

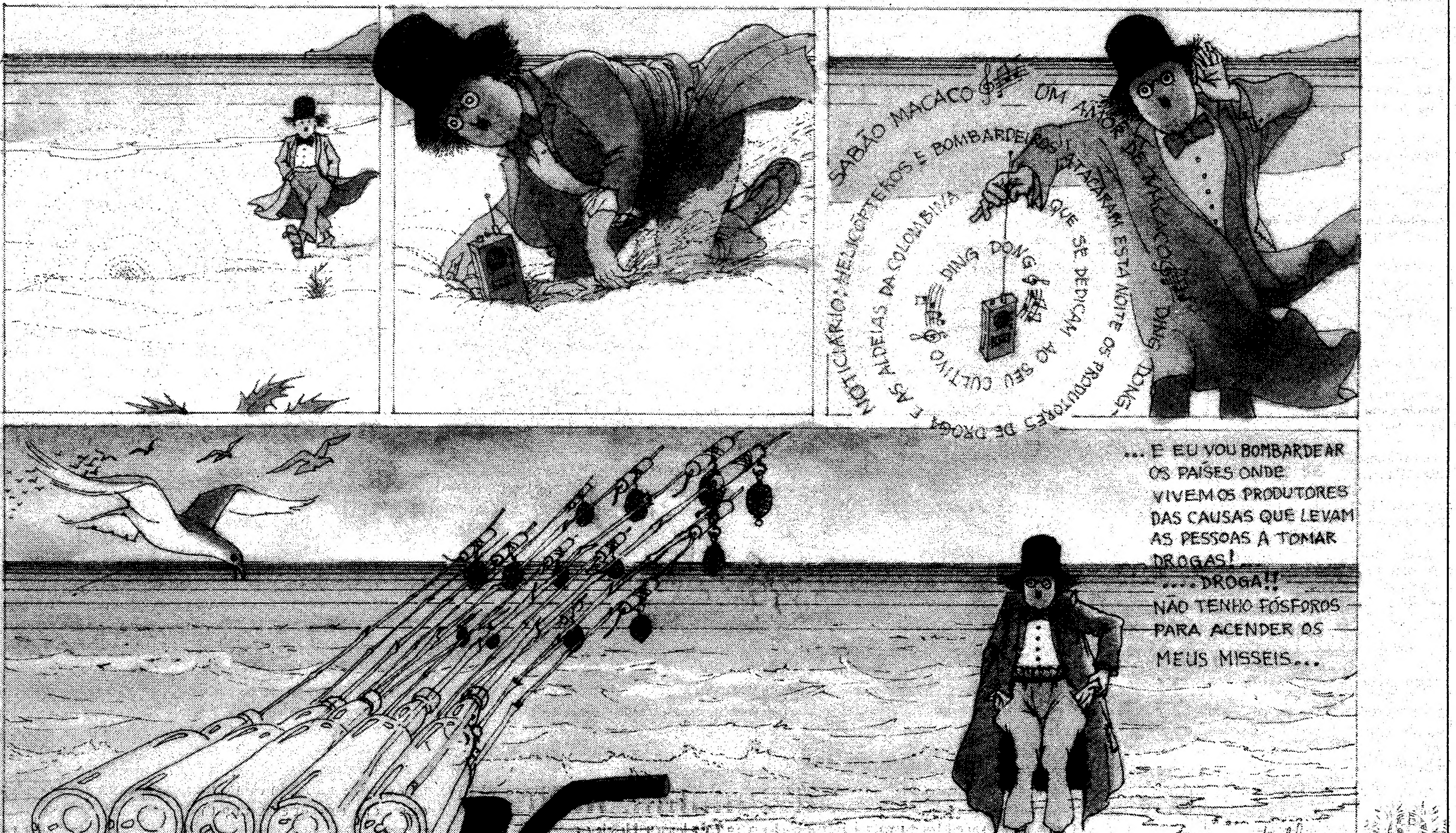
Levando, de troféus, e de avales, um rabo de Espanha, e uma orelha de Portugal.

Dir-se-á que a alternativa é endossar o nosso futuro, patrioticamente, ao eng.º Belmiro de Azevedo.

Há, no entanto, quem defenda que, com o devido respeito pela economia de mercado na qual se movem o dr. Conde e o eng. Belmiro de Azevedo, a alternativa passa por um outro filme histórico, que a Cinemateca ainda não tem, mas que a Europa está já - como Lisboa, parece, compreendeu - a rodar.

«D. COISO DE SÃO PARLAPITO»

Cartoon de António Alfredo



EDITORIAL

Posfácio (com recado a Soares)

Continuação da 1ª Página

Um comentarista amigo de S. Bento traduziu para os telespectadores incautos o recado do primeiro-ministro: se o Presidente não incomodar o Governo... Ou seja, a abstenção de Cavaco Silva nas presidenciais tem por contrapartida o exercício apagado da presidência. Mário Soares já indicou que, enquanto existir maioria absoluta do PSD na Assembleia da República, se remeterá a um perfil discreto, compensado pelo uso dos poderes simbólicos em exuberantes cerimónias públicas. Mas tudo indica, a começar pelos resultados das autárquicas, que o 19 de Julho de 1987 não se repetirá.

Quererá Mário Soares manter a imagem de um presidente hiperconsensual, mas remetido a uma função de representação, de um presidente eleito por sufrágio universal e directo, mas que, finalmente, exerce a sua missão à maneira e semelhança dos presidentes escolhidos pelo Parlamento? Ou seja: Soares tem ou não um designio próprio para um eventual segundo mandato? Sandro Pertini ou François Mitterrand (na fase pós-coabitação)?

Em qualquer caso, é inegável o preciosismo táctico da promessa de Cavaco Silva: o seu gesto visa impedir, no momento próprio (isto é, após os maus resultados do PSD nas autárquicas) qualquer tentativa de emergência de Belém. E tem, sobretudo, o mérito de fazer das fraquezas forças, propondo a Soares um contrato leonino: a troca de uma candidatura inexistente pela garantia de uma presidência tipo Rei de Espanha.

M.M.

Apoio de Cavaco a Mário Soares é considerado sinal de fraqueza

Pinto Leite aplaude e Freitas mantém três hipóteses de escolha

O cenário das eleições presidenciais tinge-se de cor-de-laranja: a recandidatura de Mário Soares poderá ter o apoio dos sociais-democratas. Cavaco Silva anunciou este fim de semana que admite a hipótese de não apresentar candidato próprio (ver texto em anexo), o que pode colocar o PS na difícil posição de ter de jogar em conjunto com o seu mais directo adversário.

Mesmo assim o PS reagiu depressa à notícia de ter de compartilhar o seu candidato «natural e já anunciado». Todos os dirigentes socialistas que contactámos foram unânimes em considerar que a porta-aberta pelo primeiro-ministro representa «um sintoma de debilidade», incapacidade implícita de apresentar candidato próprio - e também reconhecimento de que o Presidente da República «exerceu um tipo de magistratura» que não deixa margem a contestações, nem a outro candidato credível. Entretanto o CDS medita; o PCP reune hoje para tomar decisões sobre tal matéria, enquanto dirigentes e personalidades de esquerda que contactámos se refugiaram em posições de princípio, boa forma de salvaguardar uma resposta difícil, que apenas Vasco Pulido Valente e Paulo Portas assumiram - com todas as letras.

CDS: três tipos de liberdade

Freitas do Amaral aguarda. Segundo disse ao DL só «depois de reunir a direcção do CDS» tomará posição sobre as declarações do líder social-democrata. E, na moção que preparou para ser discutida no congresso dos centristas, que se realiza a meados de Março, traça três cenários: liberdade de voto, apoio a uma «candidatura alheia» ou apresentação de um candidato próprio, «da área centrista», como nos disse, mas sem fornecer mais detalhes.

António Pinto Leite aplaude e apoia explicitamente a recandidatura de Mário Soares: «O sistema político português é beneficiado com o tipo de magistratura que o Presidente da República tem exercido; por isso ele merece o meu apoio caso mantenha tal tipo de actuação», disse ao DL o presidente da distrital de Lisboa do PSD.

«Aguardo que Mário Soares declare se quer ou não recandidatar-se e que se pronuncie sobre os termos em que tenciona exercer o seu segundo mandato», acrescentou Pinto Leite, no que pode ser entendido como um recado a Belém, para que Presidente da República explicite se aceita ou não o anunciado apoio dos sociais-democratas.

Dos Açores também já veio apoio: «Mário Soares está a prestar um grande serviço a Portugal; a margem de apoio que reune como Presidente da República, em qualquer parcela do território nacional, exige que se mantenha no cargo», disse Mota Amaral em entrevista à Antena 1. Para o líder social-democrata açoriano o PSD «deve apoiar e insistir com Mário Soares para que continue em Belém».

Como irão os socialistas digerir tal colagem? Manuel Alegre pareceu incomodado quando o interrogámos: «Se o PSD não apresenta candidato próprio o problema é dele; a isso só posso dizer que votem como entenderem», disse.

«Mário Soares é o candidato natural do PS, é fundador do partido, sempre a ele esteve ligado», lembrou. «A posição que o primeiro-ministro agora anunciou só demonstra que o PSD não tem candidato capaz de ganhar as presidenciais, numa debilidade que já era conhecida, mas que mais uma vez se exprime», concluiu Manuel Alegre.

Mário Sottomayor Cardia, agora apenas «militante de base do PS», como fez questão de referir, refugiou-se numa constatação irónica. «O que é que o PSD havia de

Paulo Portas e Pulido Valente: Sem outro remédio

Trabalharam no mesmo jornal, depois separaram-se mas, apesar das divergências políticas, fazem análises semelhantes: Vasco Pulido Valente e Paulo Portas condenam o anunciado apoio de Cavaco a Soares, também eles o consideram sinal de fraqueza e atitude de quem nada mais conseguiu fazer:

«O líder do PSD não tinha nem criou nenhum candidato contra Soares e está em tal estado de fraqueza que não pode criar candidato nenhum», afirma Vasco Pulido Valente.

O antigo comentador de «O Independente» considera estranho que o primeiro-ministro tenha divulgado a sua posição pessoal «antes de levar o caso ao congresso do PSD, coisa que nenhum líder faz, e sem que tenha existido qualquer prova de confiança», vinda de Belém.

«Antes das eleições o primeiro-ministro podia ter aproveitado alguma popularidade de Soares, ou podia ter mantido a sua posição ambígua durante mais algum tempo; mas agora comprometeu-se, e fê-lo na pior altura, porque não aproveitou uma oportunidade que lhe proporcionasse qualquer benefício», disse Pulido Valente.

«Divulgar tal posição a seguir a uma semana em que Soares teve de intervir para salvar a pele de Cavaco em relação aos militares, representa um puro sinal de fraqueza, demonstra a total incapacidade do PSD para ter um candidato próprio e, um ano antes das eleições, nada mais é do que um belo quadro de derrota», concluiu.

Paulo Portas é ainda mais radical na condenação: «Isto é mais do que uma rendição, Cavaco acha que pode fazer de conta que as presidenciais não existem, entregou-se sem condições e vai propôr a um partido - que ainda é o maior de Portugal - que não tenha candidato próprio».

Vasco Pulido Valente

O director-adjunto de «O Independente» acha que Cavaco Silva «foi generoso com Soares», mas Soares não lhe vai agradecer, «porque em política não há gratidão» e, em tom chocarreiro acrescenta:

«Ao anunciar esta decisão o primeiro-ministro manietou-se, ficou com o bebé nos braços, sem perceber que o bebé é ele e não Soares - pois não sabe com quem se meteu».

Jorge Sampaio: «Uma situação invero

«O PSD manifestamente não tinha candidato presidencial. Para um partido que pretende ser maioritário, era pelo menos uma situação inverosímel, só que a sua dimensão já não é a de 1987, mas aquela que decorre das duas últimas consultas eleitorais», disse Jorge Sampaio ao DL, na primeira tomada de posição pública sobre a «colagem» dos sociais-democratas à candidatura de Soares, apoiada em primeiro lugar pelos socialistas.Para Jorge Sampaio «não espanta que o PSD se tenha que aproximar de quem, muito naturalmente, representa o maior consenso nacional possível, para as funções que exerce».

«Pela parte do Partido Socialista sempre definimos - no VI, VII e VII congressos

Jorge Sampaio

PSD quer evitar tensões entre o Governo e Belém

Cavaco Silva considera que o povo português apoia maioritariamente «a forma como o dr. Mário Soares tem exercido a sua presidência» e, nas declarações que prestou ao «Expresso», a completar uma longa entrevista também publicada por aquele semanário, afirma que no próximo congresso do PSD vai «propôr que o partido não apresente qualquer candidato», caso o actual Presidente da República se recandidate.

Justifica também tal posição alegando que o seu partido «deve adoptar uma postura ditada exclusivamente pelo interesse nacional e abster-se de contribuir para o desenvolvimento de tensões entre o Governo e o Presidente da República».

Finalmente Cavaco lembra «o desafio que a Europa de 1992 coloca» e guarda para as legislativas de 1991 uma «concentração de esforços».

«Não concluam que eu e o Presidente da República estamos sempre a concordar em tudo», refere Cavaco, «mas temos sabido ultrapassar as diferenças e, até, as eventuais dificuldades». O primeiro-ministro disse ainda que «à volta do Presidente» podem estar «pessoas interessadas em criar dificuldades no relacionamento» entre ambos.

Televisão para a Igreja

A atribuição de um canal de televisão à Igreja Católica foi outro ponto abordado na entrevista.Cavaco lembrou que o programa do Governo contempla tal situação «dado o seu peso na sociedade portuguesa». Admitu a concessão «de um espaço próprio» em canal público ou privado, mediante decisão da Assembleia da República

Interrogado sobre a possibilidade de, futuramente, existiram dois canais públicos e outros tantos privados, disse que «estudos técnicos» garantem tal possibilidade, admitiu a participação de capitais estrangeiros - «mas não mais de dez por cento» - e de novo remeteu uma decisão final para as leis a criar no Parlamento.

fazer para além disto», perguntou, acrescentando que «factos reais não se aceitam nem se recusam, verificam-se apenas...»

Ironia (que aliás lhe é habitual) foi também a arma usada por Nuno Brederode Santos, da Comissão Política do PS, para comentar as declarações de Cavaco:

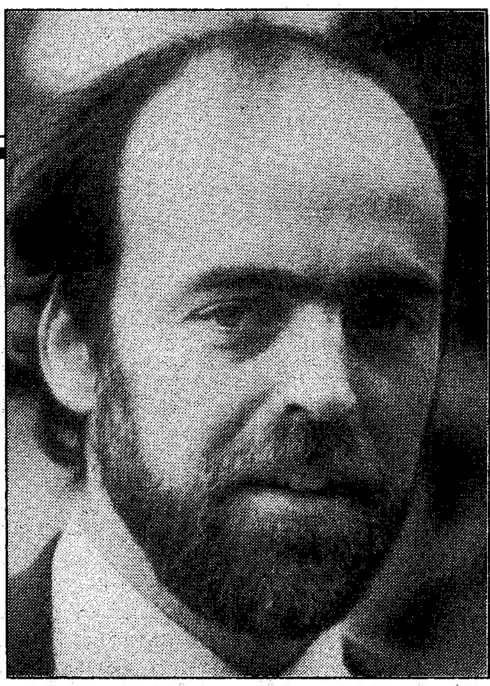
«Um partido com a dimensão e as ambições do PSD que não tenha um candidato para o lugar de Deus, eu posso entender, porque o cargo não existe, ou está ocupado *ad-divinis*; agora que não tenha recursos, nem horizontes, nem possibilidades de disputar a presidência da própria República que governa, isso é que me parece difícil de justificar», disse.

«Em todo o caso, entendo que a declaração é positiva, sob todos os aspectos em que possa ser encarada, no sentido em que a magistratura de Mário Soares não deixou, até agora, qualquer margem para uma contestação viável».

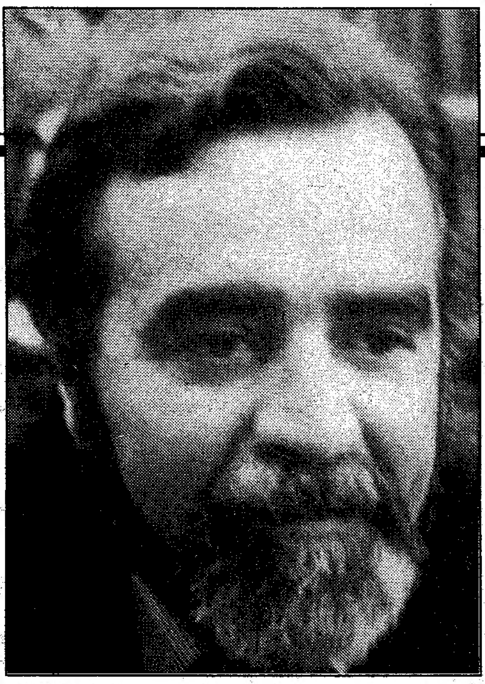
«Acho que Cavaco Silva reconhece - embora depois de todo o povo português o ter percebido em duas eleições sucessivas - que o resultado de 1987 foi um bambúrrio, e nada tem a ver com a realidade sócio-política do Portugal de hoje», acrescentou.

Marques da Costa, porta-voz do Partido Socialista, em declalarações ao DL, considerou que Cavaco Silva ao anunciar apoio do seu partido à recandidatura de Soares «tem, como sempre, uma concepção errada dos processos democráticos».

«Acreditar que um conjunto de princípios, ideias, valores e concepções para a sociedade portuguesa, protagonizados numa eleição presidencial, minam a estabilidade do regime e as relações entre o Presidente da República e o primeiro-ministro, é um absurdo, porque a democracia constroi-se no confronto de opiniões e no respeito pelos sufrágios», disse.



António Pinto Leite



Manuel Alegre

Para além disso Marques da Costa acha que a «adesão do PSD à recandidatura de Soares, a confirmar-se, não representa apenas o apoio à sua pessoa e ao modo como tem exercido a função presidencial, mas também o reconhecimento de todos os valores que a esquerda democrática sempre defendeu, que Mário Soares representa, e dos quais a direita sempre se demarcou».

«O PSD abdica desses princípios porque os subvaloriza face à urgência da sua sobrevivência, o que a direita nunca lhe perdoará», afirmou.

Carlos Carvalhas, da Comissão Política do Comité Central do PCP também critica: « Parece-me significativo que o PSD e o cavaquismo, depois da derrota presidencial e do resultado das eleições para o Parlamento Europeu e autárquicas, chegue a 1990 sem candidato presidencial», disse ao DL.

«Este resultado não é alheio à política de arrogância, de negativismo e de desigualdades, que conduziram à redução da sua base de apoio e à perda significativa de credibilidade», afirmou ainda. Carlos Carvalhas prestou estas declarações a título pessoal. A posição oficial dos comunistas só será divulgada hoje , depois da reunião do orgão executivo do Comité Central.

MGL

símel»

e, ainda mais recentemente, na Comissão Nacional de há 15 dias -, o dr. Mário Soares como candidato a quem o partido apoia e apela para que se recandidate», continuou.«Em todas essas instâncias e por toda a parte, dentro do partido, isso é pacífico, sem qualquer voto contra. «Apraz-nos registar que o dr. Mário Soares nunca se renegou como socialista, mas conseguiu demonstrar uma notável isenção, no desempenho das suas funções».

«O exercício delas não lhe trouxe qualquer usura e, pelo contrário, o seu prestígio tem subido constantemente no eleitorado, contrariamente ao que acontece em outros lados. Por isso a posição do senhor primeiro-ministro não nos incomoda e de alguma maneira significa que o PSD não pode, necessariamente, deixar de ir a reboque da situação». concluiu.

Cavaco Silva

Futuro dos monárquicos resolvido no congresso

A crise no interior do PPM, resultante da saída de Augusto Ferreira do Amaral do directório do partido só deverá ficar definida após a realização do congresso. Entretanto, o líder demissionário anunciou que não se recandidatará a qualquer cargo na Comissão Política, escusando-se no entanto a adiantar o nome do seu sucessor.

A crise no seio dos monárquicos instalou-se com a decisão de Ferreira do Amaral, tomada no passado fim-de-semana, em Coimbra no decorrer do Conselho Nacional do partido. «Fui confrontado perante um facto consumado» - a atitude de Luis Coimbra- «o que se traduziu numa situação insustentável para mim, visto que fui eu que negociei o acordo com o PSD», disse Ferreira do Amaral ao DL.

A aceitação por parte de Luis Coimbra, vereador do PPM na Câmara Municipal de Lisboa, do pelouro da Iluminação Pública foi precisamente a causa principal da sua decisão.

O líder monárquico assegurou-nos que estava ao corrente das negociações que decorriam no Município lisboeta, contudo afirmou que «a aceitação definitiva foi da responsabilidade de Luis Coimbra. Ele antecipou-se à opinião do Conselho Nacional».

Solidariedade

Para o ex-líder monárquico, a sua demissão do directório justifica-se pelo facto de «no entendimento havido entre o PPM e o PSD estar definida uma colaboração estreita e solidária de carácter político entre os dois partidos para o próximo ano e meio». No seu entender, «a partir do momento em que o PSD delineou uma estratégia de não aceitação de pelouros, se na CML o PPM o fizesse estaria a haver falta de colaboração».

Quando os social-democratas anunciaram a possibilidade de revogarem o acordo tudo se agudizou. «A não aceitação de pelouros era uma questão de princípios para o PSD. Isso mesmo me disse Cavaco Silva», explicou Ferreira do Amaral que viu na sua demissão a atitude mais acertada perante um PPM que concordou com o comportamento de Luis Coimbra. Na sua opinião, o partido está a fazer «uma revisão de estratégia. E é essa mudança de estratégia que dificulta a minha presença no directório».

Luis Coimbra reage

Para o vereador monárquico na CML, a aceitação do pelouro não foi tomada isoladamente, «foi conversada com figuras destacadas do partido e inclusivamente com Ferreira do Amaral».

Relativamente às exigências dos social-democratas, Coimbra disse que estes «não se podem querer do PPM um alinhamento mais forte do que aquele que foi pedido nos tempos da AD».

O vereador considerou «prematura» a atitude assumida por Ferreira do Amaral e acrescentou que o PPM teria «tudo a ganhar se não tivesse feito o acordo». Na sua opinião, o entendimento do PPM com o PSD no Verão passado foi «uma inflexão temporária na orientação do partido que desde 1985 decidiu adoptar uma estratégia de autonomia».

Francisco Salgado Zenha

Eanes e Zenha: Uma questão de princípios

Um foi Presidente da República, o outro candidato. Ambos estão afastados da vida política activa - e tanto um como outro se escudaram em posições de princípio quando o DL quis saber que opinião tinham sobre o possível apoio do PSD à recandidatura de Soares.

Salgado Zenha fez uma declaração curta, em jeito de quem fica incomodado com a pergunta: «Nem sei se o Presidente se vai ou não recandidatar! Sou um simples cidadão, quando chegar a altura tomarei a atitude que achar mais conveniente», disse. E mais não quis acrescentar.

Ramalho Eanes também escolheu a posição de quem vê a cena política à distância: «O PSD tem todo o direito de tomar a posição que entender, cabe aos cidadãos aceitá-la, ou não», disse.

Mas depois de enunciar tal princípio, Eanes continuou: «Os sociais-democratas possuem, naturalmente, a sua estratégia; em função dela tomam a atitude política que melhor entendem, mas tal decisão deve ser considerada na dupla perspectiva da estratégia e da liberdade, legítimas, de decidirem de uma ou outra maneira», afirmou o antigo Presidente da República.

Em sua opinião a anúncio feito por Cavaco Silva «deve ser entendido dentro da essencialidade da acção política e da luta pelo poder que, no caso do PSD, inclui a manutenção da sua expressão governamental».

João Soares: mais dois dias internado

João Soares deverá ter quarta-feira alta da clínica de Todos os Santos, onde sexta-feira foi submetido a duas intervenções cirúrgicas, ao maxilar e a uma das pernas, qualquer delas prevista em consequência do acidente da Jamba e da assistência hospitalar que lhe foi prestada na África do Sul. Baptista Fernandes e Nascimento Baptista chefiaram as duas equipas que operaram João Soares. A sua recuperação «vai melhorando», afirmou esta manhã ao DL a enfermeira responsável daquele estabelecimento de saúde.

UDP critica Governo e Cavaco Silva

A UDP qualificou o governo social-democrata de «anti-social, anti-nacional, arrogante e elitista», impondo-se «mais unidade na acção para arrancar alterações de política e abreviar o consulado de Cavaco Silva», afirma a União Democrática Popular em comunicado, dando conta das decisões tomadas em conselho nacional. O primeiro-ministro também criticado por «se colar à pré-candidatura de Mário Soares». Reunido sábado e ontem em Lisboa, aquele órgão da UDP destacou «a ineficácia no combate ao desastre ecológico da Madeira, o fracasso na negociação dos preços e salários e o destempero das privatizações com novos impostos».

«Os Verdes» culpam Executivo

A falta de legislação adequada e de uma política ambiental está na origem dos desastres ecológicos que têm ocorrido, nos últimos tempos, em Portugal - acusam «Os Verdes», que reuniram o seu conselho nacional no último fim-de-semana. Esta órgão dos «Verdes» concluiu que «o Governo é o responsável pelos últimos desastres ecológicos, as cheias e a 'maré negra' de Porto Santo». Projectos de «grande impacte ambiental», como o caso da via do Infante e da barragem de Montesinho, são criticados pelos «Verdes».

MDP/CDE quer melhores resultados

O MDP/CDE considera possível obter melhores resultados eleitorais. Daí ter defendido a organização do partido «de uma forma mais eficaz», no debate deste ponto que foi um dos principais assuntos do Encontro Nacional de Delegados. A reunião do órgão máximo entre congressos lançou pistas de reflexão no sentido de «projectar a imagem real do partido de forma a permitir alcançar resultados eleitorais». A ordem de trabalhos integrou ainda a preparação do próximo congresso, ainda sem data marcada.

"Há algo de podre no reino do poder local"

Do presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Manuel Aguiar de Carvalho, recebemos a seguinte carta:

«Publicou o quotidiano que V.Exª dirige, em 26 de Janeiro, e sob o título «Há algo de podre no reino do poder local», afirmações atribuídas ao senhor Inspector Geral do IGAT, completamente erróneas, não fundamentadas e atentatórias da minha dignidade.

Assim, e conforme cópia do documento oficial do inquérito ao município da Figueira da Foz, o relatório conclui que « não se mostram procedentes as acusações formuladas contra o sr. presidente da Câmara, pelo que não se propõe a tomada de qualquer medida.»

O sr. presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz sabe que já publicámos uma rectificação e nos penitenciámos do erro cometido, porque disso informámos o seu assessor de imprensa. Não deixamos, por isso, de reafirmar o desmentido pela voz do ofendido. Acrescentamos que o relatório da Inspecção do ministério da Administração do Território não encontrou provas de que o sr. presidente da câmara mantivesse ligações, no período do seu mandato, à empresa Impressora Económica, fornecedora do município, assim como não provou que tenha autorizado o seu adjunto João Marques a deslocar-se à República Federal Alemã em seu proveito particular.

Em relação ao vereador Abel Machado, a Inspecção também não provou haver ilícito no facto da empresa Abel Machado & Cª Lda., de Coimbra, fornecer bens e serviços ao município da Figueira da Foz, por não se ter provado que o referido vereador tenha estado na origem de qualquer dos fornecimentos feitos.

INES debate futuro da esquerda

«A Esquerda e o desafio da nova década» é o tema do debate que o INES promoverá na tarde do próximo sábado, no Instituto Franco-Português, em Lisboa, que contará com a presença de personalidades representativas de diversas correntes.

Nesta primeira grande iniciativa do Instituto de Estudos Sociais, participam Vital Moreira e António Hespanha, militantes comunistas ligados, respectivamente, ao «Grupo dos Seis» e «Terceira Via», o socialista Joaquim Mestre, o «pintasilguista» Boaventura Sousa Santos e Francisco Louçã, líder do PSR. O membro do Comité Central do PCP, Manuel Gusmão, da revista «Vértice», declinou o convite.

Não é ainda líquido que a assembleia de aprovação dos estatutos do INES se realize no dia 17, como estava previsto. No entanto, fonte contactada pelo «DL» assegurou que a sessão terá lugar até ao final do mês. Entretanto, uma outra iniciativa, um seminário sobre comunicação e cultura, está já a ser preparado.

PS foi ultrapassado na Comissão de Economia

Lei das privatizações perdeu o consenso pelo caminho

A Lei-Quadro das Privatizações, que constitui o ponto-forte da semana parlamentar, será votada na próxima quinta-feira, em condições substancialmente diferentes das previstas em função do debate na generalidade travado há uns meses.

A diferença fundamental é que o Partido Socialista, viabilizador das privatizações na Constituição e autor de um dos projectos aprovados na generalidade, pode votar contra a Lei-Quadro que, saída da Comissão de Economia, sobe agora a plenário para votação final global.

A abstenção dos socialistas, pelo menos, é mais que garantida.

Os responsáveis socialistas na comissão, Manuel dos Santos e Helena Torres Marques, já trataram de divulgar profundas divergências quanto ao texto que está a ser elaborado para votação, à laia de aviso à navegação sobre o sentido do seu voto.

Esta é uma das leis que, não exigindo embora maioria qualificada de dois terços, se pensou pudesse aprofundar os consensos estabelecidos entre socialistas e sociais-democratas em sede de revisão constitucional. Só que tal não parece possível, como acentua a nota de Manuel dos Santos e Helena Torres Marques:

«Face à forma como têm decorrido os trabalhos na especialidade- diz essa nota distribuida à Imprensa—*é já certo que o diploma final, aprovado pela Comissão, não reflectirá um consenso democrático entre as principais forças políticas e, consequentemente, não resultará numa síntese dos dois diplomas em discussão que foram, recorde-se, ambos aprovados na generalidade pelo plenário da Assembleia da República».*

O projecto socialista integra uma série de exigências que não constavam da proposta do Governo nem foram contempladas no texto final, tais como:

—*a audição prévia dos orgãos representativos dos trabalhadores;*

—*a proibição de aquisição de acções das EP's a privatizar por membros do Governo, deputados, gestores de empresas públicas e membros da Comissão das Privatizações;*

—*a criação, no âmbito parlamentar, de uma sub-comissão permanente para acompanhamento do processo;*

—*o reconhecimento do direito de associação dos trabalhadores para efeitos de aquisição e gestão de partes do capital;*

—*a participação dos trabalhadores nos futuros orgãos sociais;*

—*a segurança do emprego nas empresas a privatizar e a garantia de todos os direitos e regalias específicas decorrentes da contratação colectiva ou dos usos nas empresas em causa.*

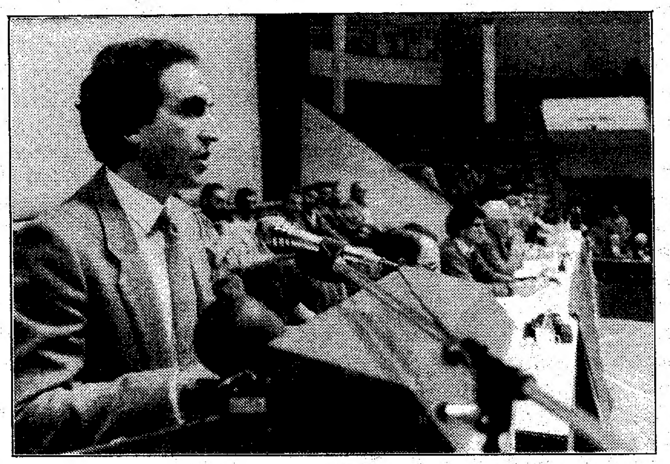
Muitas destas propostas foram liminarmente eliminadas na Comissão, dizem os representantes do PS no debate na especialidade, o que se terá traduzido na «*adulteração total da filosofia enquadradora do projecto socialista, aprovado na generalidade».*

Para além desta importante Lei-Quadro, na perspectiva do futuro ordenamento dos grupos económicos, a semana parlamentar inclui no seu calendário, já para a sessão de amanhã à tarde, uma proposta do Governo e três projectos da Oposição convergentes na intenção de reduzir o horário semanal de trabalho.

Actualmente, a semana máxima de trabalho permitida por lei é de 48 horas, regime praticado em muito poucos sectores da actividade económica, e os projectos pretendem reduzi-la, em medidas diferentes, até ao máximo de 42 horas.

PCP vai interpelar Governo sobre fundos comunitários

A aplicação e gestão dos fundos comunitários constituirá o tema central da interpelação ao Governo decidida este fim-de-semana pelo PCP nas jornadas parlamentares realizadas em Lisboa.



Carlos Carvalhas: em questão os fundos da CEE

A iniciativa, prevista para Março, não se limitará a denunciar a «ineficiência e ineficácia dos fundos malbaratados». De acordo com o deputado europeu Carlos Carvalhas, que se deslocou expressamente a Portugal para intervir nas jornadas parlamentares, a interpelação sugerirá medidas de actuação neste âmbito.

Os comunistas continuam a defender a diversificação da economia portuguesa e é essa perspectiva que vão uma vez mais apresentar na Assembleia da República. No entender de Carvalhas, para corresponder aos crescentes desafios da concorrência, o nosso País deve diversificar produtos e mercados.

Neste quadro, o parlamentar comunista está a preparar um parecer a apresentar à Comissão de Economia sobre o «acordo multifibras», no qual sugere apoios específicos às indústrias dos países periféricos, sobretudo Portugal. Segundo revelou ao «DL», a Comissão Europeia considera necessário um estudo sobre a indústria têxtil portuguesa. Porém, apesar de se disponibilizar financeira e tecnicamente para o elaborar, nenhum passo foi dado nesse sentido pelo Governo.

Nas jornadas parlamentares do PCP, cujo objectivo era «relançar» a actividade do Grupo Parlamentar, foram ainda analisadas outras iniciativas legislativas a empreender brevemente, como os projectos sobre direitos dos trabalhadores e garantias sindicais nas empresas e a Lei de Bases da Saúde.

Segundo Carlos Brito, líder da bancada comunista, as jornadas não se destinaram a introduzir alterações na estrutura do Grupo Parlamentar. Os deputados terão, no entanto, tomado decisões quanto à substituição de João Labescat no cargo de chefe de gabinete do Grupo, não sendo ainda conhecido o nome do novo responsável.

Carlos Fraião defende sucessão no Congresso

Entretanto, o coordenador da Distrital de Coimbra do PCP defendeu sexta-feira passada que o problema da sucessão de Álvaro Cunhal deve ser colocado já no congresso extraordinário. Em declarações à agência Lusa, Carlos Fraião baseou a sua tese na necessidade de «acautelar o futuro do partido». Na sua óptica, está em causa a idade avançada do secretário-geral, que «não constitui obstáculo à renovação do partido».

As afirmações de Fraião não estão em completa consonância - note-se - com as decisões tomadas na última reunião do Comité Central do PCP. Então, Cunhal deixou claro que questões relativas à direcção do partido não serão colocadas em Maio. Esta posição gerou um certo descontentamento entre os diversos sectores críticos, para quem subsiste o risco de o congresso adiar uma vez mais o debate em torno da renovação.

O dirigente conimbricense apelou à participação maciça dos militantes no debate que precederá a reunião magna, assegurando que «não vai haver delitos de opinião, nem sanções dos delitos de opinião». A expulsão de Zita Seabra foi «caso único». «E teve alguma coisa de singular», disse.

A cerimónia de entrega dos cartões do PCP aos militantes do sector da saúde realizou-se no Centro de Trabalho Vitória, num ambiente mais informal do que é hábito.

Os comunistas da Organização Regional de Lisboa (ORL) que trabalham nos sectores da saúde receberam os cartões correspondentes ao ano de 1990-91 após um beberete convívio, para o qual, esta vez, o secretário-geral do partido, Álvaro Cunhal, foi convidado.

O líder do PCP fez uma intervenção política durante a qual expôs as principais linhas de pensamento do partido no que respeita à actual situação no País.

A reunião decorreu à porta fechada, como é habitual neste tipo de sessões.

A entrega dos cartões de 1990-91, no concelho de Lisboa, realizou-se também nas freguesias de Arroios e St. Engrácia.

Durante o fim de semana, as organizações distritais e concelhias do PCP realizaram, em vários pontos do país, plenários-convívio destinados a trocar informações sobre as resoluções da última reunião do Comité Central. Apesar de nestas reuniões não serem abordados problemas directamente relacionados com o Congresso do partido, previsto para a primeira quinzena de Maio, a dinamização das estruturas regionais e locais é encarada como uma forma subtil de manter os nós de ligação entre as bases e a direcção do PCP.

NINGUÉM TROCA 5 POR 4★ A MENOS QUE...

Seja um Hotel de 4 * que disponha em todos os quartos: ar condicionado, mini bar, telefone directo ao exterior, janelas duplas, rádio AM/FM, secador, TV a cores via satélite (para sua maior comodidade c/ controlo à distância).

E ainda... oferta de pequeno almoço buffet Americano, 24 horas room service, centro de negócios com apoio de secretariado, serviço de telex, telefax, fotocopiadora e micro computador.

A grande diferença para o Hotel de 5 está no preço...*

Quarto individual ou duplo .... 7.950$
(A 2.ª pessoa é nossa convidada).
Preço de Promoção válido para Nacionais e Empresas até 28 de Fevereiro de 1990.
Consulte a sua Agência de Viagens ou o nosso serviço de Reservas.

HOTEL LISBOA PLAZA ★★★★

JUNTO À AV. DA LIBERDADE UM NOVO CONCEITO DE HOTEL

Av. Liberdade / Tv. Salitre – 1200 LISBOA – PORTUGAL
Tel. 346 39 22 / 347 41 51 – Telex 16402 P – Fax: 371630

Cimeira luso-espanhola em espírito de acordo

Passos firmes para criação de um «lobby» ibérico

Do nosso enviado

Poderá ter nascido na cimeira luso-espanhola de Sevilha um «lobby» ibérico para actuar em Bruxelas. Foi o primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, que revelou o facto ao afirmar que, para além da já muito divulgada vontade comum de apresentar «dossiers» conjuntos à Comunidade Europeia, Portugal e Espanha vão apoiar, reciprocamente, as prioridades de cada um dos países.

Se é evidente que Portugal e Espanha têm muitos problemas em comum, em particular os que dizem respeito às questões transfronteiriças e à sua posição geográfica que os transforma em fronteira da Europa - porta de entrada e saída que lhes dá acrescidas responsabilidades, mas também invejável posição geo-estratégica -, a verdade é que são países com estádios de desenvolvimento significativamente diferentes, que determinam prioridades diferentes nas suas políticas económicas e até sociais.

Será pura discussão académica tentar verificar quem é que mais poderá beneficiar de um «lobby» ibérico estabelecido na base da afirmação da Felipe Gonzalez, já mesmo a terminar a conferência de Impresa que deu por encerrados os trabalhos da cimeira.

Aliás, os próprios objectivos dos dois países são diferentes. Enquanto Portugal visa aproximar os seus indicadores económicos e sociais da média comunitária, deixando definitivamente a cauda da Europa, a Espanha, por seu turno, quer transformar o Clube dos Sete (Estados Unidos, Canadá, Japão, Alemanha Federal, Grã-Bretanha, França e Itália) no Clube dos Oito, sendo ela o oitavo membro.

São objectivos legítimos que têm ainda a virtude de não se chocarem dada a grande diferença que existe entre os dois países na área económica e social, com uma Espanha muito mais desenvolvida nas vertentes industrial, agrícola e terciária

Mesmo no campo social é grande o fosso entre ambas as nações ibéricas. Ainda sábado passado foi anunciado que o salário mínimo espanhol passou para as 50 mil e dez pesetas (cerca de 67 mil escudos), portanto mais que o salário médio português. Refere-se ainda que os gastos do Estado com os assuntos sociais têm este ano um crescimento de 33,8 por cento, contra, por exemplo, apenas 4,1 por cento para os da Defesa.

Por conseguinte, se a Espanha tem a ganhar com a formação deste «lobby», Portugal não terá menos vantagens comparativas em lhe dar todo o seu empenhado apoio. Talvez por isso, uma cimeira que se apresentava como árida de assuntos quentes e da qual pouco havia a esperar tenha, ao fim e ao cabo, justificado as três horas meia que os dois chefes de Governo estiveram reunidos logo no primeiro dia, prolongando bastante para além de todas as expectativas o contacto incialmente previsto.

Uma cimeira de entendimento que poderá determinar a constituição do «lobby» ibérico. Na foto, os sorrisos dos dois primeiros-ministros.

Gás morno

Estamos, assim, perante um importante salto qualitativo nas relações luso-espanholas: um estreita e intensa cooperação que se segue a séculos de diferendos, contenciosos e conflitos político e económicos. E nem aquele que era, à partida, o ponto mais quente da cimeira - o problema do gás natural - deixaria de ser apresentado pelos dois governantes como um assunto morno.

De facto, perante a posição portuguesa de o gasoduto entrar pela fronteira Norte e a espanhola dele entrar pela do Sul, as duas delegações decidiram remeter para uma comissão mista a análise do problema. Segundo Cavaco Silva trata-se de abordar a questão *«de uma maneira integrada»*. Gonzalez apoia-o e acrescenta que há que *«procurar respostas eficazes num espírito de solidariedade»*.

Estão em confronto nesta matéria interesses divergentes. Por um lado, o gasoduto é um elemento estratégico para o desenvolvimento industrial português. Sem infraestruras neste domínio e com uma boa parte da sua indústria situada a Norte do Tejo, é evidente que a Portugal interessa que o gasoduto entre pelo Norte, com acesso à rede transeuropeia, que tem como principal fornecedor a União Soviética.

A Espanha, por seu turno, tem no Sul do país instaladas as suas infra-estruturas de transporte de gás e como fornecedor preferencial a Argélia, num negócio que já lhe começa a ser prejudicial (e que, portanto, lhe interessa rentabilizar) por não ter capacidade de utilização dos volumes de gás contratados.

Estamos, portanto, perante um problema de difícil resolução. Talvez, a exemplo do que aconteceu com a electricidade, uma solução final acabe por ser encontrada pela iniciativa privada. Um primeiro passo foi já dado na parte portuguesa com a constituição, em Setúbal, de uma empresa destinada a explorar o transporte e comercialização de gás e de que fazem parte a Gás de Portugal, a Enagás, a Petrogal e a Companhia de Seguros Bonança.

Se se pode arriscar um palpite é o de que o novo espírito ibérico, baseado na solidariedade (que o mesmo é dizer, também no apoio ao mais fraco), a capacidade espanhola de investimento e de resposta aos desafios, a possibilidade de Portugal ter acção determinante na resolução de uma prioridade do país vizinho no âmbito do «lobby» agora constituído, são elementos que podem forçar uma resolução favorável a Portugal e que não tem de passar forçosamente pelo beco, aparentemente sem saída, de o gás entrar pelo Norte ou pelo Sul.

Victor Leitão

Sargentos queixam-se

«O novo sistema retributivo é lesivo dos direitos e interesses dos sargentos, já que não produz aumentos para a generalidade dos interessados, principalmente os que têm mais anos de serviço», afirma a Associação Nacional dos Sargentos. Assinalando sábado, em Lisboa, o «31 de Janeiro», também chamado «Dia do Sargento», milhar e meio dos presentes trataram de questões associativas, deontológicas e profissionais, queixando-se de «várias desigualdades».

O artigo número 31 da Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas foi considerado «extremamente restritivo» pela Associação Nacional de Sargentos, que admite o facto de se ter, neste caso concreto, «ultrapassado os limites constitucionais». Isso mesmo é, aliás, «unanimente reconhecido pelos diversos grupos parlamentares», acrescenta a Associação Nacional de Sargentos.

A celebração desta data no Entroncamento e em Évora também demostrou a pujança desta classe das Forças Armadas que se diz preocupada com «o agravamento das desigualdades entre os vários postos decorrentes da aplicação do novo sistema retributivo».

«Há até desigualdades dentro do mesmo posto», afirma a Associação Nacional dos Sargentos no mesmo documento, que desmente «com indignação os valores de aumento propalado pelo Governo».

Livre circulação de pessoas

Do nosso enviado

Um primeiro passo para a livre circulação de pessoas entre Portugal e Espanha vai ser dado dentro em breve. A cimeira de Sevilha decidiu criar um grupo de trabalho que vai escolher um ponto fronteiriço onde a passagem de pessoas não estará sujeita aos habituais procedimentos de controlo. As cautelas de que se rodeia esta matéria tem a ver essencialmente com o tráfico de droga e com o combate a outros tipos de criminalidade. Uma *«ampla convergência de pontos de vista em matérias relevantes»*, segundo disse Cavaco Silva, caracterizou a cimeira luso-espanhola de Sevilha. Eis os principais resultados dessa convergência:

Comunidade Europeia: exigência de apoios específicos face à posição periférica de Espanha e Portugal; apoio à construção do mercado único e da União Económica e Monetária dentro de um espírito de coesão económica e social; continuação da política dos fundos estruturais depois de 1992.

Leste e EFTA: solidariedade para com as transformações políticas e económicas que se verificam no Leste, mas sem que daí resultem prejuízos para o auxílio económico e financeiro a Portugal e a Espanha. Vontade de incrementar as relações comerciais com os países da EFTA.

Relações internacionais: tornar mais forte e determinante a posição ibérica, num contexto europeu, de relacionamento com África, América Latina e zona do Mediterrâneo.

Economia: deixar à iniciativa privada o desenvolvimento das relações comerciais, no campo da troca de mercadorias e do investimento; apoiar os parceiros económicos nos seus esforços de conhecimento dos mercados espanhol e português; acelerar o desmantelamento dos obstáculo técnicos que ainda subsistem no âmbito do comércio e financeiro.

Ambiente: desenvolvimento de acções conjuntas nos domínios da detecção e do combate à poluição marítima e exigência de que a CEE e a comunidade internacional apoiem os esforços de Portugal e Espanha; programas conjuntos nas áreas da poluição industrial e da protecção dos rios internacionais; avançar na regularização do Guadiana, em particular na zona espanhola; procurar complementar no território de cada país as reservas naturais e áreas protegidas que já existem ou venham a ser criadas

Infra-estruturas: desenvolvimento de projectos comuns para as redes ferroviária e rodoviária de ligação entre os dois países, em particular nos grandes eixos trans-europeus, projectos que têm de ser comparticipados pela Comunidade Europeia; acelerar a construção das pontes internacionais Valença-Tui, Monção Salvaterra (no rio Minho), no rio Eges, em Monfortinho, no rio Caia, em Badajoz, e no Guadiana, em Vila Real de Santo António.

Cultura: cooperação mais estreita no domínio das Comemorações dos Descobrimentos; acções conjuntas na recuperação de património histórico e cultural em ambos os lados da fronteira, sendo na primeira fase abrangidos, na parte portuguesa, os castelos de Alcoutim e de Castro Marim, bem como o centro histórico de Vila Real de Santo António.

V.L.

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÊDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48$50	54$50
ALEMANHA FED. (marco)	86$95	88$15
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	3$970	4$120
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$30	125$80
(notas de 5 a 1000)	123$80	126$30
DINAMARCA (coroa)	22$50	22$90
ESPANHA (peseta)	1$313	1$433
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$70	150$20
(notas de 5 a 1000)	147$20	150$70
FINLÂNDIA (marka)	36$95	37$55
FRANÇA (franco)	25$60	26$30
HOLANDA (florim)	77$10	78$20
IRLANDA (libra)	231$60	235$60
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$967	1$022
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	247$45	251$95
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	97$65	99$15
VENEZUELA (bolívar)	3$162	3$962

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Decisão de De Klerk surge num momento de crise de liderança do movimento

Legalização coloca um dilema ao ANC

Ao legalizar o Congresso Nacional Africano (ANC), o presidente sul africano, F.W. de Klerk, vai certamente levantar o moral dos líderes africanos exilados, mas vai também criar uma serie de alternativas complicadas.

No imediato, o maior problema para o ANC assenta na maneira de responder à pressão diplomática dos Estados ocidentais que, muito provavelmente, pedirão o cessar da luta armada contra a minoria branca e a abertura de negociações.

A política do ANC, inscrita na declaração de Harare, centra-se numa negociação bilateral conducente ao abandono das armas.

A organização afirma que quer uma solução negociada e pacífica mas só negociará quando todas as condições por ela apresentadas - incluindo a libertação de prisioneiros e o fim do estado de emegência - forem um facto inequívoco.

A declaração de Harare, aprovada no final de Agosto, ganhou o apoio dos países não alinhados.

Os países ocidentais concordaram com a maior parte das revindicações declaradas mas não se mostraram contentes em relação à luta armada. É por isso que vão agora aumentar as pressões sobre o ANC para que o movimento desmobilize as suas forças guerrilheiras em troca do reconhecimento da sua legalidade.

O ANC alega que não pode arriscar-se a desarmar a sua força de guerilha, «Umkhonto we Sizwe» (A Lança da Nação), sem um empenhamento recíproco de Pretória.

De preferência o ANC gostaria de ver os seus guerilheiros, usualmente conhecidos por MK, oficialmente desmobilizados sob a protecção de um estatuto de combatentes, assim como o sucedido com as forças guerilheiras no fim da guerra da Rodesia.

Cepticismo da MK

Mas o líderes do ANC já admitiram que a luta armada tem mais a ver com a retórica do que com realidade, considerando os limites da sua capacidade de retaliação ao poderoso exército sul-africano.

Líderes da Umkhonto reconheceram em Lusaca que a operacionalidade da organização ficou muito reduzida depois da saída, no ano passado, de Angola e da Tanzânia.

Líderes da MK, como Joe Modise, Chris Hani e Ronnie Kasrils, não se opõem publicamente ao empenhamento do ANC nas negociações com Pretória, mas estão cépticos quanto às possibilidades de êxito dessas diligências..

O núcleo guerrilheiro formou um «lobby» poderoso com o ANC, particularmernte entre a jovem geração de militantes exilados, que foram treinados para conquistar o poder pela insurreição armada.

o ANC enfrenta também o dilema da escolha de arriscar o regresso dos seus 35 membros do Comité Nacional Executivo exilados em Lusaca.

O secretário-geral, Alfred Nzo, disse ao Comité em Janeiro que se o movimento for oficialmente reconhecido teria que decidir entre operar sozinho a nível legal ou continuar a manter uma presença clandestina.

Crise de liderança no ANC

Os líderes do ANC suspeitam que Pretória pretende dividir a organização em duas facções, uma «pacífica» e outra «violenta». Afirmam que estão determinados a não cair nessa armadilha.

O ANC confessa que ainda está longe de se sentir preparado para conversações pormenorizadas com o Governo sobre o futuro político do país.

A organização enfrenta uma irresolúvel crise de liderança devido à doença do seu presidente de 72 anos, Oliver Tambo, que se encontra em recuperação num hospital da Suécia, devido a um espasmo cerebral sofrido no passado mês de Agosto.

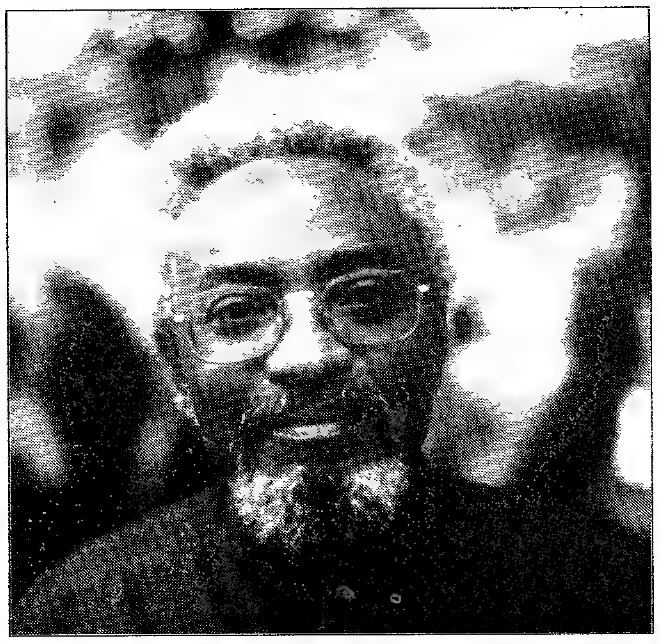
Quem o substitui na presidência do movimento é o secretário-geral, Alfred Nzo, outro exilado em Lusaca, mas sem o estilo e o prestígio que Tambo partilha com o seu colega de direito, Nelson Mandela.

Mandela é visto como o líder, de facto, da organização, assim que seja libertado da prisão, embora ele não tenha um estatuto formal no ANC.

John Morrison/Reuter
Trad. N.A.

(Ver pág. 14)

Nelson Mandela recordado por Mário Pinto de Andrade



Mário Pinto de Andrade, escritor, findador do MPLA

"... Corria o mês de Março de 1962. Terminada a guerra da Argélia, aguardávamos em Rabat, toda ela a fervilhar na expectativa do desfecho das lutas de tendências que atravessavam o espectro ideológico da **FLN** (Frente de Libertação Nacional argelina), a chegada de um "ilustre prisioneiro" do governo francês, recém-libertado: Ahmed Ben Bella.

Foi então que Marcelino dos Santos, Aquino Bragança, Amália Fonseca e o signatário deste testemunho tiveram o raro privilégio de receber na sede da **CONCP** (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas) dois dirigentes do **ANC**, Nelson Mandela e Robert Resha que, pela primeira vez, vinham assimilar a experiência do combate do povo argelino e solicitar o concurso activo das suas instâncias político-militares.

Durante largos dias de fraternal convívio, transmitimos o conhecimento e a práctica já por nós adquiridos nas relações com o **Grupo de Casablanca** (integrava a RAU - República Árabe Unida-, Marrocos, Guiné, Ghana, Mali e o Governo Provisório da República Argelina), que constituía a referência incontornável do imaginário progressista em África. No debate assim instaurado, desde logo nos apercebemos da profundidade e clareza do projecto libertador bem como da força de convicção que animavam as intervenções de Nelson Mandela.

Coube-nos, nesse preciso momento (há, pois, 28 anos), assegurar o contacto do líder do **ANC** com Ahmed Ben Bella e, conjuntamente, participar na exaltante "peregrinação" ao santuário da guerrilha argelina, em Oujda. (...)"

Nos anos subsequentes, a história contemporânea foi registando a gesta rigorosamente heróica daquele ser negro no desmantelamento do sistema do appartheid.

Brutalmente privado de dirigir ele próprio a acção armada, o " prisioneiro de Robben Island" soube empunhar e fazer triunfar a arma de um discurso da dignidade revolucionária, predestinando-se até ao supremo sacrifício de morrer pelos seus ideais de liberdade. Discurso tanto mais necessário quanto se propagou pelo continente a pestilenta atmosfera de obscuros despotismos.

Face a este símbolo de uma resistência nacionalista já secular na África do Sul, antecipamos que Nelson Mandela, no exercício pleno dos seus direitos e deveres, impulsionará no seu país o advento de uma democracia, harmoniosamente interétnica, emblemático referente da humana universalidade.

Mário Pinto de Andrade
4 de Fevereiro de 1990

Uma fotografia histórica

Em Março de 1962, Nelson Mandela encontrava-se, na sede da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), no nº 6 da Rue Paul Tirard, em Rabat, com os dirigentes dos movimentos de libertação das colónias portuguesas.

Da esquerda para a direita: Robert Resha, já falecido, primeiro representante do ANC em Argel; Marcelino dos Santos, Secretário Geral da CONCP; Amália Fonseca, dirigente do PAIGC e membro do secretariado da CONCP; Nelson Mandela; Mário Pinto de Andrade, presidente do MPLA e, nessa qualidade, presidente da CONCP; Aquino de Bragança, membro do secretariado da CONCP.

PCP saúda ANC

Em nota do seu Gabinete de Imprensa, o Partido Comunista regozijou-se com as medidas anunciadas pelo presidente da África do Sul e «felicita vivamente» o Congresso Nacional Africano, «no momento em que a luta pelo completo desmantelamento do criminoso regime do apartheid acaba de alcançar tão importante vitória».

Evocando as vítimas da luta pela igualdade de direitos naquele país e aqueles, como Nelson Mandela, que são «dos prisioneiros políticos há mais tempo encarcerados», o PCP sublinha a história recente do povo sul-africano como exemplo de que «nunca são em vão os sacrifícios impostos pela luta».

Moscovo discute o fim do monopólio comunista

Na véspera do plenário do PCUS, hoje reunido, cerca de meio milhão de pessoas manifestaram-se na capital soviética por reformas mais profundas

O Comité Central do Partido Comunista soviético iniciou esta manhã um plenário para debater reformas fundamentais, após o líder do Kremlin, Mikhail Gorbachev, ter anunciado que o partido está pronto a destistir do monopólio do poder.

Com efeito, durante os dois dias de debates no órgão executivo do partido, o principal assunto a ser discutido será a possível abolição do monopólio do poder que lhe tem garantido a governação do país desde a revolução bolchevique de 1917.

Na véspera da reunião crucial, os pró-reformistas do partido infligiram um rude golpe ao tomarem parte numa manifestão que reuniu cerca de meio milhão de pessoas, mesmo em frente ao Kremlin, onde exigiram que a liderança avance com um programa de reformas radicais.

Boris Yeltsin, o líder da ala radical e antigo membro do Politburo, disse aos manifestantes que o partido tinha "uma última oportunidade" de mudar ou arriscava-se a ser ultrapassado. Em entrevista a um jornal, Yeltsin afirmou que, caso o partido não aceite desistir do monopólio do poder e outros dogmas "dividir-se-á e perderá autoridade para sempre aos olhos do povo. Penso que sofrerá o mesmo destino dos Partidos Comunistas do Leste europeu".

Momento decisivo

Mikhail Gorbachev profere no plenário de hoje um discurso em que apresentará as suas opiniões, tendo em conta as reformas por que têm passado os seus parceiros nos restantes países de Leste.

Este plenário, destinado a preparar o próximo congresso do partido, analisará o problema dos nacionalismos, que ameaça provocar o caos na União Soviética.

Analistas ocidentais consideram mesmo que,na eventualidade de a proposta de Gorbachev (no sentido de retirar ao PCUS o monopólio do poder) não ser aprovada, poderá instalar-se no país um clima anárquico.

A verificar-se esta hipótese, o líder soviético, consideram ainda os analistas, procurará congregar à sua volta todas as forças empenhadas na mudança, provocando uma situação de "choque", ou seja, o reforço do seu poder, para poder avançar com as reformas da perestroika.

O papel dirigente do PCUS é garantido pelo artigo 6º da Constituição soviética, cuja abolição permitirá o pluralismo político e, consequentemente a entrada em cena de vários partidos nacionais, desde há algum tempo em embrião.

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, afirmou que a demissão de Mikhail Gorbachev é uma questão que não se põe.

"A questão acerca de demissão...nunca surgiu e nem surgirá", disse Shevardnadze em entrevista ao jornal "Star", de Toronto.

Vida difícil para o PCUS

As centenas de milhar de pessoas, que ontem se concentraram próximo do Kremlin, exigiram reformas profundas e a revogação do artigo 6º da Constituição soviética.

Boris Yeltsin discursa perante centenas de milhar de manifestantes concentrados ontem na Praça Vermelha

Os manifestantes efectuaram uma marcha pacífica,organizada por um amplo leque de movimentos progressistas e nacionalistas.

As forças de segurança mantiveram-se afastadas à partida da marcha das ruas conducentes ao centro de Moscovo.

"Abaixo o artigo seis", dizia uma faixa, num apelo para o termo do monopólio do poder pelo PCUS. "Não ao fascismo na URSS" e "Liberdade para as repúblicas bálticas", diziam outros.

Segundo o jornal governamental "Izvestia", o PC da União Soviética enfrenta dias muito difíceis, "talvez os mais difíceis de toda a sua história".

Redacção "DL"/Lusa/Reuter

Novos dirigentes búlgaros

«Desejo rapidamente fazer qualquer coisa e realizar todas as esperanças que depositaram neste Governo num momento tão crítico da Bulgária», anunciou o novo primeiro-ministro ,Andrei Lukanov, eleito para o cargo pelo Parlamento, no sábado. Lukanov, de 51 anos, economista com anos de experiência governamental, é considerado um reformador. Vem substituir Georgi Atasanov que se demitiu após as críticas do congresso de emergência do Partido Comunista, por má gestão da economia. O congresso elegeu também o novo presidente do partido, Alexander Lilov, de 56 anos, substituindo Petar Mladenov que manterá a chefia de Estado. Lilov, antigo ideólogo do partido, pretende consultar os grupos de oposição para estabelecer uma «concórdia nacional» no país até às eleições pluripartidárias marcadas para Maio próximo.

Eslovenos rompem unidade

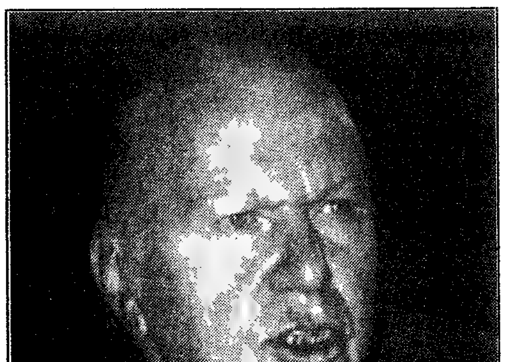
O Partido Comunista da Eslovénia declarou independência em relação ao seu congénere jugoslavo, rompendo a unidade do movimento comunista que governou o país desde a Segunda Guerra Mundial. A Eslovénia, a república jugoslava mais ocidentalizada, é a primeira das oito províncias a afastar-se da Liga Comunista, no Poder. «Isto é o fim da Liga de Comunistas da Jugoslávia como a conhecíamos», disse Ciril Ribicic, chefe do partido esloveno, depois da reunião de emergência que tomou a histórica decisão.

Lusa

Acalmando a tempestade política no país

Conselho da Frente romena aprova autodissolução

O Conselho da Frente de Salvação Nacional da Roménia foi dissolvido no passado sábado e abriu caminho ao estabelecimento de um novo parlamento multipartidário, após a tempestade política que a FSN desencadeou ao anunciar que tencionava concorrer às eleições. Cazimir Ionescu, vice-presidente do Conselho, afirmou em conferência de Imprensa que esta decisão não afectará o Governo nomeado pela Frente, que continuará em exercício até às eleições de Maio.



Silviu Brucan, um dos mais influentes ideólogos da FSN, demitiu-se assim que o Conselho da Frente anunciou a sua autodissolução

«Esta foi a última reunião do Conselho», disse Ionescu, «e, em pouco tempo, procederemos à sua reestruturação». Ionescu referia-se à sexta-feira próxima, dia em que será constituído um novo Parlamento de Unidade Nacional, de 180 membros, com 90 representantes dos partidos políticos e outros 90 representação de cidadãos de todos os sectores. A admissão dos 145 membros do Conselho da FSN surge depois de a Frente ter cedido às pressões dos 30 partidos romenos, apoiados, nas últimas semanas por numerosas manifestações populares, reclamando uma maior intervenção nos destinos do país, até às eleições. O acordo fez-se após dois dias de manifestações pro e anti-Frente, durante as quais apoiantes da FSN atacaram as sedes de dois dos principais partidos políticos na Roménia.

O novo Conselho de Unidade Nacional funcionará como órgão legislativo e terá poder para vetar decretos governamentais. Uma das suas primeiras acções será a aprovação da sempre adiada lei eleitoral.

Ao mesmo tempo em que a FSN dissolveu o seu Conselho, um dos seus mais influentes líderes, Silviu Brucan, anunciava que se demitia «com efeitos imediatos».

Num anúncio de surpresa transmitido pela agência noticiosa romena, Rompress, Brucan disse que se demitiu por considerar realizada a missão que lhe competia. Brucan, oficialmente presidente da Comissão de política externa do Conselho da FSN, era considerado um dos principais ideólogos da via seguida pela Roménia desde o derrube de Ceausescu, há sete semanas.

O antigo embaixador do país em Washington afirmou também que a nova campanha de propaganda do Governo é dirigida por alguém que serviu lealmente o ditador durante mais de 15 anos. Apesar de, ao despedir-se, não ter sabido resistir a lançar mais esta acha na fogueira, o velho político não identificou, porém, a pessoa alvejada.

Lusa

Enquanto continuam confrontos em Kosovo

PC albanês introduz reformas tímidas

O Partido Comunista da Albânia decidiu introduzir algumas reformas no país, ao mesmo tempo que protestou junto às Nações Unidas contra a chacina de albaneses na província jugoslava de Kosovo, disse ontem a agência noticiosa estatal, ATA. Esta notícia segue-se a rumores não confirmados, que circularam na Jugoslávia e na Grécia, de que teria havido manifestações de protesto na cidade de Shkoder nos dias 11 e 14 de Janeiro, tendo os manifestantes tentado derrubar uma estátua de Estaline.

Segundo a notícia da ATA, que se referia a um plenário do Comité Central realizado nos dias 22 e 23 de Janeiro, foi aprovado na reunião dar mais poder de decisão às empresas estatais, autorizar mais de um candidato a alguns cargos públicos e aproximar mais os salários de produção.

As resoluções aprovadas pelo Comité Central do partido incluiam ainda a possibilidade de um candidato comunista concorrer às eleições parlamentares, a concessão de «independência relativa» às empresas estatais, a descentralização dos planos económicos e a autorização aos camponeses de venderem os seus próprios produtos e fixarem os preços entre eles, diferentes dos do Estado.

O plenário, coerente com a intransigência que o poder mantém há mais de 40 anos, condenou «o processo de contra revolução» nos países do bloco soviético, considerando-o resultante das interferências ocidentais e soviéticas nesses países.

Em Kosovo, polícias e manifestantes de etnia albanesa continuam, violentamente, em confronto, enquanto o Exército jugoslavo ameaça usar a força para evitar a eclosão de uma guerra civil.

Enquanto milhares de manifestantes protestam, há 13 dias, contra o domínio sérvio e reivindicam a autonomia para aquela província, na qual residem cerca de dois milhões de albaneses, o vice-ministro jugoslavo da Defesa, Stane Brovet, acusa-os de tentarem separar-se do país e de pretenderem derrubar o sistema comunista, tendo afirnmado no Parlamento que o Exército «defenderá o país e o povo».

Graças ao calor da situação, que levou à morte uma trintena de albaneses, a inexpugnável Albânia protestou, há três dias, junto das Nações Unidas: «As forças policiais jugoslavas estão a abrir fogo contra uma população inocente, matando e ferindo pessoas, incluindo mulheres e crianças», protestou o ministro albanês dos Negócios Estrangeiros, Reis Malile, em mensagem enviada ao secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar.

Lusa

Por motivos de segurança nacional

Bush veta venda de empresa à China

Do nosso correspondente em Washington

George Bush utilizou, pela primeira vez, poderes presidenciais especiais para ordenar que uma empresa de Seattle, comprada há dois meses pelo Governo chinês, volte ao controlo de capitais americanos. A decisão da Casa Branca foi tomada depois de uma investigação governamental ter concluído que Pequim, a partir daquela empresa, poderia ter acesso a segredos da tecnologia aeronáutica dos Estados Unidos.

Segundo fontes da administração Bush, citadas pelo «Washington Post», a China National Aero-Technology Import-Export Corp. (CATIC) «estava a tentar obter segredos militares» através da aquisição de uma fábrica de componentes para a indústria aeronáutica. De acordo com revelações feitas por aquele jornal, a CATIC procurava especificamente tecnologia que permitisse aos chineses construir motores a jacto capazes de ser reabaste cidos em pleno voo.

O documento oficial que a presidência fez seguir para o Congresso não vai, porém, tão longe. Nele se especifica não existirem indicações de que a empresa chinesa, cuja actividade consiste na construção de aviões e mísseis, tenha utilizado a firma americana para obter tecnologia do país, concedendo um prazo de três dias para que a situação seja restabelecida. No entanto, Bush sublinha: «A minha acção neste caso faz-se em resposta a circunstâncias que envolveram esta transacção em particular. Ela não modifica a nossa política de abertura ao investimento e não constitui um precedente para o futuro no que diz respeito ao investimento directo nos EUA por parte da República Popular da China ou de qualquer outro país».

Não desencorajar investimento

Note-se o cuidado que Bush tem em especificar as razões do cancelamento. Por um lado, não deseja desencorajar o investimento estrangeiro necessário à cobertura do déficit fiscal. Esta é uma questão controversa em termos de política interna, sobretudo depois de capitais japoneses terem comprado duas verdadeiras instituições nacionais: o Rockfeller Center e a Columbia Pictures. Muitas vozes têm-se levantado exigindo maiores restrições à penetração de capitais estrangeiros. Mas Bush está, afinal, preocupado com a política externa, receando que esta medida - ditada por imperativos de segurança nacional e accionada por força de uma lei aprovada em 1988 - deite por terra a política conciliatória que, contra ventos e marés, a administração tem vindo a implementar relativamente a Pequim.

E vem a propósito recordar que a decisão presidencial vem a público num momento particularmente polémico nas relações sino-americanas. Há duas semanas, o Senado apoiou o veto presidencial que anulava uma lei que visava proteger os estudantes chineses a estudar nos EUA de serem repatriados contra a sua vontade, possibilitando a Bush agradar a Pequim. Já na semana passada, aquela mesma câmara do Congresso aprovou a aplicação de sanções que visam punir as autoridades de Pequim pelos acontecimentos que culminaram com o massacre de Tiananmen. Ao abrigo dessas medidas são suspensas as garantias financeiras às empresas americanas que tenham investimentos na China, para além da venda de equipamento militar para aquele país.

Protesto ríspido

Reagindo de imediato a esta última medida legislativa do Senado, a China apresentou um protesto formal, acusando os EUA de «não honrar os seus compromissos». Utilizando uma linguagem considerada como a mais ríspida até agora tornada pública em relação a Washington pela linha dura do Partido Comunista Chinês, o comunicado condena «o acto hegemónico do Congresso americano» e, para alguns observadores, põe mesmo em causa as duas missões diplomáticas realizadas, no ano passado, em Pequim, pelo conselheiro de Segurança Nacional, Brent Scowcroft. Largamente criticadas pela oposição, essas missões constituiram um esforço, por parte de George Bush, de relançar as relações sino - americanas, ao que tudo indica mais uma vez comprometidas.

Filipe Vieira

Candidato da oposição

Rafael Calderon vence presidenciais na Costa Rica

Rafael Angel Calderon, candidato da oposição, venceu as eleições presidenciais que se realizaram, ontem, na Costa Rica.

Segundo as projecções divulgadas pelo canal 7 da televisão costarriquenha, cerca das 21 e 20 horas locais (3 e 20 em Lisboa), Calderon deverá obter 54 por cento dos votos contra 44 por cento de Carlos Manuel Castillo, do Partido de Libertação Nacional (PLN), no Poder.

Calderon que concorreu às eleições pelo Partido de Unidade Social Cristã (PUSC), assumirá a chefia do Estado no próximo dia 8 de Maio.

Referindo-se ao papel desempenhado pelo actual Presidente Oscar Arias, prémio Nobel da Paz e considerado o principal arquitecto no processo de pacificação da América Central, Calderon declarou que iria continuar os esforços de paz na região, mas frisou que «o principal dever do Presidente da Costa Rica é antes de mais resolver os problemas do país».

De facto, a situação interna da Costa Rica é considerada pela maioria dos observadores como a principal responsável da derrota do candidato pelo partido no Poder, o PLN.

O relançamento do plano de paz de Oscar Arias, com a reunião dos cinco chefes de Estado da região em El Salvador, em Fevereiro de 1989, não foi suficiente para reforçar internamente o prestígio do PLN a braços com uma grave crise económica no país e envolvido em vários escândalos, de corrupção e tráfico de drogas.

O peso da dívida externa - superior a 720 milhões de contos - tornou inevitável a intervenção dos organismos económicos internacionais. Em Março do ano passado o Banco Mundial assinou com as autoridades financeiras do país um «programa de ajustamento estrutural», onde se previa um concessão de um empréstimo de cerca de 30 milhões de contos para o desenvolvimento e modernização da economia nacional. Ainda durante o mês de Março um outro empréstimo foi concedido pelo FMI. E em Junho a Costa Rica encontrava-se entre um dos países que iriam beneficiar do «Plano Brady», para a renegociação da dívida externa, depois do México e das Filipinas.

Todos estes factos reduziram substancialmente a margem de manobra do PLN, em época pré-eleitoral. Como se isso não bastasse, Oscar Arias - que, recorde-se, foi eleito precisamente pelo PLN - atravessava uma fase do seu mandato com fraco prestígio interno, fazendo esquecer a sua áurea de heroi nacional.

Redacção «DL»/Lusa

A queda do Muro de Berlim africano

por António Caeiro, delegado da Lusa em Cabo Verde

Winnie Mandela, acompanhado do seu advogado, fala à imprensa após ter visitado o marido

Sexta-feira, o Telejornal em Cabo Verde não começou como de costume:"O secretário-geral do PAICV e Presidente da República, camarada Aristides Pereira..."

"Hoje o mundo tem os olhos na África do Sul.", disse o apresentador. E um diplomata cabo-verdiano comentou que as medidas anunciadas por de Klerk "representam para o continente aquilo que o derrube do muro de Berlim significou nas relações Leste-Oeste".

Governantes e intelectuais africanos costumam queixar-se que, na Europa, o seu continente só é notícia em caso de catástrofes ou golpes de estado.

No último ano nem isso: as transformações nos países de Leste dominaram sempre os noticiários e apenas a independência da Namíbia e a "interminável" guerra em Angola saltaram por vezes para a primeira página dos jornais.

Centenas de pessoas morreram no início da Primavera devido a conflitos fronteiriços entre a Mauritânia e o Senegal, mas a actualidade nessa altura eram as manifestações pró--democracia em Pequim.

Dias antes do Natal, os presidentes dos Cinco países africanos de língua oficial portuguesa debateram pela primeira vez o multipartidarismo e o pós-appartheid, mas na imprensa portuguesa as páginas estavam já cheias com a invasão do Panamá e a revolta popular contra Ceausescu.

A própria visita que o Papa efectuou na última semana de Janeiro a cinco países do Sahel , entre os quais Cabo Verde e a Guiné-Bissau, foi "despachada" em muitos casos com uma fotografia e uma curta legenda.

Era como se todas as histórias de África se enredassem sem solução numa teia de miséria, conflitos étnicos e despotismo.

Sexta-feira, porém, foi diferente. Nesse dia, sem enviados especiais nem imagens em directo, a televisão experimental de um país com 350 mil habitantes podia enfim anunciar: "Hoje, o Mundo inteiro tem os olhos postos em África."

Na euforia da "boa nova", o presidente sul-africano passou na Televisão de Cabo Verde como "o Gorbachev da África austral".

Não é um Gorbachev negro, mas pelo menos é africano.

Além disso, é presidente do único país do continente africano que é efectivamente uma grande potência, e de cuja riqueza e desenvolvimento toda a África espera muito.

Mandela exige fim do estado de emergência

Winnie Mandela, mulher do líder nacionalista negro Nelson Mandela, disse ontem na Cidade do Cabo que ainda há obstáculos que impedem a libertação do marido. Winnie referiu também que, para já, e visto que o estado de emergência, instaurado há três anos, ainda não foi levantado, Mandela não aceita as condições actuais para a sua libertação.

Esta primeira reacção de Winnie Mandela ao discurso do presidente De Klerk, foi interpretada por analistas políticos sul-africanos como um compasso de espera, usado por Nelson Mandela, para provocar uma aceleração das reformas do apartheid.

No entanto, tudo indica que a situação política na África do Sul vai manter-se estável esta semana, continuando-se a aguardar a anunciada libertação do líder nacionalista. A decisão do Congresso Nacional Africano (ANC) de se manter no exílio em Lusaka, assim como os largos poderes de que o governo dispõe durante o estado de emergência, oferecem a De Klerk o tempo necessário para assimilar as reações nacionais e internacionais às suas iniciativas.

Redacção "DL"/Lusa

Exemplo de Lourdes Pintasilgo emociona assistência em Lovaina

Na cerimónia de doutoramento «honoris causa» realizada na Universidade Católica, Maria de Lourdes Pintasilgo foi apresentada como um símbolo da necessidade de união entre as pessoas

«No Dia de Natal, fomos milhões a ver nos ecrãs dos televisores um carro transportando um soldado com um cravo vermelho no cano da sua metralhadora. Não eram imagens de arquivo, captadas há quinze anos em Portugal.

Era a realidade espontânea, a realidade do povo romeno no fm de Dezembro de 1989. Um processo nascido em Portugal, em 1974, repete-se quinze anos depois no extremo oposto da Europa».

Foi com estas palavras evocativas da liberdade, que o prof. L. Bolle se referiu a Maria de Lourdes Pintasilgo, doutora «honoris causa» pela Universidade Católica de Louvain-La-Neuve.

Numa cerimónia cheia de simbolismo, de calor humano e de marcante solidariedade, perante uma assistência que não conseguiu disfarçar a emoção, três figuras foram homenageadas pela prestigiada universidade europeia: Lourdes Pintasilgo (que soube escutar os silêncios); Barbara Hendricks (que poderia ser uma diva, mas optou pelo refugiados); e Asztrik Varszegi (intransigente perante qualquer injustiça).

«No espírito da Universidade de Louvain, o doutoramento 'homoris causa' não é uma distinção de puro prestígio. É o reconhecimento de uma personalidade interessante, de uma experiência concreta, de uma fama tão sensível que se deseja constituir exemplo para a comunidade universitária. São doutores, com direito ao título» - esclareceu Pierre Macq, reitor, logo no início da cerimónia.

O silêncio dos desprotegidos

«A fivela deixou de estar amarrada. Quinze anos depois, as pessoas uniram-se para mudar o curso da sua história. É uma visão admirada, realista, mas incompleta. Não chega mudar o curso das coisas, é preciso conduzi-las. Vós sois daquelas que conduzem o curso das coisas. Através das qualidades que tentarei evocar» - disse, a propósito de Lourdes Pintasilgo, o prof. L. Bolle, que se encarregou de justificar a homenagem.

Recordando o «curriculum» de Lourdes Pintasilgo, as etapas mais evidentes da sua carreira de intervenção política e social, L. Bolle realçou que «entrara na política sem ser política. Permaneceu fiel a si mesma: independente».

E concluiu: «Sois um símbolo da necessidade da união, do realismo da gestão, da vontade de alimentar a diversidade cultural que é a riqueza das nossas sociedades, com equidade, escutando todos, mesmo os seus silêncios, mantendo-se activa, tanto na política, como na Igreja, tanto no plano nacional como no internacional».

Maria de Lourdes Pintasilgo, a primeira a receber o título «honoris causa» em Louvain, fez uma intervenção de quinze minutos baseando-se na solidariedade e na importância que ela assume em todos os domínios da nossa sociedade. Fazendo uso de uma comucabilidade que lhe é peculiar, terminou o seu discurso com duas referências: uma aos países do Leste, outra aos países mais desfavorecidos de África. Depois, emocionada, ouviu os intermináveis aplausos de uma assistência que permanecia de pé.

O Prof. L. Bolle elogiou a manifestação, por Lourdes Pintasilgo, do sentido da equidade

Justiça contra a injustiça

Monsenhor Asztrik Varszegi, 44 anos, natural de Spron (Hungria) foi outro dos homenageados. As suas actividades têm sido múltiplas.

Dirige, actualmente, uma comissão criada para reabilitar os padres condenados injustamente pelas autoridades comunistas. Paralelamente, exerce funções junto dos jovens e das famílias, ministrando formação teológica a laicos. «Foi sempre intransigente para com as injustiças. É um defensor da justiça contra a injustiça». Emocionado, ouviu as palavras que lhe eram dirigidas, provavelmente sem as perceber, por isso não falou. Limpou as lágrimas e todos viram no gesto aquilo que as palavras não transmitiram de forma tão veemente.

A simplicidade de Barbara Hendricks cativou a assistência. A vedeta, que já colocou a seus pés centenas de pessoas no Scala de Milão, no Metropolitan Opera de Nova Iorque, ou na Deutsche Opera, de Berlim, chorou, como antes não lhe acontecera em Salzburgo ou Orange. Provavelmente, foi-lhe mais difícil estar ali, em Louvain, do que na frente de grandes chefes de orquestra como Claudio Abbado, Leonard Bernstein e Herbert Von Karajan.

Na mensagem que justificava o título que a Universidade lhe concedia, foram recordadas as palavras de Karajan: «Depois de Maria Callas, nenhuma voz tem a musicalidade desta Barbara Hendricks».

«Podia viver como uma diva, mas dedica a sua vida ao trabalho, exercendo funções no Alto Comissariado da ONU para os Refugiados», foi dito no auditório de Louvain.

Barbara pegou numa folhas de papel e esboçou uma tentativa para discursar. Depois sorriu e confidenciou ao auditório: «Canto melhor do que falo». E cantou sem acompanhamento musical. Foi o que a assistência mais gostou. A sua voz é música. Só por isso, Barbara mereceu bem, ser doutorada por Louvain.

José Rui Cunha

Universidade reconduz reitor

Alarcão promete maior tolerância

Rui Alarcão foi, pela terceira vez consecutiva, nomeado para mais um mandato como reitor da Universidade de Coimbra, depois de uma segunda volta das eleições onde derrotou o outro candidato, Teixeira Dias, por 39 votos.

Ao comentar o desfecho da eleição, Rui Alarcão frisou «não ser fácil ser eleito pela terceira vez consecutiva» e referiu que o seu mandato, agora de quatro anos e o primeiro depois da aprovação da lei da autonomia universitária, se pautará pelos valores da «independência, tolerância e diálogo».

Salientou, por outro lado, que «só agora existem condições para governar colegialmente a Universidade» e que um dos seus propósitos será, efectivamente, «fazer viver a autonmia consagrada na lei».

Rui Alarcão, catedrático de Direito e conselheiro de Estado, por indicação do Presidente da República, foi eleito para o cargo de reitor, pela primeira vez, em 1982 e era apoiado pela Juventude Socialista e pela generalidade dos sectores de esquerda.

A votação alcançada por Teixeira Dias surpreendeu, todavia, a generalidade dos observadores, face aos apoios pouco explícitos com que contava, à partida. Teixeira Dias, catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia, um dos raros departamentos que tem proposto alternativas à hegemonia de Direito à frente dos destinos universitários, beneficiou de um significativo apoio dos representantes dos estudantes, facto que justifica pela sua «boa relação» com os alunos.

Contra Rui Alarcão bateram-se, este ano, Teixeira Dias e Ribeiro Gomes, ambos professores catedráticos da Faculdade de Ciências e Tecnologia pelo que esta é, juntamente com a JSD, apontada como a grande derrotada deste processo eleitoral.

Quanto ao risco de uma oposição sistemática por parte da Faculdade de Ciências, Rui Alarcão afirmou tratar-se de uma questão que o não preocupa e que vai dedicar, «grande parte» do seu tempo à resolução dos problemas daquela Faculdade, a maior da Universidade de Coimbra.

Corte de linhas sob protesto da TSF

Subcomissão parlamentar questiona secretário de Estado Albino Soares

O secretário de Estado Adjunto do ministro Adjunto e da Juventude, Albino Soares, deverá satisfazer esta semana a solicitação que lhe foi dirigida pela subcomissão parlamentar para a Comunicação Social para se pronunciar acerca do corte de linhas realizado pelos CTT com vista a impedir a transmissão simultânea de programas por rádios locais.

O secretário de Estado foi instado a fazê-lo por aquela comissão parlamentar, na passada quinta-feira, depois de elementos que a integram, designadamente sociais democratas, terem manifestado descontentamento pela atitude do governante.

Com efeito, o director da TSF, Emídio Rangel, afirmara ter informações segundo as quais a administração da empresa pública CTT «resistiu enquanto pôde» à aplicação do despacho governamental que proibe a manutenção de circuitos telefónicos destinados à transmissão, entre rádios, de noticiários em simultâneo.

De acordo com Emídio Rangel, o monopólio que os CTT detêm neste sector «obriga-os a um estatuto de neutralidade», situação essa que foi implicitamente admitida pela administração da empresa uma vez que «a sua interpretação daquele despacho era a de que legalmente não o podia cumprir».

Em causa está, tal como o «DL» noticiou, uma determinação do secretário de Estado Albino Soares, de 12 de Dezembro último - e que tem aposto um outro despacho do então secretário de Estado da tutela dos CTT, Correia de Matos, datado de 14 de Dezembro - onde se afirma, segundo a directora do gabinete de imprensa dos CTT, que a «transmissão em cadeia é claramente ilegal», pelo que os CTT «não só não devem ceder novos circuitos telefónicos, como devem fazer cessar as autorizações concedidas até ao momento, sob pena de estarem a ser coniventes com a prática de actos ilegais».

Para Emídio Rangel, ao recusar a montagem de novas linhas directas entre rádios e ao suspender as já existentes, os CTT «estão a perder grandes receitas», numa situação que o director da TSF classificou como «um acto de chantagem» sobre as rádios locais envolvidas.

«Só falta que usem o Exército, a Força Aérea ou mandem fazer bombardeamentos às emissoras», ironizou Rangel, acusando directamente o Governo de «utilizar ilegalmente empresas públicas para derimir conflitos entre o Estado e particulares, não esperando pelas decisões dos tribunais».

Francisco José Oliveira, director da Rádio Nova, do Porto, afirmou por seu turno que se está perante uma «manifesta violação da lei», porque os noticiários simultâneos são produzidos em associação pelas duas emissoras.

«Não é concebível que a lei pudesse impedir a uma rádio a emissão de programas que ela mesmo cria, embora em associação», salientou Francisco Oliveira.

Agentes da PSP-Porto já receberam salários

Os agentes da PSP da região Norte puderam já na passada sexta-feira levantar os seus vencimentos, através do Cartão Unibanco, afirmou ao «DL» um funcionário da delegação do Porto da ASP-PSP, Associação Profissional da PSP.

Segundo aquele funcionário, os vencimentos foram depositados na Caixa Geral de Depósito, mas já não a tempo de serem levantados durante o seu período de funcionamento. «Mas ouve agentes que os levantaram com o Multibanco», acrescentou.

Na semana passada, os profissionais da PSP do Comando Distrital do Porto tinham alertado a opinião pública para o facto de ainda não terem recebido os salários do mês passado, que deveriam ter sido pagos até 26 ou 27.

Continua, no entanto, por resolver o problema dos retroactivos, devido à alteração dos vencimentos, em Outubro. Há profissionais que estão a receber apenas algumas dezenas de escudos enquanto outros, com a mesma categoria, recebem alguns contos de retroactivos.

Manuela Teixeira contesta relatório Braga da Cruz

A Federação Nacional dos Sindicatos da Educação (FNE) sustentou que o relatório Braga da Cruz, relativo à condição de professor, «está errado».

Segundo a dirigente da FNE, Manuela Teixeira, «os dados do inquérito que serviram de base ao relatório são tão grosseiramente errados, que indiciam manipulação da amostra».

Também as negociações sobre o estatuto das carreiras docentes universitária e politécnica preocupam aquela Federação, que as considera «prioridade reivindicativa para 1990».

O Conselho Nacional da FNE, reunido no fim de semana, definiu ainda como prioridades reivindicativas a «negociação das carreiras do pessoal técnico administrativo e auxiliar da educação», e o «estudo da carreira dos professores, e o «estudo da carreira dos professores do ensino particular e a posterior negociação da sua integração no contracto colectivo de trabalho».

A FNE realizará ainda, entre Março e Dezembro, um programa de formação de professores, e desenvolverá acções junto do Ministério da Educação, no sentido de apresentar a sua proposta de administração e gestão das escolas.

Marinha prepara «resposta» a Macário Correia

A acusação do secretário de Estado caiu mal na Marinha. Embora sem carácter de retaliação, o Estado-Maior da Armada vai dizer de sua justiça

«A afirmação do engenheiro Macário Correia é extremamente dura. A acusação de negligência, assim à partida, sem qualquer inquérito é, no mínimo, profundamente injusta. Primeiro têm de se apurar as responsabilidades» - disse, esta manhã, ao «DL», uma fonte da Marinha, a propósito de declarações do secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais à revista «Sábado». Segundo a mesma fonte «mesmo que a mancha de crude tivesse sido detectada mais cedo muito pouco se poderia ter feito devido à falta de meios. As ajudas da CEE só se concretizam depois da tragédia acontecer. Não disponibilizam meios para um eventualidade».

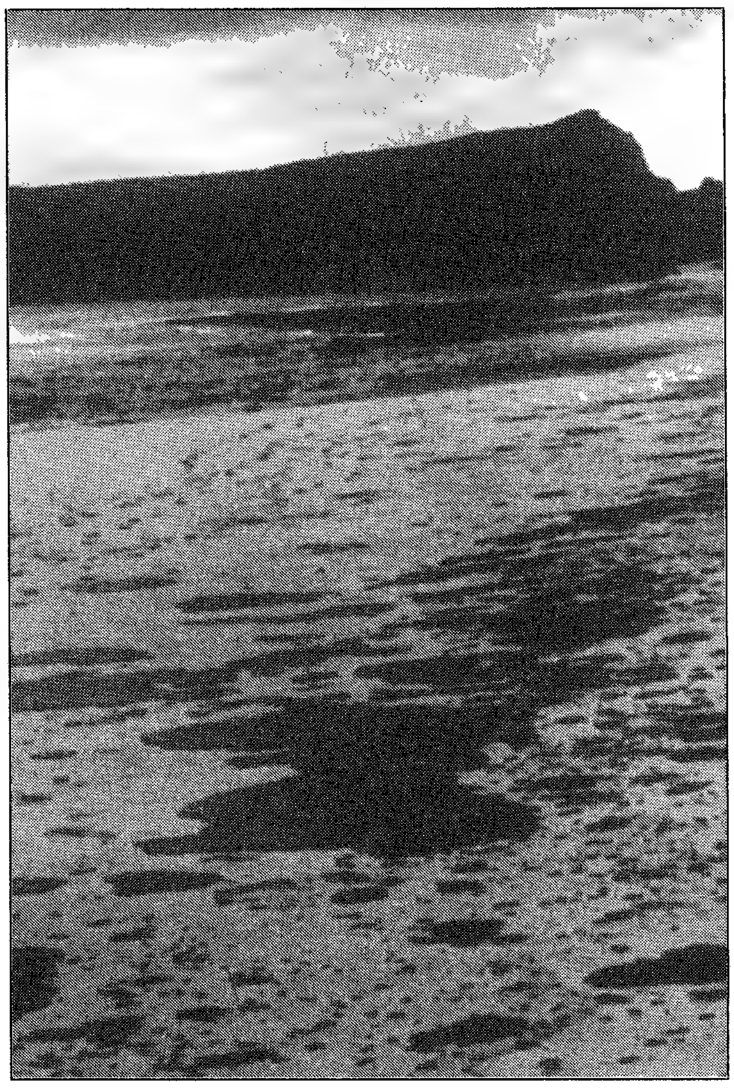
A Marinha irá divulgar um comunicado em que discriminará toda a sua acção, a partir de 1973, altura em que foi criado o serviço de combate à poluição do mar por hidorcarbonetos, na dependência da Direcção-Geral da Marinha. O texto, previsto para publicação amanhã, não constitui, por vontade dos responsáveis do Estado-Maior da Armada, uma resposta directa a Macário Correia.

Recorde-se que o secretário de Estado referira que, a haver negligência no combate à mancha de crude, terá sido da parte de quem tem a competência de vigiar a Zona Económica Exclusiva.

«Só se pode falar de negligência quando se está na posse de todas as informações sobre o acontecimento, dos meios para o combater e não se faz nada. Não foi o que aconteceu, quando muito pode dizer-se que há uma lacuna na fiscalização de uma área com 438 mil quilómetros quadrados»- acrescentou. A mancha foi detectada às 8 e 30 do dia 31 de Dezembro e foi seguida até às 17 e 30, verificando-se que seguia para Sueste e estando o vento para noroeste. Nos dias seguintes foi-lhe perdido o rasto. No dia 4 foi detectado o Khark 5, que vinha a derramar crude. O navio de fiscalização dirigiu-se para essa zona. Só mais tarde se voltou a encontrar a mancha deixada pelo «Aragon».

Para vigiar esta área, e ainda de acordo com a mesma fonte, seriam precisos cerca de dez navios da Marinha e cinco ou seis Aviocars da Força Aérea. Neste momento, a fiscalização é feita apenas por um navio e por um Aviocar que a Marinha pode utilizar apenas durante dez horas mensais. «Só os bidões que estamos a utilizar para recolher o crude custaram cerca de 12 500 contos, quase tanto quanto o orçamento que a marinha tem para combater a poluição nas águas portuguesas, em 1990» - disse-nos.

Por outro lado, os resultados do crude já recolhido e a maniera como se conseguiu evitar que atingisse áreas mais sensíveis é a prova que os meios chamados a intervir neste combate estão a funcionar coordenadamente. «Não havendo um plano de emergência de salvaguarda e apenas competindo à Marinha combater os casos de poluição tem-se verificado uma coordenação de meios, postos à disposição da marinha, quer pelo Governo Regional, autarquias, Força Aérea, Exército e pela CEE, que têm permitido que o director geral da marinha para estes assuntos tenha podido coordenar e dirigir os trabalhos de remoção do crude em Porto Santo e proteger as áreas mais sensíveis da Madeira com resultados positivos»- referiu o nosso interlocutor. Segundo o mesmo «há uma lacuna na legislação portuguesa e pela qual a marinha há vários anos se tem vindo a bater. Ou seja, em Portugal ainda não foi definido um plano de emergência que salvaguarde de casos de poluição a nossa costa e defina concretamente quais as entidades, organismos e departamentos que, ao nível local, regional e nacional, devem intervir no combate a situações de catástrofes».



A Marinha queixa-se da falta de meios para prevenir atempadamente catástrofes ecológicas

C.I. britânico pode ser extinto

O Conselho de Imprensa britânico manifestou a sua preocupação junto do Governo português pela proposta de extinção do seu homólogo, que considera ter tido um papel preponderante no relacionamento entre os conselhos de imprensa europeus.

Em comunicado, o Conselho de Imprensa britânico, um dos mais conceituados do mundo, considera que «a abolição do Conselho de Imprensa português determinaria a perda, em Portugal e em toda a Europa, da sua contribuição valiosa na defesa da liberdade de imprensa e da manutenção de uma impresa responsável».

O mesmo comunicado, enviado ao embaixador português em Londres, refere ainda que o Conselho de Imprensa português «traduziu uma cooperação entre o público e a própria imprensa, visando a ética do jornalismo e as queixas por comportamentos incorrectos».

«A Alta Autoridade para a Comunicação Social, recentemente proposta, constituída por membros nomeados exclusivamente pelo Governo, parlamento e seus representantes, não traduz tal cooperação», salienta o conselho britânico.

O Conselho de Imprensa de Ontário, no Canadá, manifestou-se igualmente apreensivo quanto à intenção do Governo de substituir o Conselho de Imprensa pela Alta Autoridade para a Comunicação Social.

TEM PROBLEMAS DE TRANSPORTE?

CONTACTE-NOS

Telef. 606282 (dia) 640162 (noite)

Transportamos também aos fins-de-semana. Pessoas, mercadorias, etc. Com segurança e rapidez.

Passageiros preferem comboios

CP aconselha utentes a utilizarem autocarros

A greve dos maquinistas obrigou hoje a CP a aconselhar os utentes das linhas de Cascais e Sintra a utilizarem os transportes alternativos, dada a diminuição de composições verificada nas linhas suburbanas.

Segundo informações recolhidas junto das estações, a situação não pode ser considerada caótica já que, do número total de comboios, apenas dez por cento terão sido suprimidos permitindo, deste modo, à CP, assegurar os horários de sábados e domingos quase por completo.

Esta manhã, as composições circulavam com algum atraso mas estavam a ser efectuadas aproximadamente de 20 em 20 minutos, na linha de Cascais e Sintra. Os transportes alternativos postos pela CP à disposição dos utentes estão a ser pouco utilizados, segundo referiu ao DL o chefe de estação de Oeiras, pois as pessoas preferem viajar mais mal instaladas mas com maior rapidez. No entanto, e segundo uma norma de serviço da CP, está a ser aconselhada a utilização preferencial dos transportes alternativos a fim de evitar a excessiva concentração dos passageiros nas estações. A nível nacional, a circulação dos comboios realizou-se dentro dos planos previstos, adiantou o gabinete de relações públicas da empresa, estando a CP a garantir todas as composições de mercadorias para transporte de matérias estratégicas.

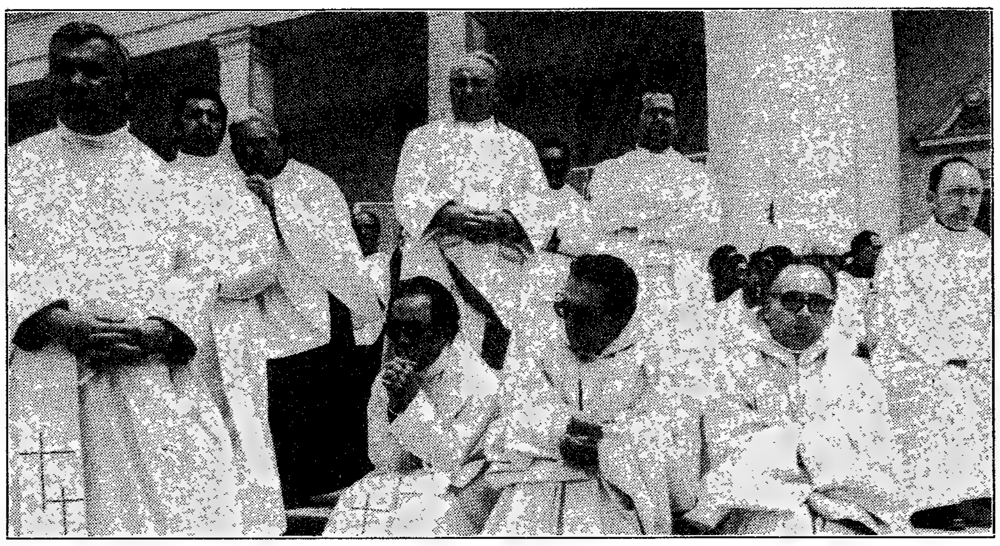
A circulação dos comboios Alfa e Intercidades foi rigorosamente cumprida e os comboios regionais e inter-regionais funcionaram «pontualmente», adiantou a mesma fonte.

Entretanto, o Sindicato dos Maquinistas anunciou já uma nova paralisação por mais dez dias, caso não sejam satisfeitas as reivindicações que estiveram na origem da actual greve.

A federação dos ferroviários decidiu, por seu turno, dar um prazo até 14 de Fevereiro ao Conselho de Gerência da CP para que «apresente propostas credíveis sobre as matérias em litígio», findo o qual os dirigentes e delegados sindicais reunirão, uma vez mais, para «tomar medidas adequadas».

Diocese de Braga planeia novo estatuto económico

O exemplo de Lisboa, onde o salário-base dos sacerdotes oscila entre os 50 e os 60 contos, frutifica. A Igreja Católica ergue estruturas algo semelhantes ao Ministério do Emprego



Os sacerdotes têm de elaborar relatórios de administração e sujeitar as contas a aprovação

A diocese de Braga está a estudar a aplicação, aos cerca de 570 sacerdotes do distrito, de um estatuto económico semelhante àquele que foi delineado para Lisboa. Em 1995, conforme já noticiámos, os padres portugueses terão rigorosamente definido o seu novo estatuto económico. Para já, e segundo informações recolhidas por Fernando Teles, da Lusa, junto do próprio patriarcado de Lisboa, os sacerdotes passam a dispor de um salário-base que oscila entre os 50 e os 60 contos mensais.

Esta «nova ordem» começa por Lisboa e pelos 470 padres da diocese, mas responsáveis eclesiásticos de outras dioceses confimaram que o «estatuto económico do clero» vai ser adoptado, a médio prazo, a todas as dioceses do país.

A remuneração mensal dos sacerdotes será aprovada pelo patriarca de Lisboa, depois de ouvido o Conselho Presbiterial, o Conselho Económico Diocesano e o Colégio de Consultores.

Duas figuras inovadoras foram, entretanto, criadas pela nova «política» da igreja: o fundo diocesano do clero e o fundo paroquial que terão por objectivo a racionalização das despesas e uma melhor distribuição de receitas.

O fundo diocesano do clero, uma estrutura com algumas «semelhanças» com um Ministério do Emprego e Segurança Social ou com uma conta poupança reforma tem apenas fins supletivos sendo suportado «fundamentalmente pelos que precisam», segundo as palavras de D. António Ribeiro.

Quanto ao fundo paroquial, um verdadeiro cofre de paróquia que é condição necessária para que os sacerdotes possam auferir dos seus ordenados, vai juntar as ofertas dos fiéis em favor da paróquia, os rendimentos dos bens móveis e imóveis, as compensações ou taxas pela prestação de serviços e «quaisquer formas de aquisição de bens admitidas em direito».

Mas, em contrapartida, a figura jurídica «imposto» passa a ser canalizada para o fundo diocesano com a retenção de três por cento sobre o rendimento do benefício paroquial, de igual percentagem sobre a remuneração dos sacerdotes sujeitos ao novo estatuto económico.

Um complemento da reforma por velhice e invalidez foi simultaneamente criado e os sacerdotes passam a ser obrigadosa elaborar relatórios de administração, sujeitar as contas a aprovação e a fazer o orçamento das receitas e despesas para os «exercícios» seguintes.

Os quantitativos das remunerações não foram ainda aflorados, em definitivo mas serão determinados tendo em conta que devem assegurar «a condigna subsistência dos padres e conciliá-la com a moderação de vida e desprendimento que têm obrigação de exemplificar».

Em suma, e como salientou o cardeal patriarca, trata-se de «equilibrar, sustentar, garantir, não discriminar e remunerar» uma classe importante como a eclesiástica.

Se fiscalização actuar

DECO apoia genéricos

A Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO) preconiza a fiscalização das farmácias como condição para o regime de medicamentos genéricos resultar benéfico para a população.

Convidada pelo Ministério da Saúde a pronunciar-se sobre o projecto-lei que contempla a introdução daqueles medicamentos, a DECO, embora declarando-se-lhe liminarmente favorável, aponta-lhe lacunas que poderão tirar-lhe eficácia

Para se assegurar a qualidade e a segurança dos genéricos serão necessários, segundo a mesma associação, além da já referida inspecção regular da actividade farmacêutica, «laboratórios independentes e idóneos», onde aqueles produtos sejam controlados, quer na fase de aprovação, quer na fase de comercialização.

Uma terceira condição apontada consistirá na informação dos médicos acerca das novas nomenclaturas.

A DECO, que se queixa da estreiteza do prazo que o Governo lhe facultou para se pronunciar sobre o assunto, atendendo à sua alegada complexidade, defende ainda que a introdução dos genéricos se processe de forma gradual, «garantindo-se em período razoável que os não-genéricos sejam mantidos nas listas de comparticipação», para permitir liberdade de escolha a médico e consumidor.

Universitários europeus no Porto

Grupo de Santander trabalha para harmonização curricular

O vice-reitor da Universidade do Porto, Oliveira Fernandes, apontou como objectivo do Grupo de Santander, conjunto de universidades europeias que aquele estabelecimento de ensino superior integra, a harmonização dos respectivos *curricula*. O mesmo catedrático explicitou essa meta, definindo-a como a abertura aos estudantes europeus da possibilidade de prosseguirem os estudos em qualquer país da CEE, ao intervir numa conferência de Imprensa sobre a reunião que representações daquele estrutura universitária internacional efectuaram quinta e sexta-feiras no Porto.

Outra intervenção coube na mesma circunstância ao presidente do Grupo de Santander, José Maria Ureña, reitor da Universidade espanhola de Cantabria, relacionou o objectivo da harmonização dos *curricula* com a construção de uma comunidade europeia que encorpore pessoas, então apenas bens e serviços.

Referindo-se à estrutura a que preside, filiou-a numa tomada de consciência pelos 23 estabelecimentos membros da realidade da Europeia, «em cuja construção querem ter uma participação activa».

«Criamos por isso um instrumento que permite potenciar esta vivência das comunidades europeias e as vantagens da formação de uma Europa unida», sublinhou.

No encontro com jornalistas, foram ainda salientados os objectivos do fortalecimento das relações entre as universidades que fazem parte do grupo e do aperfeiçoamento da formação dos recursos humanos na Europa, visando 1993 e a livre circulação de pessoas e bens, tanto mais necessário quanto a Europa acusará *defice* de quadros qualificados.

A este respeito, Oliveira Fernandes informou que em «um milhão de habitantes da Europa há 170 engenheiros, enquanto no Japão existem 600 e nos EUA 300».

Na reunião do Grupo de Santander, segundo foi revelado, tratou-se da composição do respectivo comité executivo, no qual a universidade do Porto tem assento, e de questões de organização interna, definindo-se novas áreas de trabalho e preparando-se a constituição de um banco de dados, com o objectivo de conseguir maior fluidez na troca de informações entre os estabelecimentos membros.

LATINA

Tarifas de Saneamento de LISBOA

Por deliberação da Câmara Municipal de Lisboa, constante do Edital n.º 140/89, publicado no Diário Municipal n.º 15 742, de 26 de Outubro de 1989, e com efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1990, foram actualizadas para os seguintes valores as tarifas de saneamento do concelho de Lisboa, que a **EPAL** vem cobrando nos recibos da água:

CONSUMIDORES DOMÉSTICOS

a) 101$00 por mês;
b) 15$00 por m³ de água facturada pela **EPAL**

CONSUMIDORES NÃO DOMÉSTICOS

a) 336$00 por mês;
b) 50$00 por m³ de água facturada pela **EPAL**

Os novos valores aparecerão apenas a partir da facturação de Fevereiro de 1990.

O pagamento da tarifa de saneamento é **indissociável do pagamento do consumo de água.**

O valor da tarifa de saneamento constará explicitamente nas facturas entregues aos consumidores no acto da cobrança.

Todos os pedidos de esclarecimento, bem como quaisquer reclamações, devem ser dirigidos à Câmara Municipal de Lisboa.

QUOTIDIANO

Cientistas belgas anunciam novo composto contra a Sida

Cientistas belgas anunciaram a descoberta de uma nova série de compostos capaz de inibir a dublicação do vírus daSida em concentrações cinco vezes inferiores às necessárias para os actuais medicamentos deste género actuarem. Segundo a «Tribuna Médica», publicação da especialidade, os cientistas pertencem à Universidade de Lovaina e ao Janssen Research Foundation.

Os novos compostos, caracterizados por uma actividade antivírica potentíssima, inibem «a duplicação do vírus HIV-1 em concentrações extremamente baixas» que chegam a ser «20 mil a 30 mil vezes inferiores às concentrações que alteram a viabilidade dos linfócitos não afectados».

A equipa, constituída, entre outros, por R. Pauwels, K. Andries, J. Desmyter, P. A. J. Janssen e E. de Clerq, efectuou unicamente experiências *in vitro* no Rega Institute for Medical Research e no Departamento de Microbiologia do Hospital Universitário de Lovaina.

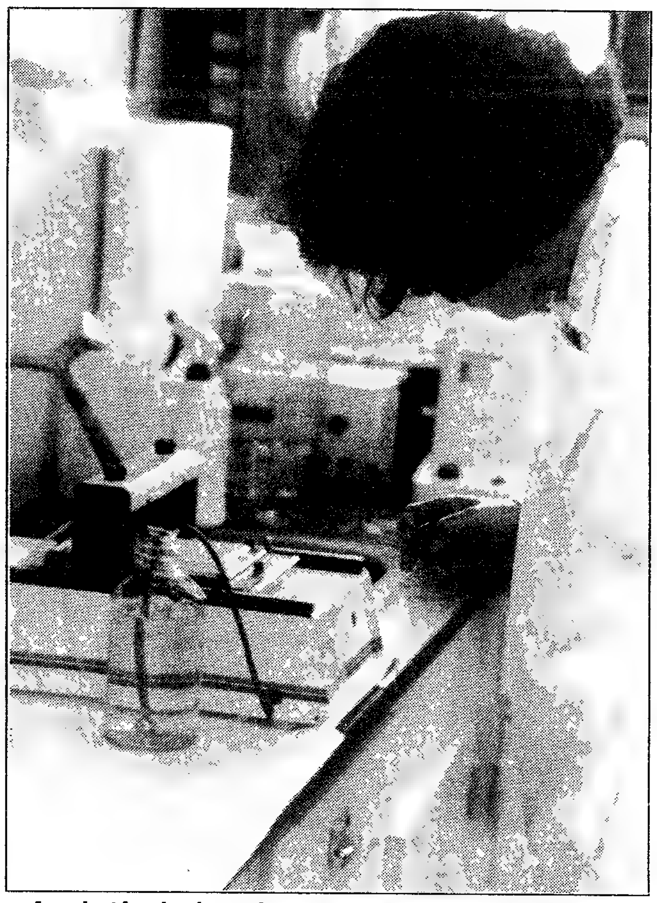
Os investigadores, que apresentam os resultados finais deste estudo num artigo cuja publicação está prevista no número que este mês a revista britânica «Nature» coloca nas bancas, observaram que, comparativamente, tanto o AZT, habitualmente usado no tratamento daSida, como os compostos DDC e DDI (cujos resultados clínicos estão ainda em avaliação) revelaram uma capacidade de inibição da duplicação do HIV-1 (e do HIV-2) em concentrações «200 a 6000 vezes mais baixas do que as concentrações citotóxicas».

Os novos compostos, pertencentes a «um grupo químico totalmente novo» denominado derivados do tibo «não inibem a duplicação do vírus HIV-2 nem de nenhum outro vírus ADN ou RNA». Este facto, segundo os cientistas belgas, revela uma «especificidade sem precedentes».

Os especialistas consideraram as conclusões obtidas como «consideravelement importantes», constituindo «ao que parece, um passo em frente na luta dos cientistas em todo o Mundo contra esta doença».

A equipa de investigadores destacou o facto de os derivados do tibo serem «os inibidores mais potentes e específicos da duplicação do vírus HIV-1 estudados até agora». Salienta, ainda, o facto de se tratarem de moléculas «sem nenhuma relação com os fármacos antivíricos até agora existentes».

É ainda muito cedo para se afirmar quando (e se) será possível encontrar um novo medicamento para o tratamento dos imunodeficientes com base neste ensaio. Os investigadores acrescentam que estão a ser realizadas pesquisas com a finalidade de seleccionar «os derivados do tibo mais adequados para a concretização de ensaios clínicos em doentes com o vírus HIV-1».



A substância descoberta não tem nenhuma relação com os fármacos antivíricos até agora existentes

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

GREVE DE 30 DE JANEIRO A 9 DE FEVEREIRO DE 1990

Período das 12.00 horas do dia 30/01/90 às 24.00 horas do dia 09/02/90

Atendendo às características parciais das paralisações levadas a efeito pelas estruturas sindicais dos Trabalhadores da Empresa e tendo como objectivo minorar os inconvenientes para os Senhores Passageiros, a CP informa o seguinte sobre a circulação dos comboios e barcos, naquele período:

1. ZONA SUBURBANA DE LISBOA

1.1. Linha de Sintra

Prevê-se a realização dos comboios com origem e destino em Sintra e Cacém, com o horário dos dias úteis.
Todos os comboios terão paragem em Campolide.
A CP desenvolve também, a partir das 7.00 horas, um esquema rodoviário alternativo com origens e destinos em Queluz e Amadora, ambos sobre Sete Rios (Lisboa).

1.2. Linha de Cascais

Prevê-se que seja praticado o horário que vigora aos domingos, com algumas supressões pontuais.
Todos os comboios terão paragem em Santos.
A CP desenvolve também, a partir das 6.00 horas, um esquema rodoviário complementar, com origens e destinos em S. Pedro, Parede, Carcavelos, Oeiras, Paço d'Arcos e Cais do Sodré.

1.3. Lisboa – Azambuja

Prevê-se a realização do serviço normal.

1.4. Barreiro – Praias do Sado

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

1.5. Via Fluvial – Lisboa/Barreiro

Será praticado o serviço normal

1.6. Cacém – Torres Vedras

Prevê-se a realização de grande parte destes serviços.

2. ZONA SUBURBANA DO PORTO

Linha da Póvoa, Porto-Marco, Aveiro-Porto e Porto-Braga.
Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

3. ZONA SUBURBANA DE COIMBRA

Coimbra – Figueira da Foz e Coimbra – Serpins
Efectuar-se-á um número significativo de comboios.

4. SERVIÇOS «ALFA» E «INTERCIDADES»

4.1 «ALFA»

Serviço assegurado com excepção dos comboios 121 (de Lisboa 07.15), 122 (do Porto 08.30), 128 (do Porto 17.10) e 129 (de Lisboa 17.00) que serão suprimidos.
Os comboios 120 (do Porto 07.15) e 131 (de Lisboa 20.20) efectuarão paragens adicionais em Coimbra e Aveiro.

4.2 «INTERCIDADES»

Serviço assegurado, com excepção das ligações Lisboa-Aveiro (comboios 520 e 521) e Porto – Viana do Castelo (comboios 550 e 551) que são suprimidos.

5. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS

Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto – Vigo que será suprimida neste período.

6. SERVIÇOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS

Prevê-se a supressão de grande parte destes serviços.

NOTA – Na restante rede e nos restantes serviços haverá circulação ferroviária, afectada, no entanto, por supressões e atrasos. Por tal motivo – lamentando o incómodo – solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem com as Estações ou as Secções de Informações da CP.

29.Jan.1990
Informação divulgada pela
Divisão de Relações Públicas da CP

Caminhos de Ferro Portugueses

MALHAS DA JUSTIÇA

Só por acaso

Ainda há almas puras neste mundo. Tão puras, que a ele, decerto, não pertencem. Manuel é assim. De uma ingenuidade que agride, que dói porque completamente ultrapassada.

No Tribunal de Polícia, Manuel senta-se, pouco à-vontade, no banco dos réus. Aterrado, olha os jurados lá no alto e responde, por monossílabos, às perguntas que lhe fazem. A algumas, apenas gaguejando, que a outras nem sabe responder. De pai e mãe, apesar de com eles ter vivido trinta anos, não conhece sequer o nome completo. Por acaso, não sabe. Simplesmente Josefa e Avelino, para ele. Assim ele soube, assim chegou para ele, durante trinta anos.

Casado e pai de um filho de dois anos e meio - o juiz, prático, desiste de obter identificação completa - diz-se pintor de construção civil, nascido em Cavernães, distrito de Viseu e a viver, actualmente, numa barraca da Charneca.

Na Musgueira Norte, junto de prédios inacabados, foi surpreendido na posse de uma *Browning* com uma bala na câmara e mais seis munições no carregador. Licença, não tem. Só a arma, ilegal, nem mesmo sabe porquê. Comprou-a por comprar, confessa, vai para um ano, em Espanha e calhou dar por ela perto de 50 contos. Nada mais nada menos que o valor suficiente para pagar ano e meio de rendas da barraca onde mora. Manuel não pensou nesse pequeno pormenor. Por acaso, só por acaso.

Mas lembrou-se do regresso a casa, do perigo que poderia ser para ele, Manuel, que não sabia, nunca sabe às quantas anda, atravessar parte de Espanha e Portugal, sozinho, ingénuo e desamparado. A arma sempre lhe dava outra segurança...

Mas o juiz entendeu que a segurança dele poderia colidir com a segurança dos outros. Por isso, Manuel foi condenado a pagar multa de 30 mil escudos ou a cumprir 100 dias de prisão. Por acaso, só por acaso, o equivalente a dez meses de rendas que Manuel tem a desengatilhar. Para não mais esquecer.

Emilia Trindade

GRUPO DE TRABALHO DL SOBRE ECONOMIA

As privatizações estão na ordem do dia. Mas privatizar o quê, quando e como? Três economistas estão de acordo: é necessário desestatizar a economia portuguesa. Mas isso não significa, forçosamente, que o Estado não tenha (deve mesmo) de controlar algumas empresas consideradas estratégicas. Cuidados especiais têm de ser tomados para que os interesses nacionais não sejam alienados ao estrangeiro. O Prof. António de Sousa, o dr. Vítor Constâncio e a drª Manuela Morgado reflectiram sobre estes temas, num encontro organizado pelo DL e que foi moderado pelos também economistas Luís Ribeiro e José Amaral

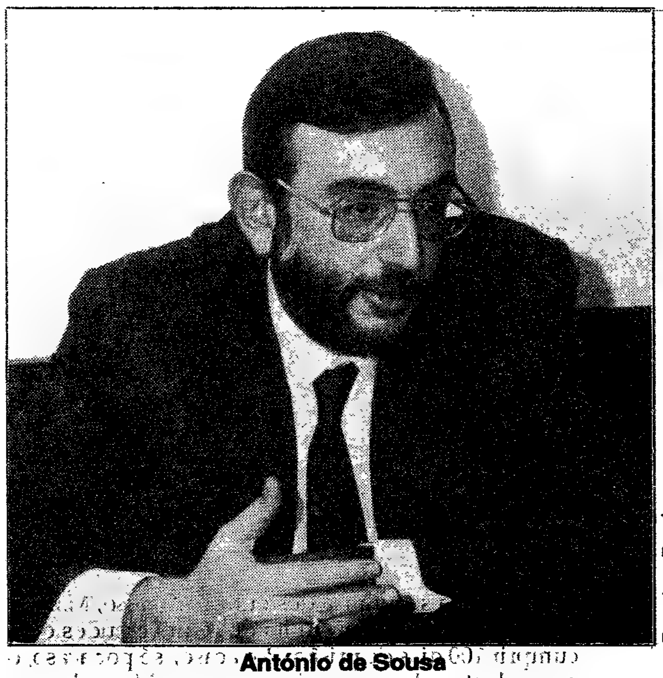
Privatizações: uma oportunidade para modernizar a economia

Francisco Paraíso

Vítor Constâncio

Francisco Paraíso

Manuela Morgado



Francisco Paraíso

António de Sousa

Privatizar, sim ou não, o quê, como e quando? Esta questão foi longamente debatida durante três horas por outros tantos economista: António de Sousa, Manuela Morgado e Vítor Constâncio. Consensos possíveis: há que privatizar para que a economia possa responder aos desafios dos anos 90. Há que preservar os interesses da economia nacional impedindo que o capital estrangeiro assuma posições maioritárias em empresas estratégicas (do ponto de vista produtivo ou financeiro). Nesta perspectiva, há que criar mecanismos que permitam a constituição de núcleos duros portugueses, criados pelos grupos económicos. O Estado deve manter participações, mesmo que simbólicas, em grande parte das empresas a privatizar e aquelas devem ser geridas por «holdings» (eventualmente estruturadas segundo um modelo do tipo «IPE»), elas também abertas ao capital privado, isto porque o «Estado é um mau gestor». Nas empresas de interesse nacional em que não detenha maioria do capital o Estado deve reservar uma acção com poder de veto («golden share»). O «timing» das nacionalizações é de grande importância, em particular na área financeira, pois que, sendo um processo que forçosamente se vai prolongar por anos, as últimas empresas a privatizar perderão capacidade de modernização e, portanto, muito do seu valor. Os reflexos nos mercados de capitais serão, entretanto e parcialmente, benéficos. O Estado não tem necessariamente que privatizar todo o sector empresarial sob a sua tutela, podendo reservar para si a maioria do capital de algumas empresas, nomeadamente na área financeira. O Governo não pode usar as receitas das privatizações para equilibrar o Orçamento do Estado.

Dúvidas? Muitas. Desacordos? Apenas de pormenor. Por exemplo, quanto à forma de que devem revestir-se os concursos limitados (quem a eles deve ter acesso e em que percentagens se devem fixar as reservas), quanto à definição das empresas estratégicas, quanto à transparência do processo de privatizações...

Quais os problemas suscitados pela proposta de Lei-Quadro para as privatizações e quais as incidências do programa proposto no mercado de capitais? Foi uma análise longa, entrecruzada e dinâmica. Uma dúvida de **António de Sousa** deu o mote de saída: *«A primeira questão que me ocorre, quando se fala de privatizar, é saber se se pode ir mais longe que o sector público empresarial do Estado e se tudo isto não terá a ver com o papel do próprio Estado na economia».*

«A única coisa que acho diferente em Portugal é que não tenho notícia que haja outro sítio onde se privatize sem que sejam pagas as indemnizações pela nacionalização»
Manuela Morgado

Razões históricas foram lançadas para a discussão e, enquanto **António de Sousa** diz que estas foram determinantes para o Estado se ter metido tão a fundo na esfera produtiva, já **Manuela Morgado** afirma não lhe parecer que elas existam, antes sim surjam *«como um fenómeno bastante generalizado baseado no fim das 'economias de bem-estar' e necessidade de reequilíbrio dos orçamentos dos Estados».*

A impossibilidade de distinguir as razões possíveis de enumeração, para justificar as privatizações dos próprios objectivos das mesmas, foi a questão avançada por **Vítor Constâncio**, que focou quatro aspectos distintos: finanças públicas, eficiência económica, insuficiência de recursos privados e razões económicas ligadas a uma estratégia de desenvolvimento que o Estado leve à prática para promover certos sectores, para efeitos de demonstração ou para procurar centros de excelência na economia.

«Se a revisão constitucional não tivesse proibido ao Estado usar as receitas das privatizações como receitas correntes talvez houvesse tentações de gastar estes fundos na voragem das despesas anuais»
Vítor Constâncio

Saber o que o Estado pretende privatizar e o que não deve ser privatizado, foi mais uma questão levantada por **António de Sousa**, que afirmou ter como perspectiva que a privatização, em muitos casos, é uma questão essencial para o desenvolvimento concreto de uma empresa, *«principalmente por razões técnicas».*

O facto do Estado ser um mau accionista, que disponibiliza meios financeiros quando estes já nada mais são do que meros subsídios, é uma das justificações. Outra reside na *«dificuldade que tem em ser um agente económico capaz de desempenhar o papel de accionista»*, acabando por ter uma série de funções que se sobrepõem: por exemplo, é gestor e cliente em simultâneo. *«Privatizar será a única forma de resolver essa teia de relações»*, acrescentou.

Manuela Morgado considera, por seu lado, que se estava a chegar a um limite, com os objectivos determinantes das nacionalizações a colocarem-se contra os interesses públicos que se tentara acautelar. *«Julgo que foram os ventos que começaram a soprar em direcção diferente e que levaram a um impasse e a uma ruptura»*, afirmou, acrescentando julgar que, *«no entanto, quando se fala de privatizar se confunde com liberalizar e só interessa privatizar se se preservarem situações concorrenciais.»*

De novo, **Vítor Contâncio**, para quem a razão das finanças públicas é a única *«que liga esta matéria à questão do Estado providência ou do Estado do bem-estar»*, tendo sido criada, em diversos países, a ilusão de que as privatizações seriam uma forma de resolução de desequilíbrios orçamentais.

No seu entender, em termos de finanças públicas, se as privatizações forem utilizadas para amortizar a dívida pública a operação tende a ser neutra. *«As coisas não são tão simples como às vezes se diz, mas, em todo o caso, há algum ganho líquido e, sobretudo, uma interessante redução inicial do peso da dívida pública.»*

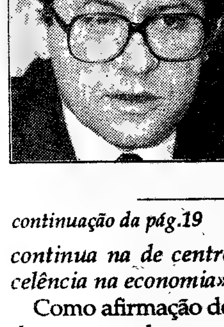
Quanto a eficiência económica considera haver a necessidade de suprir imperfeições de mercado, evitar posições de quase monopólio ou de monopólio em mãos privadas, *«com todos os efeitos perversos que isso pode ter».* Aliás, já antes, quer **António de Sousa** quer **Manuela Morgado**, tinham chamado a atenção para o facto de existirem «monopólios naturais» que têm de ter um tratamento especial.

Vítor Constâncio lembrou a insuficiência, em alguns países, de recursos privados em empresas que exijam grandes investidores, o *«que não será bem o nosso caso»* e as ligadas a uma estratégia de desenvolvimento que *«o Estado resolva promover, tendo em vista o desenvolvimento de certos sectores, obter efeitos de demonstração ou como procura*

continua na pág.20

«Iremos verificar que quando agora se fala em privatizar pode-se pôr a pergunta ao contrário: o que é que não deve ser privatizado?«
António de Sousa

Privatizar é oportunidade para modernizar



«Aproveitar as privatizações para ajudar à formação de grupos económicos privados é um objectivo válido. No caso português há necessidade de alguns grupos com capacidade para assegurar a diversificação da nossa estrutura industrial»
Vítor Constâncio

continuação da pág.19

continua na de centros de excelência na economia».

Como afirmação definidora de um passado recente, acrescentou que *«temos de concluir que os sucessivos governos de Portugal não souberam arranjar um modelo institucional que pudesse assegurar um enquadramento eficiente ao sector empresarial»*, embora fosse possível de criação, dados os exemplos de outros países, que criaram «holdings» e grupos económicos públicos com uma lógica e racionalidade próxima da economia de mercado.

A terceira grande razão apontada por **Vítor Constâncio** está ligada ao desenvolvimento dos mercados de capitais e ao desenvolvimento da disseminação de activos financeiros pelo grande público.

Os grupos económicos foram seguidamente referidos por **Vítor Constâncio**, que considera válido o objectivo de aproveitar as privatizações para ajudar à formação desses grupos. *«Precisamos de ter alguns com suficiente poder económico e consequente capacidade de desenvolver vários papéis na economia, nomedamente assegurar a diversificação da nossa estrutura industrial, sendo capaz de correr riscos tanto em investimentos como em inovação, o que implica ter capacidade financeira.»*

Considera, porém, que são poucos os grupos existentes ou mesmo os embriões de futuros grupos. Defende, portanto, a constituição e manutenção de um ou mais grupos públicos e, por si, recusa aceitar a ideia da venda directa de empresas a uma só entidade. *«A formação de núcleos duros que determine a não passagem pela Bolsa deve ser feita, mesmo assim, com alguma concorrência e, para além disso, devem pagar um pouco mais por esse privilégio.»*

Sobre este ponto, **António de Sousa** considera um problema que se põe, no campo do planeamento empresarial: o das empresas globais. Refere ser impossível tentar comcorrer em mercados globais com empresas nacionais, *«caso típico em Portugal, em diversos sectores, sendo a Petroquímica, provavelmente, o mais típico de todos»*. E acrescentou que, mesmo no sector financeiro, se põe esse problema.

Vítor Constâncio avançou com a ideia de que, nas vendas directas realizadas nos concursos limitados, não fossem concedidos descontos em vez de prémios. A essa questão de referiu **Manuela Morgado**, que disse pensar que a venda directa implicaria montantes muitos elevados, pelo que considerou que *«o que deveria haver era um preço mais baixo a favor dos adquirentes e não o contrário»* e acrescentou que *«essas acções implicam, em geral, determinadas condicionantes quanto à venda durante alguns anos, podendo, também por isso, o seu preço ser mais baixo. Não se pode, para se dar estabilidade de gestão a uma empresa, adquirir acções e, logo a seguir, vendê-las para fazer mais-valia»*.

A este ponto respondeu **Vítor Constâncio**, lembrando a experiência das quatro privatizações já feitas, quando *«os grupos que tinham mais interesse estratégico em comprar no mercado tiveram de pagar mais do que pagariam ou pagarão se entrarem num processo de concurso limitado para aceder a uma parte do capital que lhes dê o controlo da empresa»*, sendo a forma limitada de acesso *«já por si um privilégio»*.

«O ideal era que houvesse uma redistribuição muito grande do poder económico. Os novos grupos não têm grande tradição económica, são grupos nascidos da situação que houve de abertura do mercado de capitais e do aproveitamento da alta bolsista»
Manuela Morgado

No seu entender é importante que seja definido o preço da parte a vender no mercado como um mínimo para esse acesso privilegiado dos núcleos duros. *«Não estou de acordo com qualquer desconto e acho que devem pagar um pouco mais por esse privilégio, o que não aconteceria se fosse tudo feito em mercado aberto.»*

António de Sousa defendeu a existência de dois leilões diferentes: um a retalho e outro por grosso, o que coincide com a opinião de Constâncio, para quem a quota vendida em mercado livre estabelece um preço que funciona como mínimo de base para o concurso limitado.

A questão de se saber quem deverá seleccionar os competidores, nas empresas a privatizar, foi seguidamente abordada, tendo **António de Sousa** dado como exemplo prático o que se passou na EPSI, onde foi feita uma pré-qualificação, de acordo com critérios anteriormente estabelecidos. O conhecimento das capacidades próprias reduziu o número destes de cerca de 20 para quatro.

Por outro lado, quanto a saber se entrará quem quiser, na segunda fase da competição, o mesmo interveniente disse ser sua opinião que tal terá a ver com a empresa em si e com os interesses estratégicos ou nacionais. **António de Sousa** acrescentou custar-lhe ver interesse estratégico nas cervejeiras.

Sobre isso acrescentou **Vítor Constâncio** pensar que se dará uma selecção dos núcleos duros que podem ir a concurso limitado e defendeu a criação de *«uma comissão de privatizações, com alguma solenidade e a máxima independência possível»* para fazer essa selecção. Saber quem a nomearia não é questão para Constâncio, mas sim *«o seu estatuto e o tipo de pessoas que a compõem»*.

Qualquer que seja o Estado que privatize unidades em sectores de monopólio ou que levam tendencialmente a esse domínio, cria órgãos de supervisão e controlo das empresas, recordou **Vítor Constâncio**, para quem, neste caso, *«não está em causa a sua idependência, mas os objectivos de interesse público»* que a Administração procura assegurar.

Por seu turno, **António de Sousa** considerou que, neste aspecto do monopólio, há diversas formas de introduzir a concorrência, entre elas a das concessões, em particular as de concurso periódico. *«É certo que quem está instalado numa concessão tem uma vantagem inicial, mas também quem está de fora está disposto muitas vezes a pagar o prémio para entrar»*, disse.

A leitura das afirmações feitas aponta para que, em Portugal, seja considerada má a experiência de gestão do sector público, havendo alternativas organizacionais menos gravosas e mesmo benéficas. Para a mesa foi lançada a questão de saber se não se poderá questionar se, em vez de privatizar, não seria possível organizar correctamente o sector público e até que ponto tal faria sentido face a alguns problemas que a economia nacional terá de enfrentar no contexto da homogeneização do mercado europeu.

Uma das razões avançadas por **Vítor Constâncio** foi a de facilitar a organização de grupos económicos de forma a terem dimensão e massa crítica que lhes permita negociar com o exterior e criar condições para o desenvolvimento autónomo. Recordou que *«o Estado vai deter, durante longo tempo, um grande número de empresas e de activos, numa altura em que a presente década trará choques reais de internacionalização da economia»*, pelo que os deverá usar da forma mais eficiente e racional, nomeadamente criando «holdings» e deixá-las funcionar com a lógica dos grupos privados.

Manuela Morgado, que disse concordar com a ideia, não deixou de salientar ser uma perspectiva que lhe parece não estar em consonância com o que o Poder pretende fazer. Por exemplo, em vez de privatizar um a um os bancos comerciais, poder-se-ia tê-los agrupado em «holding» que se abriria progressivamente, acutelando a globalização e os interesses dos grupos portugueses. **António de Sousa** acrescentou considerar ser fundamental decidir como é que serão geridas as empresas públicas que não forem vendidas e ver as «holdings» como *«modelo com enormes potencialidades para gerir o sector empresarial do Estado»*. Mais ainda, essas «holdings» devem ser semiprivatizadas, *«o que obrigaria o Estado a assumir verdadeiramente a sua posição de accionista»*.

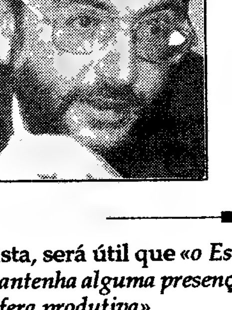
Uma conclusão a tirar é haver consenso sobre o facto de algumas empresas não serem privatizadas a cem por cento, dado o papel que desempenham na economia nacional e mesmo considerando o ritmo de absorção das privatizações pelo mercado. O que leva a concluir ser importante a organização dessas participações do Estado.

Um solução foi apontada por **António de Sousa**, para quem as «golden shares» podem ajudar a resolver o problema, por ser uma acção com direito de veto em situações especiais como as grandes operações patrimoniais. Aqui, **Vítor Constâncio** afirmou que *«no fundo é não permitir que o interesse público ou empresarial seja lesado abusivamente pelos capitalistas que detêm o controlo de uma empresa, mas sem poderes nos casos correntes de gestão»*.

Na sua intervenção acrescentou considerar que há uma ligação entre os conceitos da instituição que vai regular as privatizações e de «golden share», com a possibilidade de existir ligação entre ambas. *«A questão que se põe é a de saber se se pode ficar apenas com essa acção privilegiada ou se se terá de deter outra posição accionária»*, disse **António de Sousa**.

O Estado deverá, então, guardar alguma capacidade de controlo de empresas que, presentemente, são parte do seu sector empresarial? Sobre esse ponto **António de Sousa** adiantou que *«a questão é saber se o Estado tem de estar na esfera produtiva ou se tem somente de a regular»*, perspectiva esta que defende. O modelo organizativo da parte restante do sector empresarial do Estado deverá ser a formação de «holdings».

Sobre esse ponto **Vítor Constâncio** afirmou: *«Uma coisa são os problemas transitórios que durante alguns anos se sentirão com o peso do Estado e outra é a concepção de um modelo final.»* Se há consenso quanto à primeira parte, já a segunda não será pacífica e, no seu ponto de vista, será útil que *«o Estado mantenha alguma presença na esfera produtiva»*.



«Vejo as holdings como modelo com enormes potencialidades para gerir o sector empresarial do Estado. Mas elas devem ser, também, semi-privatizadas para obrigar o Estado a assumir verdadeiramente a sua posição accionista»
António de Sousa

Essa necessidade foi explicada com a importância de uma concepção mais clara do que se pretende, em termos de objectivo final, isto é, se o Estado pretende vender tudo ou dizer o que é que irá ser privatizado, devendo o remanescente ser, desde já, objecto de uma reorganização em termos empresariais, com a formação das referidas «holdings». O passo seguinte será que *«o Governo comande as decisões de desinvestimento de algumas participações ou de empresas remanescentes»*.

Vítor Constâncio defendeu igualmente que, mais que nas empresas de utilidade pública, o Estado deve reservar a presença noutros sectores, o que já foi anunciado para o sector financeiro. Mas *«como é que isso vai ser gerido é que deveria ser claro»*, acrescentou. *«Acho que, em termos de desafios para a economia portuguesa, na década de 90, precisaremos de grupos estatais para os enfrentar, há que, a curto ou médio prazo, não teremos tudo vendido nem os grupos privados a funcionar em pleno»*, afirmou também.

Neste ponto **Manuela Morgado** adiantou que *«deverá ter-se em conta uma redistribuição muito grande do capital e do poder económico e que alguns dos novos grupos têm insuficiente tradição económica, tendo progredido rapidamente com a situação resultante da abertura do mercado de capitais e do aproveitamento da alta bolsista»*.

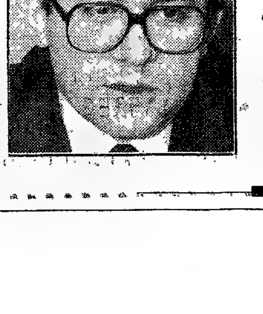
Por isso, disse, *«será necessário estimular alguns grupos económicos válidos que não apanharam a 'onda' a aproveitarem o processo de privatização para se expandirem»*.

A maior transferência de fundos jamais conseguida na história portuguesa, que se verificou no período áureo da especulação bolsista, é a justificação apresentada para a aceitação de «holdings» do Estado.

A questão do poder da economia, da estruturação da economia portuguesa e da utilização das privatizações como elemento estruturante para o futuro, foi sempre vista sob a perspectiva da análise das formas de organização das empresas pós-privatização. O passo seguinte foi a abordagem do problema do capital estrangeiro, nomeadamente se deverá haver ou não mecanismos que evitem que a desestatização não seja uma desnacionalização no sentido do poder efectivo passar para mãos estrangeiras.

A primeira abordagem foi feita por **Manuela Morgado**, que disse que não gostaria de ver Portugal transformado num país de trabalhadores com os patrões a comandar de fora. *«e julgo que podemos correr esse risco»*, alertou, para acrescentar que, em todas as experiências, existem limites fortes à participação do capital estrangeiro.

«Julgo — acrescentou **Manuela Morgado** — *que talvez seja possível conjugar, a favor dos grupos portugueses, dimensão dos núcleos duros com a percentagem máxima de participação do capital estrangeiro, mas vejo ser difícil haver um único grupo económico português, ou mesmo dois, que possam, só por si, na maioria dos casos, assegurar esse núcleo duro, no qual podem ter que concorrer grupos nacionais e estrangeiros, mas com a limitação que dê maioria aos grupos nacionais»*.



«Qualquer programa de privatizações, por mais acelerado que pretenda ser, vai levar muito tempo. E durante esse tempo o Estado vai conservar activos importantes na sua posse que tem de gerir bem. E para gerir bem terá de organizar esses activos em grupos económicos»
Vítor Constâncio

Francisco Paraíso

O Grupo de Reflexão «DL» sobre Economia reuniu-se para debater a questão das privatizações

Saber como se controla o processo foi a dúvida posta por **António de Sousa**, que igualmente questionou como se saberá que quem compra é mesmo português, já que há processos de rodear as limitações, *«seja através de testas-de-ferro, seja através de empresas portuguesas dominadas por capital estrangeiro»*.

Comentando uma preocupação expressa por **Manuela Morgado**, acrescentou: *«Penso que pode acontecer pior que sermos um país de trabalhadores com patrões estrangeiros»*. Recordou que essa tendência é patente na globalização das economias, mas que o mais grave é que se caia numa situação em que a cadeia de valor importante fique noutros países, com Portugal a ser meramente subcontratado, *«com todo o risco que isso implica»*.

A preocupação de **Vítor Constâncio** foi para o facto de algumas empresas industriais terem um interesse estratégico ou nacional, tal como acontece com uma parte importante do sector financeiro. *«Seria uma loucura se admitíssemos que os principais bancos portugueses passassem para o controlo do capital estrangeiro»*, acrescentou.

Outro aspecto focado pelo mesmo interveniente: *«O domínio do capital nacional de um número importante de empresas e de uma parte significativa do poder financeiro é uma condição para se criar qualquer estratégia de desenvolvimento. Mesmo tratando-se de empresas privadas, o Estado é que deve funcionar como catalisador e com poder de articulação, como acontece no Japão.»*

A integração na Comunidade Económica Europeia continua a ser um ponto quente e não podia deixar de ser abordado. **Vítor Constâncio** disse que Portugal irá perder certos instrumentos conjunturais de gestão económica resultantes da integração, caso o sector pública não mantiver um conjunto de grandes empresas. *«E também perderá alguns instrumentos que permitam definir minimamente uma estratégia de desenvolvimento»*, acrescentou.

Os núcleos duros sairam novamente à discussão. A sua formação trará, como contrapartida, no seu entender, *«uma garantia de estabilidade da propriedade das acções, durante o número de anos nos quais não poderão ser vendidas»*. Mas não deixou de expressar a dúvida sobre se haverá grupos portugueses capazes de desempenhar o papel negociador, com poder financeiro que lhes permita candidatarem-se às várias privatizações.

A situação das empresas estratégicas ou nacionais, neste contexto, foi levantada por **António de Sousa**. Segundo afirmou, considera que *«a dimensão da empresa é um mau padrão para avaliar o seu interesse nacional, até porque frequentemente há uma inversão, dado que existem empresas que, pela sua dimensão, têm interesse em serem classificadas como internacionais e outras, de menor dimensão, têm de ser nacionais»*.

Vítor Constâncio lembrou que limitar as privatizações, na sua globalidade, ao capital português, baixa os preços das aquisições e a concepção de interesse nacional e estratégico tem de ser limitada.

«A questão que se põe é a de saber se o Estado tem de estar na esfera produtiva ou se tem somente de a regular»
António de Sousa

O problema dos mercados primário e secundário foi abordado por **António de Sousa**, que disse que se corre o risco de incidir na questão de obrigar os estrangeiros a pagar um sobre prémio no mercado secundário. «Se se desejar fazer isso, será uma forma habilidosa — *e se calhar bem feita — de fazer transferência do capital estrangeiro para grupos nacionais»*, acrescentou.

Uma abordagem rápida dos outros três pontos --indemnizações, direito de preferência a quem participou na privatização de 49 por cento do capital e a participação dos trabalhadores foram o culminar da reflexão.

Vítor Constâncio disse considerar que nenhuma empresa deve ser privatizada sem estarem definidas e pagas as chamadas indemnizações definitivas, por ser um princípio básico de um Estado de direito. Por outro lado defende que não haja qualquer privilégio para os antigos accionistas e aceita alguma reparação parcial pelos valores de indemnização.

Se for tomado o *«precedente que já houve em Portugal, em certa altura, de ser permitida a mobilização ao chamado valor nominal dos títulos de dívida pública de indemnização junto da Banca, para efeito de serem feitos investimentos e compra de empresas, penso que está criado o precedente para que o mesmo mecanismo seja utilizado em relação aos detentores originários dos títulos de indemnização para poderem pagar esses títulos ao valor nominal da parte que comprar, mas sem qualquer privilégio de acesso»*.

Sobre isto *«não há mais a dizer»*, segundo **Manuela Morgado**, pelo facto dos dois maiores partidos portugueses estarem de acordo nesta matéria. Mas acrescentou: *«Contudo, acho que há uma certa injustiça no facto de que, quem tendo tido originariamente o direito e posteriormente tenha vendido os seus títulos, muito abaixo do valor nominal, isto é, com o desconto resultante da baixa taxa de rendimento, seja agora prejudicado relativamente aos que os conservaram e que podem ter acesso a vendê-los ao nominal, para aquisição de novas acções. Talvez seja possível encontrar um sistema de correcção.»*

António de Sousa disse que, quanto ao problema da fixação do valor definitivo, considera de elementar justiça que seja feito antes das privatizações. *«De qualquer maneira penso que isso levanta uma situação mais funda, que é a forma como foi feita a avaliação das empresas»*. Considera igualmente que as privatizações poderiam constituir uma forma de ser feita a reparação de injustiças.

Quanto ao direito de preferência aos participantes nos 49 por cento da primeira fase de privatização, **Vítor Constâncio** foi formal e disse que, em geral, não concorda, salvo se numa dessas empresas for constituído um núcleo duro, o que servirá de pré-qualificação para o concurso limitado.

Manuela Morgado resumiu a sua opinião, ao dizer que *«quando as pessoas concorreram à primeira emissão não o fizeram com qualquer perspectiva de haver ou não preferência»*. **António de Sousa** acrescentou que *«a lei não obriga ao direito de preferência, mas penso que ela deverá ser consignada»*.

A participação dos trabalhadores na aquisição de acções reservadas foi alvo de diferentes posições. **Vítor Constâncio** disse estar de acordo: *«A justificação disso não é meramente o objectivo de se pretender que os trabalhadores controlem uma parte do capital para sempre, será também uma redistribuição de rendimento feita em termos de obtenção de mais-valia.»*

Demagógica foi como **Manuela Morgado** classificou a possibilidade de participação dos trabalhadores além de certos limites. *«Acho que as participações, quando são adquiridas, devem ser, em princípio, para conservar e não para fazer mais-valias, o que seria uma distorção do princípio pretendido de dessiminação do capital accionista.»* Defendeu a ideia de que a percentagem reservada deveria ser definida não em termos gerais, mas em função do nível de participação dos trabalhadores da empresa a privatizar para a Segurança Social. *«O privilégio aos trabalhadores deverá ser, fundamentalmente, pela percentagem reservada e pela possibilidade de pagamento diferido e não pelo preço de acesso.»*

A discordância surgiu pela voz de **António de Sousa** que afirmou considerar que os trabalhadores devem poder comprar as acções a um preço preferencial e que também devem poder vender, *«pois realizar mais-valias não só é um benefício efectivo, como também poderá ser uma motivação, maior que qualquer tentativa de acumulação ao mercado de capitais»*. Sobre este ponto acrescentou que *«a concretização de mais-valias é um direito que cabe às pessoas»*.

«Quando se fala em privatizar confunde-se com liberalizar e só interessa privatizar se preservarem situações concorrenciais»
Manuela Morgado

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

olhar de mocho

Complexo de divã

Quando as pessoas não estão doentes, em rigor, se não precisam de se libertar de algum trauma inibitório da infância, o divã do psicanalista é um *gag* que suponho ser exclusivo de cartoonistas, satíricos ou caricaturistas. E de facto, ontem à noite no «Café Central» o *gag* começou a funcionar normalmente: «somos pobres mas não miseráveis», «temos virtudes e temos pecados», somos ao mesmo tempo saudáveis e sãos. Mas foi sol de pouca dura. Logo a conversa derrapou para as altíssimas discussões metafísicas que caracterizam a esterilidade ou miopia nacionais.

Isto é, se a conversa tivesse seguido pela chachada, muito possivelmente ainda acabaria por faiscar dito e sentença que fizessem as honras da nossa tradição vincentina ou mesmo do mui citado Almada Negreiros (quando comecei a ouvir puxar o Almada à colação, fiquei à espera que alguém dos presentes fosse subitamente beijado pela musa e o citasse: se fulanos são portugueses eu quero ser espanhol!).

A puxada da conversa para o campo da metafísica transcendental quase que injectou em Portugal um complexo de Napoleão - queremos ser alguém no concerto das nações civilizadas, quiçá, solista e maestro ao mesmo tempo. Ora a descoberta do caminho marítimo para a Índia, por mais que a espremam, não se transforma em passaporte de membro dum sociedade de países ricos nem em jóia de clube de milionários.

Daí que se o divã fosse a sério, tivéssemos de enfrentar o problema - trauma de infância -, de nos libertarmos de complexos napoleónicos que funcionam como inibidores nos tempos que vão correndo. Países comparáveis ao nosso, que tiveram glórias históricas e hoje são pequenos, mas correctos, sãos e dotados de infra-estruturas normais, não sofrem de complexos napoleónicos nem questionam a sua identidade. Lembremos a Áustria, a Holanda, a Noruega, por exemplo.

Seria um ridículo atroz que alguém na televisão desses citados países levantasse o problema da identidade, sugerisse a liberdade como a essência que os singulariza, recordasse um culto da doença e, finalmente, confundisse relações económicas entre vizinhos com tragédia de Alcácer-Quibir.

E no entanto foi esse prato de fundo que nos foi impingido no divã psicanalítico de ontem. Eu quase me atreveria a sugerir que o divã estava mais a pedir algum ou alguns dos conversadores do «Café Central» que o pobrezinho do Portugal que já seria uma pessoa muito feliz, compostinha e sem complexos inibitórios, se alguém se lembrasse de «dinamarquizar» ou «holandizar» Portugal - ruas escorreitas, hospitais para todos, escolas eficazes. «Acredita nos portugueses?» - a pergunta final resumiu as dúvidas.

José S. Monteiro

Fantasporto

A cultura em falta

Se as pessoas, nos muitos caminhos do seu quotidiano, enfrentam, não raro, momentos dolorosos, como explicar que essas mesmas pessoas busquem filmes de terror, de sangue, de mutilações de toda a ordem...? A resposta é, a um tempo, fácil e difícil. Fácil, se admitirmos que as pessoas tidas como normais o não são verdadeiramente, escondendo e albergando, na mais profunda intimidade, anseios sádicos, masoquistas, criminosos; difícil, se acordarmos que a mais límpida normalidade humana necessita de ver e observar o «outro lado» da vida que a não habita. Seria, no último caso, uma simples questão de curiosidade. Mas será assim...?

Quem assistiu, como nós, à exibição da película sueca «Lethal Film», das realizadora Suzanne Osten (celulóide que é uma antestreia nacional e se apresenta a concurso no festival portuense), encontra-se face a face com as duas hipóteses acima apresentadas.

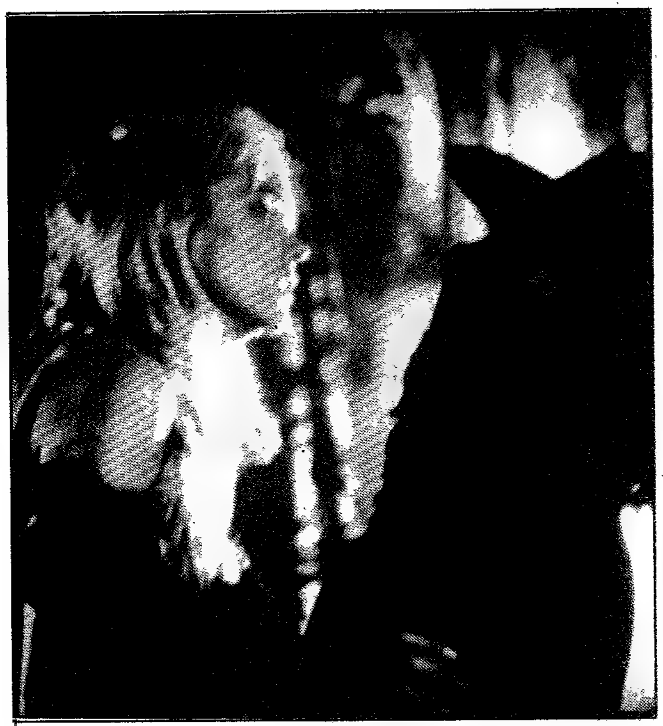
Para já, no entanto, um resumo do filme.

Emil, actor cómico, trabalha numa empresa que só produz filmes de terror. O sucesso de bilheteira de tais projecções é a prova provada da adesão do público mais heterogéneo, a semelhante género fílmico. Emil, a certa altura, interroga-se: como é possível que pessoas, sufocadas de problemas diários, mergulhadas, muitas vezes, na angústia mais extrema, se regozijam com exibições de tão grande crueldade...? Decide-se, para contrariar a corrente, a propor à hierarquia da empresa um filme cómico, de puro entretenimento, sadio, assente, na medida do possível, nos valores perenes do humanismo.

Que sim - dizem-lhe. Ele dá-se à nova realização - e eis que surgem no «écran», já no quarto final do filme, metamorfoses de mitos antigos, extrapolações poéticas, um toque, até, do surrealismo... Não há dúvida que uma outra interpretação da vida, interpretação em que o amor, por exemplo, deixa de ser um acto mecânico e se volve numa dádiva de mistérios mútuos.

Mas a hierarquia da empresa, bem como grande parte do público que se habituara a filmes radicais de terror, satisfaziam-se em pleno com uma «commedia dell'arte», por assim dizer, às avessas - e de maneira nenhuma aderia à estética do belo que lhes era apresentada. Levanta-se aqui um problema filosófico (digamo-lo de passagem) ainda não devidamente equacionado: se existe uma estética do belo, porque não admitir também uma estética do feio...? Não sendo os filmes de terror muito do nosso agrado (uma vez que, salvo raras excepções, os consideramos como uma desistência do racionalismo humanístico apontado no começo deste escrito), a verdade é que, apesar de algumas fragilidades e também de algumas soluções fáceis, «Lethal Film» (excelente interpretação de Etienne Glaser no papel de Emil) consegue, em muitas sequências, dar uma volta (ou apoiar-se às avessas) na «commedia dell'arte», e que, como é óbvio, nos proporciona (e voltamos ao princípio desta nota interpretativa) pessoas tidas como normais não e sendo verdadeiramente (sádicas, masoquistas, criminosas) e pessoas que, dentro da normalidade possível, apenas desejam observar o outro lado da vida... Este, quanto a nós, o mérito da realizadora sueca Suzzane Osten (premiada, aliás, no Festival de Filmes de Mulheres de Créteil, onde apresentou «Os Irmãos Mozart», uma comédia sobre a democracia).

«E quanto a Emil?» - perguntará o leitor. Acabou mal: arrancaram-lhe a cabeça. Mas os lábios, como os de Orfeu, mesmo assim entoaram uma canção à vida, prometendo, baixinho, salvar Eurídice de todos os males infernais do mundo...



«Ghost Town» filme a concurso no Fantasporto, e exibido no fim-de-semana

«Ghost Town»: o arrepio ficou na bilheteira...

Se «Lethal Film», apesar de um nível não inteiramente conseguido, nos não desagradou, o mesmo já não podemos dizer da película australiana/EUA «Ghost Town» (literalmente, «Cidade Fantasma», realizada por Richard Governor, antestreia europeia e também a concurso no Fantasporto).

Aliando os velhos temas dos «westerns» com um certo tempo perdido, eis que temos uma história que mistura passado e presente, ou melhor, onde os seres de hoje descobrem uma cidade onde a vida parou há cem anos, mas ainda povoada pelos seus habitantes, «presos (como se lê no catálogo do certame) por uma maldição» que só terminará no dia em que determinado indivíduo for varrido da terra. O que naturalmente acontece, através de um xerife sabedor do ofício...

Se, em princípio, o cinema de terror exige imaginário, coisas, enfim, nunca vistas, sucede que em «Ghost Toown» a caracterização se sobrepõe precisamente ao imaginário, ficando na retina do espectador rostos horripilantes, estaturas aumentadas, mãos em demasia alongadas, etc. Além disso, os cenários também pecam por exagerados, dando-nos, de quando, a sensação do «déjà vu». Factor positivo, quanto a nós, só o fenómenoo que, à falta de melhor, podemos designar por tempo-vento, uma onda de pó que leva os presentes, os que vivem o dia de hoje, para décadas e décadas passadas. Quanto ao resto, francamente...

Basta que se diga, como reparo final, que o tal xerife que tudo resolve, utiliza, em parte, certos expedientes muito semelhantes aos do McGiver, personagem de uma série que a nossa RTP costuma passar pelos fins-de-semana. Não, assim não; o cinema fantástico exige outra imaginação, outro arrepio, outro abrir de olhos de quem o vê. Numa palavra: um «Oh!» abafado (ou solto mesmo) na boca multiforme da plateia.

«Puppet Master»: o «écran» sem novidade

Igualmente como antestreia nacional, e também submetido a concurso, apresentou-nos o Fantasporto, nestes primeiros dias (o Festival prolonga-se até ao dia 11), o filme norte-americano «Puppet Master» (título que se pode traduzir livremente por («O Mestre Bonecreiro»), do realizador David Schnoller.

Nesta película, diferentemente de «Ghoost Town», há um fio de literatura (que advém do argumento, assinado por Joseph G. Colledi) e uma montagem (Tom Meshelski) mais fluente, hábil, não dando ao «écran» momentos parados.

Os bonecos com vida que saem das mãos do excelente actor que é William Hickey (custa é a sua aparição, três ou cinco sequências, mas logo o catalogamos dentro de nós), se não são já novidade no cinema, a verdade é que também nunca fatigam os espectadores. Mas...

Mas quer haja um fio de literatura (i.e., a utilização de um saber antigo), quer a montagem nos movimente, quer os bonecos ajudem a criar uma atmosfera, o certo é que não estamos perante um filme para rever e recordar. Sem querer ofender ninguém, algo nos diz que amanhã (ou depois de amanhã) já ninguém do filme se lembra...

Uma coisa é a propaganda que, em determinado momento, pode criar nos espectadores uma certa euforia - mas a verdade rasa é outra coisa: em filmes deste género (honra feita às excepções) o que ressalta é uma enorme falta de cultura, de valores assenciais, de pontos de referência como aqueles que, por exemplo, existem num mapa. Quase tudo é arbitrário, num acaso disfarçado, sem fundamento. Verdade que há outra realidade que nos pode atemorizar. Mas essa outra realidade não nos pode ser oferecida feita de retalhos da realidade que já nós todos conhecemos. Se assim for, estamo-nos a olhar no espelho a que nos olhamos há milhares de anos. Em suma: num «écran» sem novidade absolutamente nenhuma.

Pedro Alvim

Serguei Paradjanov, cuja obra passa em retrospectiva no Fantasporto, estará presente dia 11 no Teatro da Malaposta, em Olival Basto, na periferia de Lisboa.

Dos nove mil livros editados em Portugal em 1988, apenas oito tinham o cinema por objecto. O porquê deste panorama foi o que nos levou na passada sexta-feira ao Teatro da Malaposta

Quem vê, lê e quem não lê, não vê?

A iniciativa fora anunciada há muito com a convicção de quem sabe o que diz e o que quer, integrando-se, assim, no conjunto de actividades cinematográficas que o Teatro da Malaposta tem levado a efeito, desde que a 2 de Dezembro último inaugurou e forneceu um exemplo de dinamismo aos espaços culturais da capital.

Com o propósito de analisar e discutir o panorama (paupérrimo, aliás) da edição de livros sobre cinema em Portugal, reuniram-se em debate moderado por Costa e Silva, responsável pelo sector cinematográfico do Teatro, Manuel S. Fonseca, em representação da Cinemateca, Lauro António, nosso colaborador e director da revista «Vídeo e Som», Carlos Araújo e Eduardo Moura, das editoras Teorema e Livros Horizonte respectivamente. Dos convidados previstos, só há a registar a «gazeta» de Manuel Albero Valente que entretanto, se ocupava de mais um lançamento das Publicações D. Quixote.

Nem sempre foi assim

Crítico abalizado durante largos anos, cine-clubista militante, como ele próprio se define, Carlos Araújo lembrou, ao tomar a palavra, que tão manifesto desinteresse das editoras pelo livro de cinema não é, de forma alguma, uma situação herdada de décadas anteriores. No final dos anos 50 e mesmo durante a década de 60, houve em Portugal «uma autêntica avidez pelo livro de cinema». Foram os anos da implantação entre nós de um forte movimento cine-clubista que, por seu turno, servia de suporte à actividade editorial.

Com a «revolução dos cravos» murchou a necessidade de enfrentar os efeitos mutiladores da repressão, tantas vezes subjacente a estes grupos organizados em torno de uma paixão comum e só aparentemente apolítica. Houve depois, segundo Eduardo Moura, «uma aproximação ao fácil» e a militância cine-clubista tornou-se o resíduo de uma época pretérita.

O gosto pelo cinema cedeu lugar ao consumo quase sempre indiscriminado de imagens e neste culto do viver superficial alimentado durante a passada década, deixou de haver tempo ou espaço para a reflexão sobre o cinema. Quem vê já não lê porque muitas vezes vê por ver e, volvida pouco mais de meia-hora, entretido com outras solicitações, já esqueceu o que tinha visto. É a saturação, preço a pagar pelo excesso de oferta de imagens, numa civilização onde o audio-visual é déspota (pouco) iluminado.

O modelo francês

Perante a exiguidade das edições de livros de cinema em Portugal, há a registar a natural tendência para sublinhar os méritos que países

Francisco Paraíso

Os participantes no debate sobre a edição do livro de cinema, sexta-feira à noite, no Teatro da Malaposta. Da esquerda para a direita: M. S. Fonseca, Costa e Silva, Carlos Araújo e Lauro António

estrangeiros alcançaram neste âmbito particular. A França, por exemplo.

O modelo foi apontado por Eduardo Moura, mas não sem reservas. Com efeito, nesse país, a par de uma forte edição de livros-reflexão sobre cinema, há uma igualmente intensa produção dos chamados livros-objecto, obras decorativas que reunem uma série de belas fotografias de grandes estrelas, mas que delas não dizem mais que as datas de nascimento e morte. A par destas, existem, tal como sublinhou Lauro António, os livros de bisbilhotice, desbravadores da vida íntima (quantes vezes imaginária) de Bogart, Dietrich e sobretudo da pobre Marilyn ,a quem continuam a inventar amantes de ambos os sexos, vinte e sete anos depois da sua morte.

Estes são os livros ditos de cinema produzidos pelo sector mais consumista da sociedade. Quem os lê nada tem de cinéfilo e os conhecimentos que neles adquire são típicos de uma cultura de «Reader's Digest». De resto, podem-se obter com a mesma eficácia na «!Hola» ou na «Nova Gente».

Os livros-reflexão são, no entanto, também muito abundantes na pátria de Bardot, como, aliás, foi salientado bem recentemente no «DL». Às várias livrarias especializadas de Paris, acrescentam-se, como referiu Lauro António no decorrer do debate, as revistas literárias com secções espacialmente consagradas aos livros de cinema. Em Portugal, a iniciativa seria absurda, pois o número de edições anuais não serviria sequer para preencher uma página...

Quem edita o quê?

De todo o mercado editorial português, há apenas cinco «casas» que editam com alguma regularidade 85% dos livros do género hoje disponíveis.São elas: os Livros Horizonte, a Afrontamento, as Edições 70, a D. Quixote e sobretudo a Cinemateca Portuguesa, a única das cinco que neste momento dá continuidade às edições de carácter cinematográfico.

Segundo Manuel S. Fonseca contou ao escasso público presente no debate, as edições da Cinemateca iniciaram-se há precisamente dez anos. Foi o tempo das publicações pequenas, dos textos traduzidos do estrangeiro a que faltava a palavra portuguesa, aliciante ao frequentador habitual das sessões. Reuniu-se um grupo de pessoas simultaneamente apaixonadas pela escrita e pelo cinema, recorreu-se uma e outra vez à colaboração de técnicos especializados e, como nos filmes, o sonho tornou-se realidade, ainda que com as reticências impostas pelo longo período que ,de quando em quando, medeia entre o ciclo e a edição publicada a propósito.

Não há bela sem senão e, em Portugal, não há nada que se compare a este organismo que detém parte de leão dos livros de cinema disponíveis no mercado. A situação é, no entanto, facilmente compreensível. Dependentes da Secretaria de Estado da Cultura, as edições dequela instituição são fortemente subsidiadas e não têm à partida quaisquer intuitos lucrativos. Por outo lado, à sua venda encontra-se assegurada, ao contrário do que acontece com as outras casas editoriais, num micro-cosmos exclusivamente frequentado por quem se interessa e muito pelo fenómeno cinematográfico. É o tipo de leitor (sem dúvida, uma raridade) que vê, lê e reflecte sobre o que entretanto extraíra de ambos os actos. A edição de revistas especialmente versadas no celulóide não é menos atribulada. Não é por mero acaso ou por falta de interessados que ainda não se conseguiu criar raízes para um empreendimento próximo ou comparável às edições americana e francesa da «Première». Lauro António testemunhou-o. Publicações como «Enquadramento» ou «Isto é Espectáculo», por ele dirigidas e precocemente fracassadas, trouxeram-lhe o amargo conhecimento do que são as edições cinematográficas no nosso país.

Tudo isto, mais complexo do que parece, se torna caso para perguntar: quem vê, lê e quem não lê, não vê?

Mais cinema no Teatro da Malaposta

Inaugurado há precisamente dois meses, o Teatro da Malaposta tem vindo a ser dinamizado por actividades múltiplas e diversificadas, entre as quais se conta , a par da peça «O Render dos Heróis», o tributo à importância que a Sétima Arte tem vindo a assumir na cultura ocidental.

Em declarações ao «DL» Costa e Silva referiu que a adesão às sessões «está a tornar positiva» após um período inicial «em que vinha pouca gente».

Ao longo destes dois meses, o Teatro da Malaposta tem-se preocupado com a «divulgação da cinematografia que as pessoas não vêem em cinemas dominados pelas multinacionais». Assim, se compreende o ciclo temático sobre a revolução francesa vista pelo cinema ,a iniciar no próximo dia 23 de Fevereiro com o filme «Madame Du Barry» , realizado por Ernst Lubitsch em 1919. A projecção de filmes de épocas e proveniências geográficas tão diversas quanto possível, será complementada por actividades didácticas paralelas, conforme tem sido norma neste espaço.

A propósito deste tipo de iniciativas, Costa e Silva destacou a vivacidade do debate gerado em torno de dois documentários que, tomando a serra de Aires e Candeeiros e o Parque do Alvão por tema, proporcionaram uma interessante sessão sobre os problemas do ambiente, no qual colaboraram os autores dos filmes e o director do parque acima referido.

O grupo dinamizador do Teatro da Malaposta não irá repousar, no entanto, à sombra das realizações já empreendidas. Para Outubro próximo, anuncia-se algo de tão surpreendente como isto: um primeiro festival internacional de cinema documental, um género que, para Costa e Silva, «tem vindo a ser muito esquecido».

Na origem de toda esta vontade estão, recorde-se, quatro municípios dos arredores de Lisboa que, desta forma dinâmica, dizem aos responsáveis do poder central, como é que se faz cultura, hoje, sem inércias políticas ou actuações demagógicas.

Maria João Martins

Portugal debatido em Les Mureaux

A cidade de Les Mureaux, nos arredores de Paris, organiza até final de Fevereiro uma série de manifestações culturais consagradas a Portugal. Colóquios, conferências, mesas redondas, espectáculos, cinema e exposições marcarão os pontos mais altos desta iniciativa organizada pela Mairie de Les Mureaux, com a colaboração de duas associações portuguesas locais. Realizaram-se já, durante o fim-de-semana passado, dois dos colóquios agendados, o primeiro subordinado ao tema «Irradiação Cultural do Mundo Lusófono», que contou com a presença de José Augusto Seabra, embaixador de Portugal na Unesco, Eduardo Prado Coelho, conselheiro cultural na Embaixada portuguesa em França, António Mega Ferreira, da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, e ainda de Solange Parvaux, inspectora-geral do ensino de Português em terras francesas.

O segundo colóquio versou sobre «A Evolução Económica de Portugal e a sua Evolução no Quadro Europeu», com intervenções de Santos Martins, embaixador português junto da OCDE, Maria do Céu Espanha, directora do ICEP em Paris, Santos Teixeira, director da Império-França, e José Fernandes Rodrigues, técnico superior do Ministério da Agricultura português.

No âmbito deste «Mês de Portugal» será também apresentada em Les Mureaux uma retrospectiva de Manoel de Oliveira, que contará com a presença de alguns dos seus filmes mais representativos. Pedro Caldeira Cabral, os Madredeus, a Companhia de Teatro Cá e Lá e o cantor Álvaro Vilaverde animarão vários espectáculos previstos durante esta manifestação. Manuel Alegre e Mário Cláudio participarão num colóquio consagrado à literatura portuguesa.

Duplex Longa e Rodrigo Amado/Luís Desirat, «outsiders» no Rock Rendez-Vous

Mar de palha

Duplex Longa: a «nova música moderna» não chegou para agitar o «mar de palha» do RRV

Generalizou-se a ideia de que tocar no Rock Rendez-Vous é não só um meio de promoção como, já, uma confirmação de validade. A tal ponto que se podem separar os agrupamentos portugueses da pop e do rock entre os que subiram ao palco do antigo cinema Universal e os que nem sequer entraram pela porta. A verdade, porém, é que quase todos lá estiveram, ainda que nos concursos organizados ano após ano. Chegou-se ao ponto de ser uma forma de superioridade, ou de independência, passar ao largo da Rua da Beneficência.

Os Duplex Longa tinham essa atitude orgulhosa e, dizia-se nos meios musicais lisboetas, um tanto snob. Lembro-me de uma entrevista em que garantiam a pés juntos que Rock Rendez-Vous nunca, jamais, em tempo algum. Pois mudaram de opinião, e na passada sexta-feira lá estiveram, secundados na sessão pela dupla Rodrigo Amado/Luís Desirat, que também nunca tinham visitado a sala. O curioso é verificar-se o facto depois do fecho oficial do RRV, e num programa «sobrevivente» da Ama Romanta que está claramente a beneficiar as margens da chamada «música moderna portuguesa» e até algumas zonas que lhe são exteriores. No primeiro caso estão sem dúvida os Duplex, com os seus temas entre o neobarroco, a pop, a «world music» dulcificada e o rock «hardcore». No outro, o projecto de Amado e Desirat é claro em situar-se num módulo jazzístico sem quaisquer intenções de fusão, instrumentalmente «puro» com a parceria entre o saxofone alto e a bateria. As intenções de João Peste, o animador da editora, são mais do que boas, mas o «mar de palha» (como alguns chamam ironicamente) do velho Rock Rendez-Vous é coisa instalada. Na noite de sexta para sábado, véspera do concerto dos mais famosos Santa Maria Gasolina em Teu Ventre, a «catedral» estava vazia. Só foram os muito motivadamente interessados mas, mesmo que ninguém tivesse saído defraudado (a música dos Duplex Longa é diferente de tudo o que se faz em Portugal e sabe jogar ao nível da sedução, e Luís Desirat com Rodrigo Amado foram incomparavelmente mais felizes que numa prestação recente no Centro de Arte Moderna), o que aconteceu não foi suficiente para agitar as águas paradas do RRV.

O duo constituído pelo violinista Mário Resende e pelo baixo Carlos Raimundo não esteve na sua melhor forma e tornou-se evidente que aquele não é, de facto, o seu espaço natural. A música que tocam é de sustentação frágil, exige interiorização, leitura, empatia. Não houve comunicação com o pouco público presente e isso, que lhes é vital, diminuiu-lhes gradualmente a vitalidade. Sem conseguirem grandes reacções acabaram por deixar a nu a excessiva linearidade dos fraseados melódicos das suas composições (se bem que contrariada pela melhor rítmica electrónica que temos ouvido por estes lados) e um vício de forma que leva insistentemente o violino para cómodos tons menores. Pouco a ver, na verdade, com os sucessos do concerto de apresentação no Instituto Franco-Português, o ano passado, que revelou outras glórias.

Amado e Desirat não foram melhores. O primeiro, se tem um bom som de saxofone, dá mostra de alguma limitação imaginativa, particularmente gritante quando se meteu a imitar os jogos harmónicos que caracterizam um John Surman. Desirat, pelo seu lado, se bem que com a virtude de não repetir o desastre que protagonizou há um mês no CAM, confirmou as suas hesitações de estilo pessoal, indiciando um ou outro conceito interessante mas dando vazão ao legado negativo da bateria de rock. Apostaram ambos, nesta apresentação em território adverso, no jazz «mainstream», introspectivo, improvisado sim mas cuidadosamente estruturado, mas com resultados que não deixam de parecer algo falsos, como se se tratasse de uma citação bem urdida. Não foi desta, pois, que o «mar de palha» conheceu novas agitações.

Rui Eduardo Paes

A Televisão que se vê em Portugal

Eleições autárquicas: o programa preferido

Contrariando uma ideia, geralmente publicitada, segundo a qual os cidadãos deste país estariam cada vez mais saturados da actividade política - designadamente dos actos eleitorais - aparece agora uma informação, baseada no "Índice Marktest de Audiência de Televisão", a dizer-nos que não, que afinal foram os programas da RTP dedicados às recentes eleições autárquicas e para o Parlamento Europeu, os que obtiveram maiores índices de audiência: 77 por cento para as autárquicas, 66 por cento para a escolha dos "eurodeputados" portugueses.

Só depois aparecem na lista dos programas televisivos mais apreciados pelos portugueses, entre os 65,2 e os 50,7 por cento, os seguintes dezassete programas: Festival Eurovisão da Canção, telenovela brasileira "Sassaricando", Marchas Populares de Lisboa, Evocação de Ivone Silva, "Vale Tudo", Telejornal, telefilme "Jovem Chaplin", Festival RTP da Canção, "Passerelle", segunda parte de "Jovem Chaplin", Jornal de Sábado, Jogos sem Fronteiras, Eleição de Miss Portugal, Carnaval no Rio, Final da Taça de Portugal em Futebol, Tina Turner no Rio de Janeiro e XXV Corrida de Touros TV.

Todos estes números foram encontrados - segundo a empresa de sondagens - a partir de «um estudo realizado semanalmente na zona da Grande Lisboa, baseado num inquérito telefónico junto de 250 pessoas, seleccionadas aleatoriamente em cada semana». Ainda segundo a Marktest, este estudo permite estabelecer o perfil de audiências de cada programa, e constitui uma ferramenta de base no planeamento de campanhas de publicidade, da maioria das agências de Publicidade em Portugal".

Para além de podermos ficar a saber quem ganhou o "campeonato de audiências", este trabalho permite ainda saber, em pormenor, quais os níveis médios alcançados, especificamente, por cada um dos programas. Podemos dividi-los, para uma melhor compreensão, em - por exemplo - noticiosos, de informação, divulgação, desporto, cinema, recreativos, telenovelas e séries.

Telejornal à frente

Com 62, 8 por cento no nível de audiência, o telejornal lidera o grupo de programas noticiosos da RTP, seguido pelo Jornal de Sábado (52,9), Jornal de Domingo (47,2), 24 Horas (30, 4), Jornal das 9 (27,4) e Jornal da Tarde (25,6).

A "Primeira Página" - já na área dos conhecidos por "Programas de Informação", ficou à frente com 30 por cento, aparecendo em segundo lugar o "Telemundo" com apenas menos um ponto. Os similares do Canal 2, "Hora da Verdade" e "Sinais do Tempo", ficaram-se, respectivamente, pelos 18,6 e 13 por cento.

Nos programas de divulgação, surge o "Totoloto" como o mais popular, ao recolher 38,8 por cento de "votos", aparecendo em seguida o "Sete Folhas" com 26,4, o "Vamos Jogar no Totobola" com 21,4, enquanto o "Parlamento" e o "Bom Dia" se ficam por escassos 7,9 e 5,7 respectivamente.

Na área do Desporto, é o "Domingo Desportivo", com uma certa lógica, o que conquista os favores do público inquirido: 32,4 por cento. Seguem-se, por ordem decrescente, o "Remate" com 21,7; "Rotações" e "Estádio" empatados com 7,9 por cento e "Troféu" com 5,4 e 3,8, respectivamente nas edições vespertinas e matutinas.

Lotação Esgotada

No que toca às rubricas de Cinema, a "Lotação Esgotada" das quartas-feiras ganha por margem folgada: 43,2 por cento. Os outros programas cinematográficos da RTP atingiram a seguinte pontuação percentual: os de sábado 29; "Pela Noite dentro" 22,9; "Primeira Matinée" 20,7; "Sessão da Tarde" 15,5; "Cinema Dois" 8,4; Cineclube 7,6.

O "Canto Alegre", com 29,6 por cento, foi declarado campeão dos programas recreativos de produção nacional, enquanto "Jogos sem Fronteiras" (produção estrangeira), com 53 por cento, foi o vencedor absoluto. De referir, ainda, as percentagens recolhidas por outros programas da mesma área: Clube Amigos do Disney com 28 por cento, Jogo de Cartas 27,6; Pisca-Pisca 27,5; Nosso Século 12,5; No Tempo em que você nasceu 17,7 Teatro do canal 2 obteve 5,8; bailado 5,1 e ópera 3,7.

"Sassaricando" ganha nas novelas

A hilariante telenovela "Sassaricando" venceu a "batalha" das novelas, fixando a sua média de audiência nos 63,1 por cento, superior à actual "Vale Tudo" - que por enquanto vai nos 57,6. No que toca ao 2º canal, temos a "Sinhá Moça" com 16,4; a "Helena" com 11,5; "O Meu Pé de Laranja Lima" com 9,9 e, por último, "Pacto de Sangue" com apenas 9,6.

No que diz respeito às séries - e agora para terminar - digamos que "Shaka Zulu", com 49,2 se sagrou vencedora.

A seguir, aparecem nestas sondagens de opinião "A Filha é Minha", "Alf", "Modelo e Detective", "Deseja-me Sorte", "Dinastia da Lama", "Onassis", "Pássaros Feridos" e "Harém", com percentagens entre os 48,3 e os 46,8.

No 2º Canal, onde se notam, na generalidade. níveis de audiência muito mais baixos do que no 1º, a recordista com 28,8 é "Dona Beija". A seguir, aparecem "Primo Basílio" com 14,7; e na cauda "Hitchcock apresenta", "A Bela e o Monstro", "Maude" e "5ª Dimensão", esta apenas com 11,3.

O prazer de ouvir música com ex-Velvet Underground, ontem, na Aula Magna

Que este John não se Cale

Um recital de culto para um público fiel. Foi o que aconteceu, ontem à noite, numa Aula Magna praticamente cheia e entusiasticamente aplaudindo de pé John Cale.

Uma hora e meia, com três *encores* de um tema, permitiram ao músico galês passear por todo o seu vasto reportório. Tendo iniciado o concerto com temas do seu último álbum, Cale foi deixando para o fim os dos seus discos mais antigos. Não desmerecendo no trabalho recente, com a marca de qualidade que o autor põe em todas as suas obras, é, contudo, nas suas composições mais antigas que transmite, com força redobrada, a intemporalidade e universalidade que dele fizeram um artista de culto.

Sózinho, acompanhando-se ao piano e à guitarra (o sintetizador teve pouca participação neste concerto), o fascínio de Cale está na forma como atira as palavras, sempre com o cunho poético marcadamente "velvetiano" -ou o seu antigo companheiro Lou Reed não fosse o poeta por excelência do rock urbano dos finais dos anos sessenta-, fundindo-as nos ambientes musicais por si criados. Nesses ambientes, nessas divagações contraditoriamente profundas, Cale prova que a música não tem géneros, estilos ou espartilhos, ele passa da *pop* ao *rock*, à erudita, e mesmo à música contemporânea, sem que se sinta a grandiosidade da façanha.

Tudo está certo, tudo pertence a um todo apetecível, desencadeando-se de forma perfeitamente harmónica. A acrescentar à sua importância como compositor e à forma tecnicamente irrepreensível com que toca/interpreta os seus temas, quer ao piano, quer à guitarra, está a voz de John Cale, uma voz versátil, capaz de surpreender na forma como diz dos desencantos, sussurra os amores e grita os absurdos óbvios.

Ontem, à noite, no único concerto da sua segunda apresentação em Portugal, o músico mostrou-se à vontade, transmitindo o conforto de quem já conhece o público, o que terá ajudado a que, apesar de sozinho num palco enorme, o clima na Aula Magna fosse quente, aconchegante.

De referir que Cale, para além de fundador dos Velvet Underground com Lou Reed, posteriormente, trabalhou como produtor em discos de Iggy Pop, Jonathan Richman, Patti Smith e Squeeze. Há um ano assinou contrato com a editora de Brian Eno, com quem gravou "The Soul of Carmen Miranda", tema por si, ontem, interpretado.

Para os que sonham com os reencontros musicais de músicos ligados a projectos quase míticos, há a assinalar o trabalho que Cale está a preparar com Lou Reed, intitulado "Songs for Drella", diminutivo de Andy Warhol a quem é dedicado.

Já não era sem tempo podermos assistir a um concerto de qualidade como o de John Cale, é que estamos carentes de boa música, tão esquecida pelos promotores de espectáculos, muito mais fascinados pelos lucros de "projectos banhada" como Transvision Vamp e Bon Jovi.

John Cale

A noite dos trintões

Se alguns jovens mais atentos conhecem a obra de Cale, e de ouvir, o nome de Velvet Underground, foram porém os *trintões* que encheram a Aula Magna. Para este grupo etário, não estagnado no tal mito folclórico dos anos 60, de facto, a referência de uma juventude perpetuada está em nomes como Lou Reed, Cale e Nico.

Eles foram os pioneiros de uma forma mais profunda de questionar o mundo, não se limitando a uma contestação pacifista entorpecente, usaram as palavras com uma roupagem nova, com **arte,** de forma poética mais avançada e musicalmente fizeram a viragem. Foi depois da revolução musical por si desencadeada que surgiram movimentos e estilos como a *new wave* e o *punk rock.*

Os trintões que ontem beberam a arte de Cale, tal como o artista, recusam o saudosismo, mantendo-se activamente vivos, carregando as suas experiências de vida de forma criativa. Não estiveram na Aula Magna os *freaks* ou *hippies* precocemente senis, estagnados no tempo.

Não estiveram os bem sucedidos *yuppies* sem memória. Não estiveram os lamurientos frustrados do «se tivesse sido...». Quem encheu a sala, para ouvir Cale, foram os trintões que acreditam que o caminho ainda vai a meio, e o que importa é a disponibilidade para a vida.

Maria José Belo Marques

Morreu o baterista Mel Lewis

O lendário baterista norte-americano de jazz Mel Lewis, que tocou com figuras como Dizzy Gillespie, Benny Goodman e Miles Davis, morreu domingo em Nova Iorque com 60 anos.

Lewis, cujo nome verdadeiro é Melvin Sokoloff faleceu no Hospital Cabrini , de Manhattan, vítima de uma longa doença.

Apesar da doença, o baterista, que iniciou a sua carreira aos 14 anos em Buffalo, tocou até três semanas antes da sua morte.

O seu trabalho valeu-lhe ser nomeado para um «grammy», cujos prémios serão entregues em Los Angeles no próximo dia 21 de Fevereiro.

Cavaco Silva apoia orquestra do Porto

O primeiro-ministro e o secretário de Estado da Cultura assistiram sábado no Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa, ao concerto da orquestra do Porto da Regie Cooperativa Sinfonia, sob a batuta do maestro holandês Hubert Soudant.

«Vim de facto acarinhar a orquestra, que não foi fácil pôr de pé» - disse à Lusa, Cavaco Silva, chegado havia poucas horas da sexta cimeira ibérica, realizada em Sevilha. Santana Lopes, por seu turno, também considerou «excelente» a estreia da orquestra e coro da Regie Sinfonia no São Carlos: «o projecto tem sido de facto acarinhado com particular estima por várias entidades e mostrou hoje que bem o merece».

O Eden encerrou no dia 31 de Dezembro. Desde o primeiro dia do ano, os trabalhadores continuam à porta. Sem salário, nem indemnização

Na bicha para o desespero

Há um mês eles asseguraram a última sessão do que seria o derradeiro filme do Eden, «Os Deuses Devem Estar Loucos». Hoje, pensam com certeza que loucos devem estar os homens. Mas não estão. Estão é possuídos daquela sabedoria, velha de há 2000 anos, que já então levou Pôncios Pilatos a dizer «lavo daí as minhas mãos». Pelas duas dezenas de trabalhadores do Eden, ao abandono mal encerrou o cinema, toda a gente lava as mãos, o mesmo é dizer que deles ninguém quer saber: do seu futuro como do seu passado, do seu presente tão-pouco.

Um presente que, contudo, está à vista de todos desde que, a 31 de Dezembro, o Eden fechou as portas, ou melhor, desde que no dia seguinte para quem lá trabalhava o ano começou em frente da porta do lado de fora.

Primeiro para justificarem, em termos laborais, uma presença; agora, por um estranho tropismo que os leva todos os dias a saírem de casa e encaminharem-se para o que - durante cinco, dez, nalguns casos quinze anos - foi o seu local de trabalho, ei-los que eles ali estão, sentados nos degraus do repisar de uma realidade. Uma realidade triste. Menos triste embora do que seria a de cada um deles se a vivesse sozinho, sem a cumplicidade dos outros na mesma sorte; menos triste também do que seria o terem aceite tal sorte como fatalidade ou destino.

Eles não: eles acreditam ainda que não é possível neste País à beira da CEE plantado, um trabalhador ser atirado para o desemprego sem salário, subsídio ou indemnização, graças a um expediente que, se não é outra coisa pior, é pelo menos de uma ilegitimidade que brada aos céus.

A história é simples: eles trabalhavam para a Lusomundo que explorava um cinema chamado Eden. O Eden encerrou, a Lusomundo não, e os trabalhadores, que conste, nunca assinaram nenhum vínculo contratual nem com o actual nem com o futuro proprietário do imóvel onde o cinema funcionava.

Parece assim, óbvio que estes trabalhadores, que por facilidade de expressão dizemos serem do Eden, é da Lusomundo que são, devendo, para o deixarem de ser, a empresa ter instaurado um processo de despedimento colectivo em devida regra. Não o fez, convencendo (ou querendo convencer) os trabalhadores que quem herdava o cinema os herdava a eles, o que, salvo melhor opinião, está longe de ser verdade.

E mesmo que o fosse... Seria justo que trabalhadores que serviram anos a fio uma empresa se atirassem assim para a rua... «como um cão» dizem eles, agora, a quem os quer ouvir?

Só que quem os quer ouvir rareia. Ouve-os o Sindicato, ouviram-nos na primeira hora e de raspão os jornais, mais consternados com o fim do cinema do que o iminente desemprego dos trabalhadores.

Confiou-se, provavelmente, que, à boa maneira portuguesa, mal ou bem eles se haviam de desenrascar. Só que não desenrascaram. Têm mais de 50 anos, quase todos, e sabe-se como é hoje o negócio do cinema, o que está a dar são salas tipo «self-service», malta nova, contratos a prazo...

E o primeiro fim do mês sem 40 contos, mais coisa menos coisa, que ganhavam, já chegou; iniciaram os trabalhadores agora a via sacra da procura da papelada toda que há-de justificar, daqui sabe-se lá quando, um miserável subsídio qualquer; papelada mais vasta procura-a o Sindicato para pôr tudo isto em tribunal, julgamento remetido para as calendas, ainda há-de a Inspecção do Trabalho dignar-se primeiro ter conhecimento da situação.

É que aparentemente ainda não tem, porque este é o País onde, mesmo quando a realidade se mete pelos olhos dentro, ninguém quer saber, se a realidade não convém, chatices é o que mais há, e estas coisas dos despedimentos estão a ficar fora de moda.

E é assim que, fisicamente presentes, todos os dias à porta do Eden, desde o primeiro dia do ano, ainda ninguém os viu, a estes trabalhadores todos.

Passa-se isto no seio de uma civilização que se orgulha do primado do indivíduo. Mas a este *indivíduos* - um, dois, três, por aí fora até vinte - quem, um a um, deles quer saber, se não para lançar sobre todos um colectivo manto de esquecimento?

«There is no business like show-business». À sua custa, os trabalhadores do Eden já perceberam que sim...

Rodrigues da Silva

A bela história do romance

Acaba de aparecer o último livro de Milan Kundera. Altura propícia para Danièle Sallenave reflectir sobre as mutações do romance moderno.

O último romance de Milan Kundera, «L'Immortalité», demonstra-o claramente: o romance não é um género nem uma forma. Não se reduz à arte de contar, menos ainda à de construir uma intriga e de dar vida às personagens. O romance é uma forma de pensamento. Bem entendido, nem todos os romances correspondem a esta definição. Qualquer defesa do romance deve, portanto, ser, hoje em dia, simultaneamente uma tentativa de definir o *pensamento do romance* contra todas as outras formas de pensamento e *uma defesa do romance contra si próprio*.

Por este motivo, a obra de Milan Kundera ocupa um lugar efectivamente eminente na história da literatura e do pensamento modernos. Isso deve-se ao facto de que a sua obra, pelos seus temas, pela sua forma, pela sua natureza, põe, tanto ao pensamento moderno como à literatura, as questões essenciais e urgentes do que ela própria se alimenta. Ao expor o que é o romance, o que ele deve ser, o que ele talvez tenha deixado de ser, esta obra romanesca é ao mesmo tempo um dispositivo interno para a reflexão e o pensamento. Tanto nos princípios, como nos métodos e nos temas, o romance, para Kundera, é o que Descartes, na «Segunda Meditação», chama «uma coisa que pensa: uma coisa que duvida, que ouve, que concebe, que afirma, que quer, que não quer, que imagina também o que sente».

Desconfia-se do pensamento no romance. Diz-se que não é esse o seu lugar. Acredita-se que o seu lugar é na arte. Isso é verdade quando o pensamento no romance significa o arrasar da intriga sob o peso da tese e a submissão da história a uma verdade pré-estabelecida. Mas também não está correcto pensar que a arte deve ser apenas instinto, espontaneidade ou puro trabalho da forma. Porque foi tornando-se uma forma de pensamento que nasceu o romance moderno, o romance europeu, oferecendo ao homem saído da Renascença o lugar insubstituível de uma meditação sobre a sua existência no mundo.

Uma ruptura na arte de contar

Porquê? Será que a ciência e a filosofia não são suficientes? Não: o romance diz que não. Para pensar a existência são necessárias outras formas e outros rostos: o romance inaugura um estádio do pensamento em que quem pensa não é o autor mas o próprio romance, através dos seus rostos próprios, singulares, específicos: o narrador, a personagem, os temas. «Os romancistas que são mais inteligentes que as suas obras deviam mudar de ofício» («A Arte do Romance»).

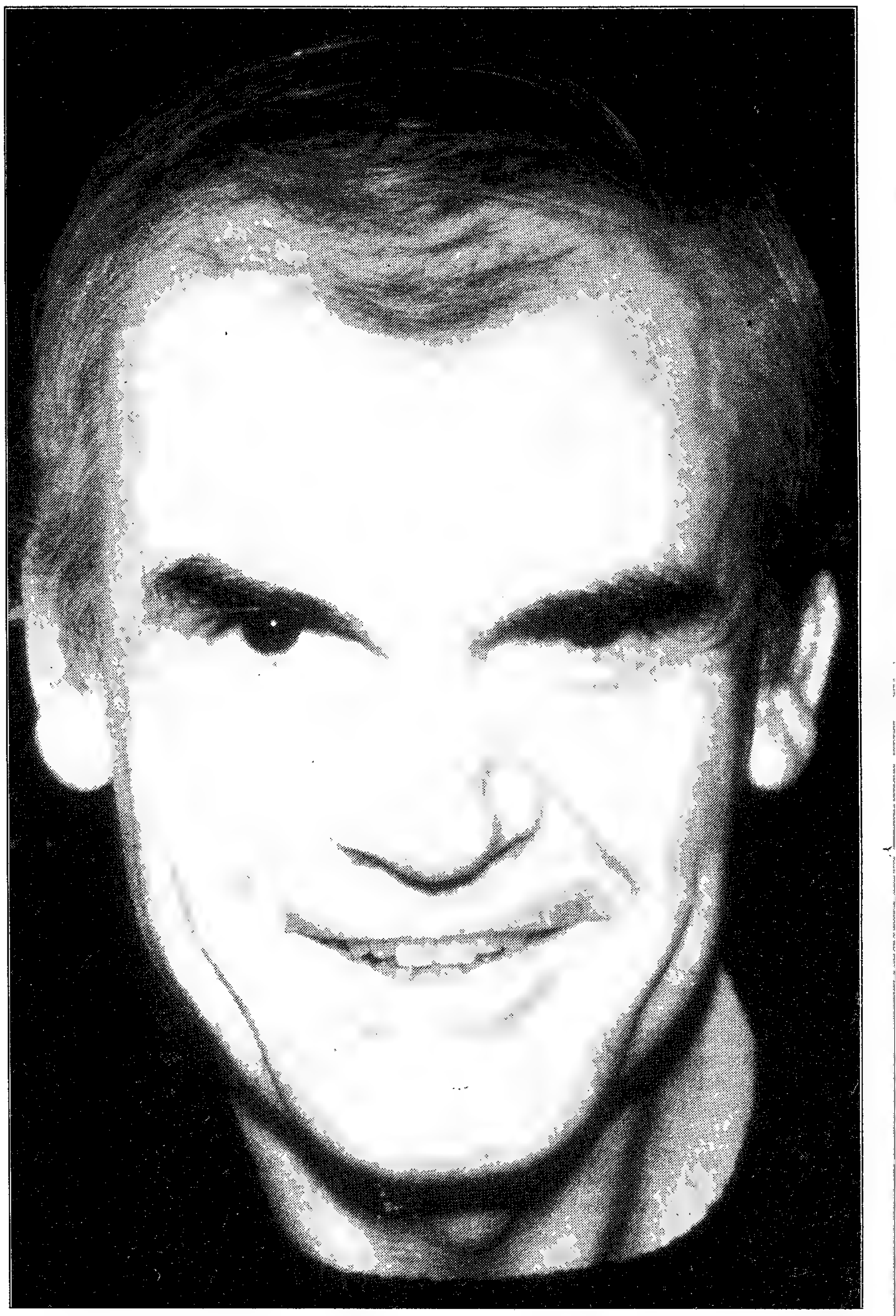
Este movimento instala-se através de uma ruptura na arte de contar. A história do romance moderno começa quando, na Europa, o romance se destaca do grande continente narrativo, quando rompe com as inumeráveis narrativas, tanto orais como escritas, desenhadas, mimadas, cantadas, dançadas. De facto, ela é bastante curta: Kundera fixa o seu início com Cervantes, no entanto, começa já a dar sinais de estar a chegar ao fim.

Há uns anos atrás Kundera via-a na asfixia das culturas submetidas ao jugo soviético, na proliferação dos ócios culturais e no desenvolvimento do «entertainment» mediatizado: «Este espírito comum aos 'mass media', embora dissimulado pela sua diversidade política, é o espírito do nosso tempo. É um espírito que me parece contrário ao espírito do romance.» («A Arte do Romance»).

Como se passaram as coisas? Como é que o romance se tornou nesta «coisa que pensa»? O romance moderno é o resultado de um arranque: foi preciso primeiro que o romance se desembaraçasse da figura (tradicional) do «contador» e a substituísse pela figura (filosófica) do «narrador». Para atingir o universal, o romance libertou-se das comunidades e das terras; dos serões; das sabedorias antigas; das heranças dos tempos idos, ante-históricos, em que o homem dificilmente dissociava a sua presença da presença dos deuses.

Tal como as suas personagens e, seguramente, o seu leitor, o narrador é o homem dos tempos modernos, das verdades não reveladas, da cultura problemática, da solidão: um ser proteiforme, que usufrui de toda a memória da invenção literária, onírica, filosófica, teórica, poética.

Há em todos os romances de Kundera uma verdadeira encenação dos múltiplos rostos com que o narrador pode aparecer, o narrador que é o «grande combinador», senhor das suas referências e das linguagens que utiliza, revelando o sentido ou interditando-o a seu bel-prazer. Isto tem consequências no que se refere à personagem: as personagens passam por todos os estádios da existência, desde o frio esboço aos relevos «ilusionistas» da vida. «No mesmo romance», diz-me Milan Kundera quando falávamos de «A Imortalidade», certas personagens estão fisicamente presentes, mas outras nascem de um sonho. Algumas têm um passado, outras não. Conta-se toda a biografia de Rubens e apenas dois dias da vida de Agnès». Esta diferença de estatuto não afecta a coerência do livro, pelo contrário. Para o leitor, a fonte de todas as grandes alegrias é este regime maravilhosamente ambíguo, esta consistência variável da personagem, tão depressa suporte de aventuras vividas no mundo como incarnação de um tema, de um proposta, de um olhar sobre o mundo e a existência.



Milan Kundera

Foi no séc. XVIII (inglês e francês) que o romance descobriu estas formas lúdicas e reflexivas, em que a narrativa pensa o mundo e se pensa a si própria e utiliza um novo processo, o diálogo entre o narrador e o leitor, que confere à personagem uma ligeireza incomparável, de que «Jacques le Fataliste» continua a ser o modelo a que Kundera não cessa de render homenagem.

O rigor de um paradoxo

Mas a força da obra de Kundera reside no facto de ele ter associado esta herança a uma outra ideia do romance, nascida no início do séc. XX na Europa Central. Na verdade é um golpe de força ousar combinar uma visão do romance proveniente do optimismo racionalista com o seu reverso sombrio, que em Musil ou Broch é dado pelo tema da degradação dos valores, pela certeza de que uma crise afecta a herança das luzes e que o desenvolvimento das ciências do homem obriga o romance a uma nova definição dos seus temas. O que dá uma força singular aos romances de Kundera é que, desde «Risibles Amours» (1960), eles mantiveram o rigor e a tensão deste paradoxo: continuar e aprofundar a herança do grande romance da Europa Central através do recurso à ironia de Voltaire e à liberdade jocosa das narrativas de Diderot. Thomas Mann revisto por Italo Calvino: o romance, «ciência da vida» (Doderer)? «Impaciência do conhecimento» (Broch)? Sem dúvida, mas ciência céptica; conhecimento relativo; experimentação lúdica.

Meditar sobre a existência é conceber para ela um modelo experimental: e é este de facto o tema inesgotável do romance, o que não foi entendido nem pelo romance realista (que se submete aos rígidos critérios da verosimilhança), nem pelo romance formalista (onde o trabalho da forma dispensa de pensar o mundo). Em caso nenhum a existência se presta a experiências. «Einmal ist Keinmal» («A Insustentável Leveza

Milan e Vera Kundera

O novo romance de Milan Kundera, «L'Imortalité», acaba de ser editado em França, com boa reacção da crítica. Quando se anuncia para breve a tradução portuguesa (Publicações Dom Quixote), o «DL» publica dois artigos do «Le Monde» sobre o novo livro do romancista checo

do Ser»): nenhuma experiência «da vida» se pode repetir. Mas no romance a existência pode evidenciar possibilidades ilimitadas, desconhecidas da experiência vivida: as «variações sobre egos experimentais» («A Arte do Romance») transgridem os seus limites naturais. Através do recurso ao sonho, ao fantástico, a existência reflecte-se a si própria na fabulosa arquitectura da construção romanesca. O romance torna-se numa experiência que se tivesse feito em sonhos, que iluminaria os caminhos secretos de uma vida revisitada.

A alegria do pensamento em acção

Mas - nunca é de mais insistir - contar não é o objectivo final. O romance é a alegria esfuziante do pensamento em acção, a mais elevada de todas as formas de pensamento, a mais aguda, a mais viva.

Este conceito traduziu-se, tanto em «A Brincadeira» como em «L'Immortalité», num despojar progressivo da intriga sob o impulso da meditação. «Este despojamento», diz-me Kundera, «abre novos espaços de liberdade». É por isso que «La Vie est Ailleurs» pode abrir-se à história da poesia europeia, «O Livro do Riso e do Esquecimento», à da Checoslováquia e «L'Immortalité» pode tornar-se uma poderosa e dolorosa interrogação sobre a modernidade, em que o rigor da construção é como a música: necessidade, divertimento e alegria.

Assim definido, o romance como estado do pensamento é necessariamente frágil e está ameaçado. O que o tornou possível foi a grande operação por meio da qual a Europa pôs ponto final à empresa começada com os gregos, subtraindo o espaço da cultura e do pensamento à dominação do clã e dos deuses. Só faltava arrancá-lo também às ciências. Foi o que se fez: mas para quê?

A bela, curta, deslumbrante história do romance paira sobre a Europa que a inventou, da mesma forma que a bela história da música europeia, também tão curta e talvez já terminada. Encontro e coincidência bem significativos. Há qualquer coisa que faz recear que, no futuro, a música regresse ao seu estado primitivo e sombrio de ritmo vital («O Livro do Riso e do Esquecimento». Mas também nada nos impede de pensar que o romance - esquecendo que foi o exercício livre e lúdico de um pensamento da existência em que se completava o belo movimento de objectivação do mundo - venha a dissolver-se no infinito cacarejo grafómano (palavra surgida na língua francesa com «A Arte do Romance») das inumeráveis subjectividades, berrando sem nada ver nem ouvir: «Eu, eu, eu!» até à explosão final, o anti-big-bang - e o negro.

Danièle Sallenave
(Tradução de Maria Otília Moreira)

Firme desejo de resistir

Milan Kundera regressa em grande forma, na sedutora plenitude dos seus sessenta anos, cuidadosamente mantidos num clube de ginástica de Montparnasse. É de resto lá que ele inventa a sua heroína, Agnès, ao observar o alegre gesto de mão que uma velha senhora faz ao seu professor de natação. Este gesto, que em breve empresta a uma das suas personagens (dir-se-ia que ele constrói a sua personalidade passo a passo, ao correr da pena, vestindo-as com o que lhe vai caindo debaixo da caneta, debaixo dos olhos), irá surgir em toda uma série de gestos semelhantes, noutras circunstâncias.

De facto, nada se parece tão magnificamente com o sonho e com a música como estas variações aéreas, livres, sobre alguns temas que se cruzam e se desenvolvem sem que jamais nos sintamos prisioneiros de uma ficção linear, mas, ao contrário, agarrados pela mão de um autor que é um mestre, que gosta de brincar e de nos dar de vez em quando uma cadeira para aí descansarmos um pouco a nossa reflexão.

Pela manhã, Kundera preguiça na cama ouvindo rádio. As catástrofes dos noticiários são sempre edificantes, principalmente quando repisadas com voz divertida por um certo Bernard, numa estação que decidiu ser alegre e dinâmica, aconteça o que acontecer. A este Bernardo, torna-o amante de Laura, irmã de Agnès e amigo de Paul, o marido de Agnès. Depois do banho na piscina onde espera o seu amigo Avenarius, ele observa a evolução destes quatro e, de repente, volta a página, ataca o capítulo sobre a imortalidade, com a ruptura entre Goethe e Bettina von Arnim em 1811 e o episódio dos óculos de Bettina partidos por Christine, mulher de Goethe. Após algumas considerações sobre as diversas formas de imortalidade (a pequena, a grande e a risível, a do astrónomo Tycho Brahé, morto por não ter ousado ir urinar), a visita de François Mitterrand ao Panteão e a morte estupidamente desportiva de Robert Musil (levantando halteres), regressamos à história de Goethe e Bettina, que não é uma história de amor como Bettina quer fazer crer, mas sim uma história de imortalidade. Do seu desejo de se tornar imortal através dele, que já o era aos sessenta anos quando encontrou Napoleão em Erfurt.

O retrato de Goethe é pleno de simpatia. Kundera sente-se em consonância com este homem que domina o seu tempo e o compreende, que pode ainda conhecê-lo por inteiro, o que o progresso técnico irá tornar impossível, criando um mundo opaco, assustador, separado do homem romântico incarnado por Beethoven.

Em contrapartida, gosta menos de Bettina, embora elogie a sua tenacidade. Ela está disposta a tudo para atingir os seus fins, incluindo a falsificação, após a morte de Goethe, da sua correspondência com o poeta e a inventar uma anedota a favor de Beethoven contra Goethe. E no meio de tudo isto, Goethe, de pantufas, xaile pelas costas e viseira verde na cabeça, entretém-se no além com Ernest Hemingway. Com a mesma deliciosa desenvoltura com que os deixou durante perto de cinquenta páginas, Kundera diz-nos «Lembram-se de Agnès, etc.» e volta a mergulhar-nos, juntamente com as suas personagens, no Paris de hoje.

Agnès e Laura estão em guerra desde sempre e é a esta luta de morte que o autor vai consagrar o seu mais amplo desenvolvimento. Este longo combate, que se estende por toda uma vida e mesmo para além dela, está magnificamente construído. Há tantas páginas admiráveis, surpreendentes, justas, que nos seria difícil citá-las ou resumi-las. Tanto mais que Kundera nos dá já um texto denso, concentrado, com muitas divagações, repetições, mas sem tagarelice, que é o que torna este livro tão poderoso, tão forte, tão bem concebido. Finalmente falam-nos deste mundo em que vivemos como cegos e surdos e pausadamente explicam-no-lo, desmontam-no como se fosse um pássaro de papel.

É claro, toda a lição tem o seu reverso. primeiro, o professor não tem bom feitio, não gosta dos franceses que lhe abriram os braços, eles são superciciais, barulhentos, demasiado bons para os estrangeiros; detesta os jornalistas, vulgares e agressivos, abomina os publicitários, os «imagólogos»; recusa o «diktat» da modernidade, etc. depois, a lição, mesmo que, por vezes masoquisticamente, aceitemos os seus fundamentos, ela é administrada de forma demasiado pesada. Kundera dá-nos uma ladainha de pequenas dissertações, que a intriga entre as personagens só por momentos liga bastante frouxamento. Perdemo-las de vista entre duas demonstrações anunciadas sem rodeios: «Retomemos o nosso exemplo, examinemos o seguinte caso...»

Mas como se trata, incontestavelmente de um grande escritor, ele apanha o fio à meada com um virtuosismo de funâmbulo pelos mesmos caminhos em que pensávamos que se iria perder.

Houdini romancista. E o que se nos afigura peso é-lhe sem dúvida indispensável para tornar as suas marcas mais profundas, para revolver completamente o Mundo, entrecruzar dezenas considerações diferentes sobre o rosto, o nome, os óculos escuros, o suicídio, o mistério da nossa própria imagem, o desejo transformado em direito, a noção europeia do amor e o destino dos casais que se fazem e desfazem.

Evocando «Os Três Mosqueteiros», Kundera indica a sua diferença, sublinha-a, demarca-se do romance linear, reivindicando a liberdade tão cara a Diderot e a arte do contraponto: «O romance não deve parecer-se com uma corrida de bicicletas, mas sim com um banquete onde se servem uma quantidade de pratos.» Talvez, mas com a condição de manter intacta a fome, o apetite. O último terço de «L'Immortalité» volta a servir os mesmos pratos, insípidos, requentados, as reflexões são menos agudas, as demonstrações mais solenes, a leitura do menu e das receitas é sufocante. Um romance imortal? Não é impossível, apesar de tudo, mas também não é seguro que o seja. O gesto da nadadora, o gesto de Agnès é que são imortais, a famosa leveza do ser. Muitas vezes a angústia de resistir passa mais depressa.

Michel Brandeau
(Tradução de Maria Otília Moreira)

A sanfona renasce em Coimbra

Um instrumento musical que se extinguira em Portugal há mais de um século, a sanfona, acaba de ser «ressuscitado» pelas mãos de um jovem músico de Coimbra.

Embora se encontrem ainda noutros países europeus vários modelos de sanfona, que evoluíram e sobreviveram, Fernando Pinto, do grupo de música antiga da tuna académica de Coimbra, «ARS Musicae», recriou a «sua» sanfona segundo um modelo português do século XVIII.

O etnólogo Louzã Henriques disse à agência Lusa que a obra levada a cabo pelo jovem músico conimbricense constitui um «acontecimento cultural nacional».

«Ao dar vida a um instrumento há muito desaparecido entre nós, Fernando Pinto retoma um filão perdido cuja origem remonta provavelmente à cultura trovadoresca», sustenta aquele investigador.

Instrumento europeu, popular e conhecido desde a Idade Média sob a designação de «chifonia» ou «sinfonia», a sanfona brilhou durante séculos nos salões aristocráticos do velho continente, pela mão de príncipes, trovadores e jograis.

Foi progressivamente substituída por outros cordofones em quase toda a Europa, designadamente pelo alaúde. Em Portugal sobreviveu até ao século XIX, degradando-se nas ruas como instrumento de cegos e de vagabundos.

Para o falecido etnólogo Veiga de Oliveira, foi essa a razão por que a palavra «sanfona» tem hoje um sentido jocoso/pejorativo para a maioria das pessoas, que a associam a um som roufenho e desagradável.

O termo aplica-se ainda a certos instrumentos como o harmónio e a concertina em Portugal, ou o acordeão no Brasil.

Com um passado de esplendor palaciano seis e setecentista, o modelo francês, a «viele» teria servido ainda de entretenimento a Maria Antonieta, tornando-se completamente popular após a revolução francesa.

Na Galiza, onde não chegou a desaparecer totalmente, Faustino Santalices recolheu-a em 1952 do esquecimento e repô-la no seu lugar de instrumento nacional, a par da gaita-de-foles, como acompanhante de romances, cantigas de cegos, alalas e outras modas populares.

Na esteira de Santalices, grupos de jovens músicos galegos, casos do «Milhadoiro» e «Fuxam os Ventos», cultivam hoje a sanfona com interesse e entusiasmo.

Segundo Louzã Henriques, a sanfona, «embora com limitações, é um instrumento tecnicamente elaborado que teve em Portugal bons construtores, criadores de modelos nacionais de grande qualidade».

Um dos primeiros «fados» gravados no início do século XX pelo intérprete de Coimbra Antonio Menano, e acompanhado à guitarra, seria uma «moda de feira habitualmente cantada por cegos ao som da sanfona», considera Louzã Henriques.

O jovem que acaba de recriar a sanfona pretende «encontrar um pouco do que ficou das músicas» outrora características daquele instrumento.

No livro «Instrumentos Musicais Populares Portugueses», editado em 1966, o etnólogo Veiga de Oliveira afirma que a sanfona é «uma comovente figura do passado que o mundo de hoje ignora irremediavelmente».

Fernando Pinto disse à agência Lusa que a sanfona o cativou «pela forma e pelo timbre».

«Sou apologista de um contacto íntimo entre o artesão e a música», frisou o artista, acrescentando que gosta de juntar a perfeição à rendibilidade.

As madeiras usadas na construção do novo instrumento são de nogueira, buxo, mogno e tola (árvore africana) e as cordas são as mesmas do violino barroco, mais precisamente de tripa torcida.

«Gastei o dinheiro que tinha no estudo e construção do instrumento e tenho vivido, ultimamente, com dinheiro emprestado», lamenta Fernando Pinto, que construiu igualmente a viola toeira, praticamente desaparecida. O mesmo artesão pretende aperfeiçoar a sanfona e tem em preparação um espectáculo destinado à apresentação do novo instrumento.

Nesse espectáculo, a renascida sanfona será acompanhada por alaúde, viola, bandola e guitarra portuguesa, estando a cargo do etnólogo Louzã Henri[illegible] uma dissertação sobre a história e as potencial[illegible] do instrumento.

Casimi[illegible]
Serviço L[illegible]

« Clube dos Poetas Mortos »

«Carpe Diem» - aproveitem o dia!

CLUBE DOS POETAS MORTOS (Dead Poets Society) - R: Peter Weir (EUA, 1989); A: Tom Schulman; F (cor): John Seale; Mont: William Anderson; M: Maurice Jarre; P: Steven Haft, Paul Junger e Tony Thomas/ Touchstone Pictures/Silver Screen Partners IV; I: Robin Williams, Robert Sean Leonard, Ethan Hawke, Josh Charles, Gale Hansen, Dylan Kussman, etc. D: 129 m; Dist: Columbia, TriStar & Warner; Est: Alfas, Amoreiras, Apolo 70, King, Nimas, Quarteto, S. Jorge (Lisboa), Stop, Pedro Cem, Lumiere, Sala Bebé (Porto) e ainda Cascais, Setúbal, Coimbra e Braga (19.1.1990); Cl: **** (M/12 anos - F. Qualidade).

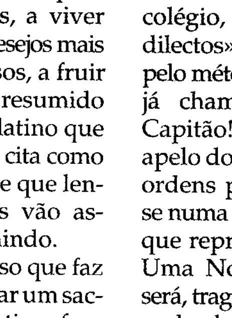
Se Peter Weir não é ainda um dos grandes cineastas contemporâneos, a verdade é que anda por lá perto. Quase todas as suas obras são, pelo menos, muito interessantes, e logo no início da sua carreira australiana, *Piquenique em Hanging Rock* chamava a atenção para o seu talento em criar atmosferas, para a sensibilidade do seu olhar, para a capacidade narrativa deste autor. Depois obras como O *Ano de Todos os Perigos* e, sobretudo, *A Testemunha* confirmaram essas promessas, agora de novo postas à prova com este belíssimo *O Clube dos Poetas Mortos*, onde Peter Weir regressa aos ambientes opressivos e algo misteriosos de Hanging Rock e dos colégios internos que obviamente o perturbam e emocionam. *Dead Poets Society* passa-se na América, corre o ano de 1859. Em Vermont, num colégio rígido, cujos quatro pilares sobre que assenta o seu espírito são «Disciplina, Honra, Tradição e Excelência», surge um professor de inglês de métodos pouco ortodoxos, pedindo aos alunos algo mais do que o «empinanço» acrítico da matéria literária que constitui o programa da disciplina. Uma das suas primeiras acções será mesmo obrigar os alunos a arrancar as páginas introdutórias de um ensaio que propunha medir a importância da poesia segundo a área abrangida, como se se tratasse de feijão ou grão. Para John Keating a poesia é algo que se oferece e se merece, e ele quer que os seus alunos a mereçam, sobretudo porque sabem ser eles próprios. Em lugar de obrigá-los a trabalhos forçados de matéria, Keating quer essencialmente ensiná-los a pensar por si mesmos, a viver consoante os seus desejos mais íntimos e imperiosos, a fruir o dia-a-dia, tudo resumido no «Carpe Diem» latino que ele constantemente cita como programa de vida e que lentamente os alunos vão assimilando e assumindo.

Professor generoso que faz da missão de ensinar um sacerdócio, John Keating fora outrora, ele também, aluno brilhante daquele mesmo colégio particular que se apresenta como um dos mais exigentes dos EUA. Já nessa altura o seu anticonformismo viera ao de cima e, juntamente com alguns colegas de estudo, formara a Dead Poets Society, um grupo de estudantes que se reunia durante as noites, clandestinamente, numa caverna índia existente perto do colégio, para aí recitarem os seus poetas preferidos e, se possível, experimentarem um pouco da vida real. Os seus alunos de agora descobrem e recuperam o espírito dessa sociedade secreta e, na sombra da noite, renasce o grupo. São dias de exaltação que perturbam obviamente o tradicionalismo de uma instituição que procura essencialmente reproduzir «bons cidadãos», segundo um modelo oficial. Tudo o que foge deste esquema está condenado ao malogro.

Apologia da liberdade e da coerência para consigo próprio, afirmação de intolerância para com a hipocrisia no comportamento, negação dos preconceitos tradicionais, de educação, de família, de sociedade, que coarctam as capacidades e os horizontes de cada um, *O Clube dos Poetas Mortos* inicia-se num tom de subtil humor que lentamente se subverte pelas cores da tragédia. Um dos alunos mais brilhantes do colégio, um dos seus «filhos dilectos» deixa-se impregnar pelo métodos daquele a quem já chamam «Capitão, Oh Capitão!» e, seduzido pelo apelo do teatro, vai contra as ordens paternas e inscreve-se numa companhia amadora que representa o «Sonho de Uma Noite de Verão» que será, tragicamente, o seu único sonho de uma derradeira noite de glória.

Na altura do ajuste de contas há que encontrar um culpado e John Keating será o eleito. Mas, na derradeira sequência, emocionante até às lágrimas, descobre-se que nem tudo o que se faz é em vão e que as sementes vão ficando, havendo sempre terra fecunda onde germinarem.

Obra romântica, envolvente, que se coloca sob a égide de Walt Whitman, *Dead Poets Society* é um daqueles filmes onde, aqui e ali, se sentem algumas (raras) asperezas, um rebuscamento de imagem por vezes excessivo, mas a que tudo se perdoa pelo exorcismo que representa. Atravessar esta obra é recuperar um pouco da alegria adiada, da pureza perdida, dos ideais contrariados.



Robin Williams, fabuloso actor que desde *Poppeye* constrói uma carreira a que finalmente se começa a dar crédito, e o seu espantoso grupo de alunos (este filme vai funcionar como referência daqui a alguns anos, qando todos ele forem sólidos valores no cinema norte-americano!), são inesquecíveis e ajudam em muito ao êxito do filme. Que nada nos espanta ver consagrado na próxima cerimónia de atribuição de Oscars.

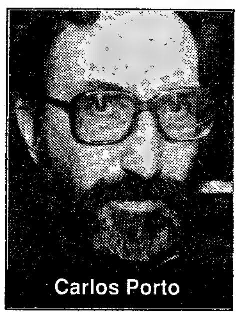
Peter Weir

Nasceu em 21 de Agosto de 1944, em Sidney, na Austrália. Estudou Arte e Direito, viajou pela Europa e, de regresso à Austrália, resolveu trabalhar no cinema e na televisão, iniciando-se como operador e assistente de produção. Em 1967 começa a rodar algumas curtas metragens que tiveram um certo sucesso e, em 1974, estreia-se no filme de fundo com uma comédia de humor negro: *The Cars that Ate Paris.* O seu filme seguinte, *Picnic at Hanging Rock,* tornou-o conhecido internacionalmente e, juntamente com George Miller, Bruce Beresford, Fred Schepisi, Gilliam Armstrong e alguns mais, impõe o novo cinema australiano, sendo rapidamente chamado para Hollywood, onde assina vários títulos que o confirmam como um dos nomes mais interessantes do moderno cinema.

Filmografia:

1974: *The Cars That Ate Paris;* 1975: *Picnic at Hanging Rock* (Piquenique em Hanging Rock); 1977: *The Last Wave* (A Última Vaga); 1979: *The Plumber* (O Canalizador, em vídeo); 1981: *Gallipoli;* 1982: *The Year of Living Dangerously* (O Ano de Todos os Perigos); 1985: *Whitness* (A Testemunha); 1986: *Mosquito Coast* (A Costa do Mosquito); 1989: *Dead Poets Society* (O Clube dos Poetas Mortos)

O estranho espectáculo belga



L'ÉTRANGE MR. KNIGHT, de Bruce Ellison. *Argumento/Encenação:* Bruce Ellison. *Música:* Marc Hérouet. *Efeitos Especiais:* Dominique Astasie. *Cenografia:* Paul Tignée. *Figurinos:* Dominique Astasie/Martine Carcan. *Interpretação:* Michel Carcan, Bruce Ellison, Sarah Lowe, Jacques Capelle, Thyl Beniest. *Produção:* La Mandragore & La Venerie (Bélgica). CAM/Sala Polivalente. 24-01-1990.

Com este espectáculo não vale a pena gastar muitas palavras. Não é que ele não as mereça, pelo contrário. Uma, no entanto, basta: prodigioso. O problema, e essa é outra razão, consiste em que não conseguiria explicar ao leitor por que este filme, perdão, este espectáculo belga é prodigioso. Se em todas as artes, o ditame é ver para crer, neste caso sem ver não há possibilidade de saber como é, e por isso de crer. A esse propósito, digo-lhe já que o espectáculo está no CAM só até domingo, o que quer dizer que já não tem muito tempo para ver o que nunca viu.

Para tentar dar algumas pistas, sempre lhe direi que o espectáculo abre com um projeccionista que se dirige do palco para a cabina com uma lata de filme na mão. A projecção inicia-se: vemos o genérico de um filme mudo, um castelo, a estética do terror. Terminado o genérico, passamos a um interior em que vemos o laboratório de um sábio que se propõe fabricar um segundo Frankenstein, de colaboração com o que já fabricara. Ambiente de um filme mudo, um expressionismo atenuado, máquinas estranhas, actores com a caracterização da época, os gestos, o ritmo. Entre as cenas, as legendas, porque se trata de um filme mudo, num português aproximativo. Simplesmente, e desde as primeiras cenas, já não se trata de um filme, trata-se de teatro. O que vemos, atrás de um ecrã transparente, é uma espécie de caixa, palco e cenário, onde representam os actores desta história de filme mudo de terror e ficção científica. Como a máquina continua a projectar com o ruído característico das máquinas antigas, como a representação teatral é atravessada por passagens filmadas, sem solução de continuidade, como o preto e branco de cena são perfeitos, a ilusão mantém-se.

Repete-se, tecnicamente, este espectáculo é um prodígio, mas também é um prodígio sob o ponto de vista do trabalho dos actores (composição, caracterização, gestos, comportamento em cena), sob o ponto de vista da montagem, da refeição do pormenor. Acrescente-se a qualidade da contribuição do pianista que toca ao vivo uma selecção de composições adequadas à articulação com o que se passa no palco.

Poder-se-á perguntar o que significa isso de o teatro imitar o cinema mudo, de se reproduzir como cinema, como se perdesse a sua identidade. Não sei o que significa, não sei se quer se é importante, sei, e quero repeti-lo, que se trata de uma criação prodigiosa que é indispensável conhecer.

« L'Étrange Mr. Knight »

DESPORTO

Gigantes aos tombos

A acompanhar o Benfica na queda da Taça jumtam-se Marítimo, Feirense, Penafiel, Nacional e Beira Mar.

Aconteceu Taça. Naturalmente que o afastamento do Benfica não poderá considerar-se como «escândalo», uma vez que o seu opositor havia feito séria advertência quando, na semana anterior, cedeu a vitória por marca tangencial no mesmo palco e perante o mesmo parceiro. Os sadinos excelentemente orientados por Manuel Fernandes, desenvolvem futebol de boa bitola e situam-se, muito legitimamente, no patamar da Europa. Terão beneficiado de uma arbitragem parcial (a crítica é unânime nesse parecer), mas lutaram bravamente para remeter para o esquecimento a derrota anteriormente sofrida. A propósito da arbitragem do algarvio Francisco Silva, bom será que os dirigentes do Conselho de Arbitragem atentem na sequência de más actuações daquele seu filiado. Talvez decretar-lhe umas semanas de repouso ou mandar proceder a um exame de reciclagem que parece justificar-se. Depois de ter «entornado o caldo» no jogo Porto-Guimarães o «chefe Silva» voltou a estragar a receita no confronto de ontem no Bonfim. São motivos bastantes para que Lourenço Pinto e seus pares atendem no «recado» que aqui deixamos.

Adiante. Em Valadares, Valongo, Moscavide e em Vila Real aconteceu Taça. Foi o Marítimo e o Penafiel que baquearam (no prolongamento) perante adversários de menor valia, foi o Feirense que sofreu goleada (3-0) frente ao modesto Olivais e Moscavide (parabéns ao novo técnico Carlos Alberto) e, em Vila Real, o Olhanense (em tempo de acentuada crise) vergou perante a equipa local.

Outras notas de destaque: Tirsense e Marco conseguiram o apuramento após o prolongamento, o Farense «brindou» os seus vizinhos de Lagos com o «score» de 7-0 a evidenciar que o seu comportamento no campeonato advém de uma superior craveira técnico-táctica, naturalmente apoiada com uma forte componente psicológica. O retorno do clube de Fernando Barata ao escalão superior do nosso futebol parece certo e, a avaliar pelos resultados averbados até ao momento, com total e inquestionável mérito.

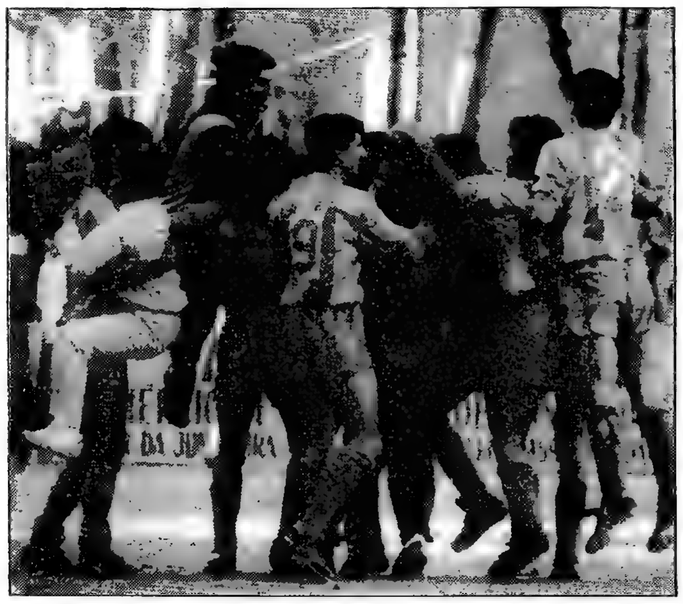
De referir ainda que bastou um solitário golo ao Maia, Belenenses, Vila Real e União da Madeira para garantirem a presença nos oitavos-de-final da importante competição futebolística nacional.

A juntar aos 15 «seguidores» — Benfica e Sporting já renunciaram — juntar-se-á o vencedor do confronto Estrela da Amadora-Braga ou Estrela da Amadora-Caldas, uma vez que o recurso do clube da zona Oeste ainda não foi apreciado pelo Conselho de Justiça da federação Portuguesa de Futebol.

Em síntese, nada mais sobre a ronda taceira, a não ser uma citação especial para a facilidade dos «dragões» no confronto com a sua filial de Paredes e também a convincente vitória dos minhotos de Guimarães frente ao Freamunde.

Agora venha o campeonato e no próximo domingo o prato forte será servido no palco da Luz com o Benfica a receber a visita do sensacional Vitória de Guimarães.

A.H.



Festa em Valadares

Em Valongo, o Penafiel disse adeus à Taça

Resultados

Maia-Paivense	1-0
Tirsense-Varzim	4-3 (a)
Vitória de Setúbal-Benfica	2-1
Valadares-Marítimo	2-1 (b)
Chaves-Lusitano de Évora	3-1
Boavista-Gil Vicente	2-0
Paredes-F. Clube do Porto	0-5
Valonguense-Penafiel	3-2 (a)
Farense-Esperança de Lagos	7-0
O. e Moscavide-Feirense	3-0
Belenenses-Nacional	1-0
Vila Real-Olhanense	1-0
Guimarães-Freamunde	5-2
Marco-U. de S. do Cacém	2-1 (b)
União-Beira Mar	1-0

a) 2-2 no final dos 90 minutos
b) 1-1 no final dos 90 minutos

Equipas apuradas para os oitavos-de-final — **1.ª Divisão**: Futebol Clube do Porto, Setúbal, Belenenses, Chaves, Guimarães, Boavista, União da Madeira e Tirsense; **2.ª Divisão**: Olivais e Moscavide, Maia, Farense e Marco; **3.ª Divisão**: Vila Real, Valadares e Valonguense.

Recorde-se que o encontro Estrela da Amadora - Braga foi suspenso devido ao recurso apresentado pelo Caldas.

O Porto passou facilmente em Paredes. Na foto: André em luta com o guarda-redes

Morreu na estrada

Zé Beto: uma vida a galope

Nos estádios, José Alberto Teixeira Ferreirinha era conhecido por Zé Beto, o guarda-redes de mil mirabolantes façanhas a outros tantos casos amiúde caindo do zénite do aplauso para a crítica a situações que criava e logo o colocavam sob alçada disciplinar dos clubes que representou. Mas nunca se poderá negar que esta singular figura do futebol profissional que pertencia ainda aos quadros do FC Porto desaparecesse tragicamente.

Aconteceu na noite de ontem, eram 23 e 25: na auto-estrada Porto-Vila da Feira, o automóvel conduzido por Zé Beto (e onde também viajavam a esposa e o filho) embateu no separador metálico da via e o homem que 23 vezes vestiu camisolas de selecções nacionais morreu, ficando os outros dois ocupantes da viatura com ferimentos ligeiros e agora internados no Hospital de Gaia.

Diz a PSP que Zé Beto conduzia o seu carro a alta velocidade: não nos admira, pois o rapagão nascido em Matosinhos a 21 de Fevereiro de 1960, sempre levou a vida a galope. Estava novamente atravessando um túnel: com processo disciplinar correndo na direcção portista e afastado das redes das Antas. Será que um natural estado de alma conturbado e nervoso pode ter influenciado a corrida para o fim?

O certo é que Zé Beto desapareceu. Paz à sua alma.

Zé Beto com Frasco e Gomes

Francisco Silva contestado

Paneira: a festa do golo durou pouco

Com este golo ficou o Benfica fora da Taça

Setúbal, 2-Benfica, 1

Vitória por linhas tortas

Para já e em começo de conversa: é tempo de o Conselho de Arbitragem (leia-se: dr. Lourenço Pinto) se debruçar sobre o momento actual do juiz internacional Francisco Silva e concordar com a generalidade da opinião pública e privada: o homem de Portimão está em queda livre, comete erros sucessivos, anda envolto numa nuvem de falhas e casos, precisa urgentemente de repouso e pausa para meditação.

Depois daquilo que se viu nas Antas, do 31 que arranjou (ou atiçou), voltou a ser indicado para um jogo de alta voltagem e novamente arranjou maneira de ficar na negativa crista da onda. E, sem dúvida alguma, o Benfica terá fortes razões de queixa do modo como o Vitória setubalense chegou (por linhas tortas) a um resultado que bem justificava, mas não necessitava de muleta ou olhar vesgo do director do espectáculo para se consumar.

Isto vem a propósito dos dois tentos sadinos. No primeiro, Lufemba lembrou-se de ir por ali fora, como uma flecha dirigida à área de rigor rubra e, quando viu que estava pertinho, sem ninguém lhe tocar, deu uma cambalhota como se fosse artista circense. Vai daí, perante o total espanto do areópago, Francisco Silva entendeu que deveria assinalar pontapé livre, bem à medida e calibre do professor Mladenov: foi o golo que equilibrou a balança, que estava no topo benfiquista por obra e graça de um tento de Vítor Paneira, na recolha de um centro largo de Diamantino a que Magnusson fingiu acorrer, para o militar de turno concluir ante a hesitação ou siderагem de Quim e Figueiredo.

Mas, voltemos atrás na história: 1.ª parte benfiquista muito bonita, na barricada contrária Jaime Pacheco lutando com todas as forças para travar a avalanche que (realmente) morria a meio-campo, especialmente a partir do instante em que Thern se lesionou e Valdo (vendo o exemplo) entendeu que tinha de resguardar mais as perninhas porque a montra italiana está quase à porta.

Aconteceu precisamente o inverso do filme de há uma semana, para o «nacional»: então, foi o Vitória a abrir a contagem e, no regresso do balneário, o Benfica a marcar os dois tentos que vergaram o Setúbal. Desta feita, calhou a Paneira rasgar a brancura do «placard» e Mladenov, com a tácita contemplação arbitral, a dar expressão real (e justíssima) ao volume de ataques rubricados pelos vitorianos no tempo complementar. Porém, que fique bem ciente: pelo menos no tento que restituiu a paridade no marcador: o «divre» contemplou de bandeja o autor da pirueta, a falta nunca existiu (como logo disse o ainda recente juiz internacional Alder Dante, aos microfones da Rádio Renascença). O pior é que, daí a pouco, outra vez Francisco Silva foi enrolado na manta ou enganado pelos seus fiscais, pois quando Mladenov surgiu pelas costas de José Carlos estava em posição de fora de jogo: só que o búlgaro fez de conta que não era nada com ele, atirou a bolinha em chapéu a Silvino e não era preciso que Aparício confirmasse o tento (2-1) porque a esfera entrava calmamente no ninho da águia. Claro que o árbitro pode alegar que o seu auxiliar do lado da bancada central não lhe fez sinal de impedimento para os dois ladinos vitorianos, mas, se tivesse consultado o seu próprio visor, facilmente chegaria à ideia que logo tomou conta do antiteatro: os dois tentos vitorianos, bem merecidos pelo brilho sadino nos últimos três quartos de hora, foram resultado das jogadas que menos os justificavam, porque nasceram de situações apenas autorizadas pela placidez soberana de Francisco Silva, que parece teimar em rasgar (num ápice) o brilho de uma carreira que merecia todo o aplauso.

Deixando isso: foi um belo espectáculo de futebol, com cada emblema dominando as fatias do melão, Benfica carregando, mas logo adormecendo e o Vitória preparando o argu-to salto para dilacerar uma presa que andava fugidia das suas conquistas. Se dissemos que o melhor jogador em campo foi Silvino, com uma mão cheia de óptimas defesas, fica melhor explicada a razão do sinal vitoriano na aceleração taceira, mais compreendida porque Manuel Fernandes bateu tacticamente o oponente, fechando-lhe os corredores para a sua baliza e, ao lado de Jaime Pacheco (espectacular!), de Mladenov e Aparício (sabidões!), do serpenteante Makukula e do matreiro Lufemba, também Quim e Dito deram tranquilidade a Jorge Martins e permitiram que se revelasse Figueiredo, um jovem valor importado do futebol francês por boa sugestão de Aparício.

Enfim: o Benfica teve mau fim no Bonfim. Mas, para além de ter de olhar para o espelho e notar que emperrou em várias peças da sua máquina, não é menos verdade que o modo como o Vitória conseguiu os seus dois tentos fica como negro momento da vida arbitral de Francisco Silva.

Neves de Sousa

Má arbitragem

Má arbitragem de Francisco Silva (Faro) que também teve deficiente auxílio dos fiscais de linha António Pincho e Arménio Estorninho. As turmas:

Vitória de Setúbal: Jorge Martins; Dito; Crisanto, Quim e Figueiredo; Serra, Jaime Pacheco, Quinito (Aparício na 2.ª parte) e Lufemba; Mladenov e Makukula (Hélio aos 88 minutos).

Benfica: Silvino; José Carlos, Aldair, Ricardo e Veloso; Vítor Paneira, Thern (Hernâni, 43), Valdo e Pacheco; Diamantino (Sousa, 80) e Magnusson.

Golos: Vítor Paneira (24) e Mladenov (70 e 77). Cartão amarelo para Makukula, Valdo e Paneira.

TOTOBOLA

A chave

Setúbal - Benfica	1
E. Amadora - Braga	1
Belenenses - Nacional	1
U. Madeira - Beira Mar	1
O. Moscavide - Feirense	1
Valonguense - Penafiel	X
Vila Real - Olhanense	1
Sevilha - A. Madrid	1
Castellon - Barcelona	1
Cadiz - Valência	2
Bari - Juventus	X
Fiorentina - Milan	2
Atalanta - Sampdoria	X

A nossa aposta

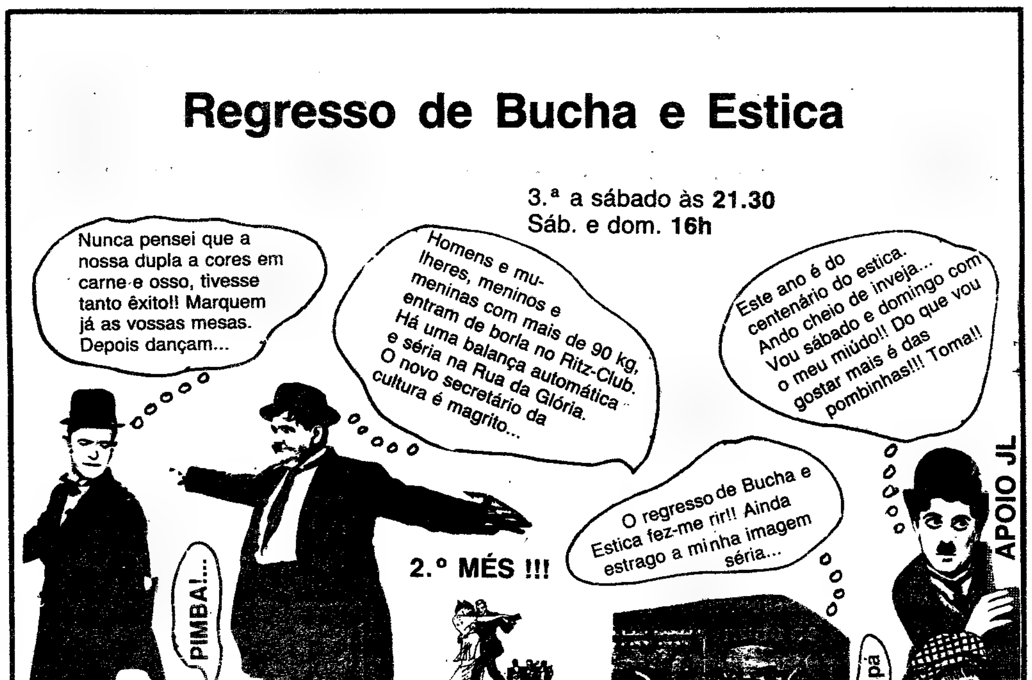
Benfica - Guimarães	1
Sporting - Beira Mar	1
Chaves - Boavista	1
Tirsense - U. Madeira	X
Feirense - E. Amadora	X
Braga - Belenenses	1
Marítimo - Setúbal	X
Portimon. - Nacional	1
Joane - Famalicão	2
Guarda - U. Leiria	1
Salgueiros - Espinho	1
Covilhã - Águeda	1
Juventude - Farense	2

TOTOLOTO

20 - 24 - 31 - 34 - 38 - 46 + 33

Os serviços de escrutínio, do Departamento de Apostas Mútuas Desportivas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa informaram-nos, no final da manhã, terem sido encontrados três apostadores que acertaram no «treze» do totobola, cabendo a cada um 5 376 325$00. Com 12 resultados certos foram escrutinados 57 concorrentes que irão receber 282 964$00 e com 11 994, cabendo o prémio de 16 22$00. Um dos totalistas é de Lisboa e chama-se Jorge Manuel Gonçalves Pinto. Os outros ressalvaram o direito ao anonimato.

Quanto ao Totoloto, a previsão aponta para cinco apostadores com a chave certa, nove com direito ao 2.º prémio, 670 o 3.º 35 470 o 4.º e 675 000 com o «prémio de consolação».



Confrontos particulares

Aproveitando o facto de os campeonatos darem entrada a mais uma fracção da Taça, os clubes já arredados desta competição procuraram parceiro para, através de um «amistoso», manterem os seus profissionais em acção. Aqui fica o registo de alguns desses jogos:

Sporting, 4 - CSKA, 4:

Árbitro: Sepa Santos, auxiliado por Ildefonso Gomes e Carlos Pires.

SPORTING: Vital; Valtinho, Marinho, Miguel e Leal; Carlos Manuel (cap.), Carlos Xavier e Litos; Paulinho Cascavel e Gomes.

Substituições: ao intervalo, Sérgio rendeu Vital; aos 52 minutos, Amaral entrou para o lugar de Litos, para três minutos depois Carlos Xavier ser substituído por Lima. Aos 59 minutos, seria a vez de Paulinho Cascavel ceder o seu lugar a Edel e aos 68 minutos, seria a vez de Portela entrar para o lugar de Leal.

CSKA: Valov; Trifon Ivanov; Dimitrov, Urukov e Mladenov; Kirov,. Itantchen e Bakalov; Kostadinov, Stoltchov (cap.) e Gueorguiev.

Substituição: aos 88 minutos, Vitanov entrou para o lugar de Kirov.

Ao intervalo: 3-2.

Marcadores: Gomes faz o primeiro golo, aos 23 minutos; 2-0 por Paulinho Cascavel, aos 28 e 3-0 por Marinho, aos 30. Da parte búlgara Stoitchov faz o 3-1 (aos 40 minutos) para dois minutos depois Kostadinov fazer 3-2. Depois do intervalo, Gomes faz o 4-2 aos 65 minutos, Kirov 4-3 aos 69 minutos, para Kostadinov fixar o resultado final (4-4) aos 84.

Portimonense, 1 - Borussia de Dortmund, 0

Árbitro: Fernando Baltasar, auxiliado por Mário Ferreira e Vítor Mendonça.

Portimonense: Figueiredo; Matos, Floris, Aurélio e Bezinski; Major (Justiniano na 2.ª parte), José Pedro Skoda (Adalberto, 25m) e Voinov; (Guetov e Kachmerov (Luciano, 57m).

Borússia Dortmund: De Beer; Kutowzski; Gorlukovich, Helmer e Schultz (Nikolic, 81m); Lusch (Breitzke, na 2.ª parte), Zorc, Moller (Kroth, 77 m) e McLeod; Wegmann (Strerath, 63m) e Rummenigge.

Marcador: Voinov (65m).

Académica, 5 - CSKA, 3: a Académica de Coimbra venceu o CSKA da Bulgária por 5-3, no desempate por grandes penalidades, em encontro particular de futebol, efectuado no Estádio Municipal de Coimbra.

No final do tempo regulamentar as duas equipas estavam empatadas 1-1.

A Académica inaugurou o marcador, aos 30 minutos, por intermédio de Reinaldo, tendo Iantchev restabelecido a igualdade para os búlgaros, aos 38 minutos.

Vata na gala do golo

Logo à noite, em Colónia, vai ser entregue a Bota de Ouro. Vata, o melhor marcador do campeonato do ano passado, estará presente

Esta noite, pelas 20 e 15, no Hotel Maritim, em Colónia (RFA) a Adidas e o «France-Football» fazem entrega dos troféus anuais com que distinguem os melhores marcadores dos campeonatos nacionais de futebol da Europa, a Bota de Ouro que contempla o mais eficiente de todos esses atiradores às balizas contrárias e os prémios destinados aos clubes em maior evidência na última temporada futebolística.

Os três melhores jogadores mundiais (designados por jornalistas de 135 países) vão ser contemplados com bolas de ouro, mas os nomes desses «craques» somente são hoje oficialmente conhecidos, embora fontes normalmente bem informadas adiantem que o triunvirato dourado integra três jogadores do Milão: Van Basten, Baresi e Rijkaard. Garantido é que, os melhores marcadores dos campeonatos de Inglaterra (Alan Smith, Arsenal, 23 golos), Suíça (Karl-Heinz Rumenigge, Servette, 24 golos), Holanda (Romario, PSV, 19 golos) e França (Jean-Pierre Papin, Marselha, 22 golos) serão premiados. Melhores marcadores europeus: Bota de Ouro — Dorin Mateut (Dínamo de Bucareste), 43 golos; Bota de Prata — Marcel Coras (Vitória de Bucareste), golos e Bota de Bronze — Baltazar (Atlético de Madrid), 35 golos. Os melhores clubes: 1.º AC Milan (Itália); 2.ºs Real Madrid (Espanha) e Nápoles (Itália).

Francisco Paraíso

Vata, que se lesionou no Estádio do Bonfim, na partida de há uma semana para o Campeonato Nacional (na imagem a ser assistido pelo massagista Araújo e pelo dr. Bernardo Vasconcelos) ficou inactivo e só daqui a dias voltará a treinar. Mas, esta noite, é um dos premiados em Colónia.

A delegação portuguesa (chefiada por Luís Feist, representante da Adidas em Portugal) integra o benfiquista Vata (melhor goleador da última época nacional, com 16 tentos, um recorde negativo no futebol português), Eusébio (que é convidado especial para esta gala) e jornalistas, entre os quais o nosso companheiro de trabalho Neves de Sousa que, a exemplo de anos anteriores, fará para o «DL» a cobertura do acontecimento.

Acertos de calendário

Neste fim-de-semana, disputaram-se os jogos que estavam em atraso do Campeonato da II Divisão, com os seguintes resultados:

Zona Norte: Bragança - Vizela, 0-0.
Zona Centro: Peniche - Sporting de Espinho, 0-2 e Guarda - Mirense, 1-0.
Zona Sul: Barreirense - Seixal, 4-0.

Na III Divisão realizaram-se os seguintes jogos:

Série A: Moreirense - Ribeirão, 2-1.
Série B: Lourosa - Lixa, 1-2.
Série D: Mirandense - União de Tomar, 0-0.

Série E: Sacavenense - Santa Clara, 3-2.

Benfica - Guimarães no regresso do nacional

O campeonato nacional da 1.ª divisão regressa no próximo dim-de-semana depois de uma interrupção motivada pela realização de mais uma eliminatória da Taça de Portugal.

Os jogos da 19.ª jornada são: Chaves - Boavista; Tirsense - União da Madeira; Feirense - Estrela da Amadora; Braga - Belenenses; Marítimo - Vitória de Setúbal; Benfica - Guimarães; Sporting - Beira Mar; Portimonense - Nacional e FC Porto - Penafiel.

O jogo entre o Sporting e o Beira Mar deverá ser antecipado para a tarde de sábado, enquanto o Marítimo - Vitória de Setúbal, será às 21 e 30, desse mesmo sábado, com transmissão directa na RTP/2.

Juniores

Série A — Chaves-V. Guimarães, 2-2; Famalicão-Taipas, 1-0; Sp. Braga-Ponte da Barca, 2-0; Merelinense-Mãe d'Água, 5-0; Gil Vicente-Vila Real, 7-1 e Vianense-Vizela, 2-1. *Líder:* V. Guimarães, 23 pontos.

Série B — Sp. Espinho-Rio Ave, 0-2; Varzim-Viseu e Benfica, 4-1; Maia-Leixões, 0-2; Águeda-Boavista, 0-2; Lamego-Beira Mar 1-1; Salgueiros-FC Porto, 0-6. *Líder:* FC Porto, 28 pontos.

Série C: U. Tomar-Académica, 1-0; Mangualde-Estação, 0-2; Guarda-Gouveia, 4-0; U. Leiria-Nazarenos, 2-0; Académico Viseu-Naval, 2-1 e U. Coimbra-Marrazes, 1-0. *Líder:* Académica, 25 pontos.

Série D — Benfica-U. Almeirim, 5-2: Sporting-Belenenses, 2-0; Bombarralense-Caldas, 2-0; U. Santarém-Estoril, 0-0; Casa Pia-Estrela Amadora, 1-2; Costa Caparica-Ol. Moscavide, 0-2. *Líder:* Benfica, 27 pontos.

Série E — Lus. Évora-Elvas, 1-1; Est. Vendas Novas- Seixal, 2-7; Amora-Quimigal, 1-0; Zona Azul-V. Setúbal, 1-5 e Olhanense-Portimonense, 1-2; *Líder:* V. Setúbal, 23 pontos.

Juvenis

Série A — Sp. Braga-V. Guimarães, 2-0; Varzim-Chaves, 0-0; Paços Ferreira-Rio Ave, 2-1; Salgueiros-Freamunde, 1-2; Torre Moncorvo-Leixões, 0-7 e Vianense-Vizela, 2-0. *Líder:* Sp. Braga, 27 pontos.

Série B — Boavista-Mangualde, 2-2; Águeda-BV Almeida, 6-0; Lus. Lourosa-Académica, 1-1; Ac. Viseu-Estação, 3-0; Beira Mar-Feirense, 0-1 e FC Porto-Tabuense, 14-0. *Líder:* FC Porto, 34 pontos.

Série C — U. Leiria-Sporting, 1-2; U. Santarém-Benfica, 0-5; Casa Pia-Damaiense, 3-1; U. Coimbra-Belenenses, 2-2; Est. Amadora-Benf. C. Branco, 3-0 e Estoril-Torreense, 2-0. *Líder:* Sporting, 35 pontos.

Série D — Est. Portalegre-Est. V. Novas, 0-1; Farense-Almodôvar, 9-0; Oriental-Louletano, 3-1; V. Setúbal-Barreirense, 1-1 e Costa Caparica-Ol. Moscavide, 1-3. *Líder:* Ol. Moscavide, 28 pontos.

Futebol lá fora

Golo de Futre nada resolve

O Atlético de Madrid (de Paulo Futre) não aproveitou em Sevilha, a inesperada cedência do Real ao empatar no seu estádio frente ao Mallorca, nem tirou partido da derrota do Barcelona em Castellon, uma vez que o golo rubricdao por Futre no derradeiro minuto foi insuficiente para evitar a derrota no palco andaluz.

Os resultados da jornada foram os seguintes: Real Madri - Mallorca, 1-1; Castellon - Barcelona, 1-0; Oviedo - Rayo Vallecano, 3-2; Osasuna - Real Sociedad, 1-1; Valladolid - Tenerife, 1-2; Saragoça - Celta, 1-1; Atlético de Bilbau - Logroñes, 1-0; Sevilha - Atlético de Madrid, 2-1; Málaca - Sporting de Gijon, 1-0 e Cadiz - Valência, 0-2.

A classificação está assim ordenada: Real Madrid lidera com 36 pontos, seguindo-se o Barcelona, Valência e Atlético de Madrid (todos com 30 pontos).

França

Brest - Mónaco, 1-1; Caen - Cannes, 1-0; Lille - Paris Saint-Germain, 2-0; Metz - Mulhouse, 1-1; Montpellier - Marselha, 1-1; Nice - Nantes, 1-2; Racing Paris- Auxere, 3-1; Sochaux - Lyon, 1-0; St. Etienne - Bordéus, 1-1 e Toulon - Toulouse, 0-0.

Classificação: 1.º Bordéus, 37 pontos; 2.º Marselha, 34; 3.º Sochaux, 29; 4.º Mónaco, 28; 5.º Toulouse, 27; 6.º Paris Saint-Germain, 25; 7.º Lille, 23; 8.º Nantes, 23; 9.º Lyon, 23 e 10.º St. Etienne, 23.

Itália

Atalanta - Sampdoria, 2-2; Bari - Juventus, 1-1; Cesena - Roma, 0-0; Fiorentina - Ac. Milão, 2-3; Génova - Bolonha, 0-0; Inter - Ascoli, 0-0; Lazio - Verona, 0-0; Nápoles - Cremonse, 3-0 e Udinese - Lecce, 3-1.

Classificação: 1.º Nápoles, 36 pontos; 2.º Ac. Milão, 33; 3.º Sampdoria, 31; 4.º Inter, 31; 5.º Juventus, 29; 6.º Roma, 28; 7.º Atalanta, 27; 8.º Bolonha, 24; 9.º Lázio, 21; 10.º Bari, 21; 11.º Génova, 19 e 12.º Fiorentina, 18.

Bélgica

FC Bruges - FC Malines, 3-0; Ekeren - Ghent, 0-1; RC Mechlin - Anderlecht, 0-3; Antuérpia - SK Bruges, 1-1; Waregem - Saint Truiden, 0-3; FC Liége - Beerschot, 3-1; Beveren - Standard Liége, 0-1; Lierse - Kortrijk, 3-0 e Lokeren - Charleroi, 3-1.

Classificação geral: 1.º FC Bruges, 32; 2.º Anderlecht, 30; 3.º Antuérpia, 28; 4.º FC Malines, 28; 5.º SK Bruges, 24, 6.º Standard Liége, 23; 7.º Ghent, 21; 8.º Lokeren, 21; 9.º Lierse, 20 e 10.º Charleroi, 18.

Inglaterra

Coventry-Chelsea, 3-2; Liverpool - Everton, 2-1; Manchester United - Manchester City, 1-1; Nottingham Forest - Crystal Palace, 3-1 e Sheffield Wednesday - Millwall, 1-1. Entretanto, o encontro Tottenham - Norwich realiza-se hoje.

Classificação: 1.º Liverpool, 49 pontos; 2.º Aston Villa, 46; 3.º Arsenal, 42; 4.º Nottingham Forest, 39; 5.ºs Southampton, 35; Chelsea 35 e Everton, 35; 8.ºs Norwich, 34 e Coventry, 34 e 10.º Tottenham, 33.

Escócia

Aberdeen - Hearts, 2-2; Dundee - Celtic, 0-0; Dunfermline - St. Mirren, 1-0; Hibernian - Motherwell, 1-2 e Rangers - Dundee United, 3-1.

Classificação: 1.º Rangers, 37 pontos; 2.º Hearts, 30; 3.º Aberdeen, 30; 4.º Celtic, 26; 5.º Motherwell, 25; 6.º Dundee United, 24; 7.º Dunfermline, 22; 8.º Hibernian, 31; 9.º St. Mirren, 21 e 10.º Dundee, 14.

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem
VIATURAS USADAS
OFERTA ÚNICA!
DE 15 DE JANEIRO A 16 DE FEVEREIRO
0% DE JUROS
VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO JUNTO AO COLISEU
INCLUINDO FINS SEMANA
Stand Usados e Loja Peças: R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
RENAULT

Andebol

«Dragões» seguem na «crista da onda»

E ainda não foi desta que FC Porto voltou a perder para o campeonato nacional da 1.ª divisão de seniores masculinos. Recorde-se que a sua derradeira «escorregadela» (e única esta época) aconteceu em 29 de Outubro passado, aquando da realização da 8.ª jornada, frente ao Benfica. Pensou-se que seria possível o Sporting impor-lhe o segundo revés, ao fim da tarde de ontem, e tal esteve prestes a acontecer, sendo correcto afirmar-se que os portistas se salvaram mesmo ao soar do «apito». Mas vamos por partes.

Muita gente se deslocou à Nave de Alvalade para assistir ao confronto entre leões e dragões, que redundou num espectáculo de grande emoção, nalguns momentos com os nervos à flor da pele. Tendo atenção ao poder da 1.ª linha adversária, Manuel Brito dispôs a sua equipa num 3:2:1 defensivo inicial, com a troca de Xavier (só defendia) por Tó Leite que só atacava na posição de lateral-direito do sistema 3x3. Do outro lado, António Cunha ordenou que os seus atletas se postassem em 6:0, com Alexandre Barbosa a integrar-se no ataque em vez de José Luzia. Luta terrível se viveu, aliás, durante toda a partida, com os dois técnicos a introduzirem constantes alterações nos seus sistemas de jogo.

A partir do meio da 1.ª parte, os portistas explanaram bem o seu ataque, preparando bem as combinações para as concretizações relativamente fáceis de Carlos Resende e dos jugoslavos Eric e Zeljko. Perante tal situação, Carlos José passou a defender individualmente o lateral-esquerdo dos portistas, contribuindo de alguma forma para a recuperação no marcador, assim como o «aparecimento» de Mário Santos e Dragan ao seu melhor nível. Mudou também o treinador do FC Porto, colocando Luzia como defesa avançado no sistema 5:1. Apenas falta realçar o oscilar do marcador durante estes 30 minutos iniciais: 2-2 aos 10 m, 4-4 aos 15 m, 5-7 aos 20 m, 10-10 aos 25 m e 13-13 ao intervalo, com os visitados a apontarem o seu 13.º tento a apenas 20 segundos do descanso, no seguimento de um contra-ataque finalizado por António Costa.

António Capela

Lance de bom estilo

No recomeço, Tuka deu vantagem aos leões ao concretizar em inferioridade numérica, para logo falhar um contra-ataque devido a superior intervenção de Santa Bárbara. Juntando à prestação do seu guarda-redes os maus passes dos opositores, a recuperação de uma bola ao ar, a excelente oposição movida pelo bloco defensivo ao nervoso ataque sportinguista, o FC Porto passou o resultado desfavorável de 13-14 para 18-14 num ápice. A entrada do jovem guardião Pedro Santos para se opor com êxito a um livre de sete metros apontado por Eric foi como que a pedra de toque para cerca de 10 minutos de grande nível por banda dos donos do recinto que defendendo agressivamente e não dando espaços a Alexandre ou Eric (marcados individualmente por Carlos José, alternadamente) apontaram 6 tentos sem resposta.Com grande euforia nas hostes leoninas e o entusiasmo em redor do recinto de jogo, o derrame de líquidos na área defendida por Santa Bárbara obrigou à interrupção do encontro quando faltavam jogar cerca de 10 minutos. Reatada a contenda, logo os líderes da prova empatam a 21 em situação de inferioridade, apostando numa dedesa 5+1 com marcação individual quer a Dragan quer a Tó Leite. Alberto Cabaço, não utilizado na 1.ª metade, entra bem no jogo e concretiza duas vezes. Em inferioridade numérica, os portistas apontam o seu 23.º tento (a 3 minutos do fim), para logo o ataque leonino «trabalhar» bem de forma a que Tó Leite faça o 25-23 com apenas 2 minutos para se jogar. Pensa-se que o «sete» de António Cunha vai averbar o seu segundo desaire mas, até ao lavar dos cestos é vindima.

Apesar do desespero atacante, o FC Porto aponta o 24.º golo a 1 m do apito final, respondendo Tó Leite com remate extemporâneo bem defendido por Santa Bárbara e contra-ataque apoiado finalizado por Luzia a escassos 36 segundos do final. No tempo restante, tudo a impedir remates dos leões, com o livre a 2 segundos do fim a não dar resultado.

Empate que se poderá considerar justo, dado o arreganho e a crença permanente dos dois conjuntos. Os portistas possuem um conjunto de respeito, onde Eric pontificou a grande altura. Nos leões, Tó Leite é excelente concretizador e dá gosto ver jogar o jugoslavo Dragan.

A dupla de arbitragem Carlos José/Fernando Humberto não se portou nada mal num jogo de «alto risco». Dois erros crassos, quanto a nós: o apontar um castigo máximo depois do remate completamente à vontade de Tuka e permitir excessiva dureza nos momentos finais da partida.

Alinharam e marcaram:

SPORTING: Nuno Silva e Pedro Santos; Luís Pires (1), Tó Leite (6), António Costa (4), Dragan (5), Carlos José (2), Tuka (1), Mário Santos (3), Xavier, João Fialho (1) e Alberto Cabaço (2).

FC PORTO: Santa Bárbara; Rui Ferreira (2), Alexandre (3), Zeljko (3), Carlos Resende (3), Luzia (1), Eric (9), Luís Graça (2) e Armando Jorge (2).

Nos restantes encontros desta 20.ª jornada, destaque para a goleada inflingida pelos encarnados aos homens do Sado e para a vitória «aflitiva» do Belenenses sobre os axadrezados, ficando praticamente apurados para a fase final (visto a TAP ter sido derrotada). Eis os resultados: Sporting, 25 - FC Porto, 25; Benfica, 27 - V. Setúbal, 12; Belenenses, 22 - Boavista, 21; ABC, 22 - Clube TAP, 18 e S. Mamede, 25 - Fafe, 23. o jogo Francisco de Holanda - Académica foi adiado para a próxima 5.ª feira.

Classificação: 1.º FC Porto, 57 pontos; 2.º Benfica, 53; 3.ºs ABC e Sporting, 46; 5.ºs Académica (-1 jogo) e V. Setúbal, 44; 7.º Boavista, 37; 8.º Belenenses, 34; 9.ºs TAP e S. Mamede, 30; 11.º Fafe, 29 2 12.º F. Holanda (-1 jogo), 26.

A próxima ronda (21.ª e penúltima desta fase) engloba os seguintes confrontos: S. Mamede - F. Holanda (19 - 23 na 1.ª volta), TAP - Académica (14 - 25), FC Porto - ABC (25 - 21), Boavista - Benfica (17 - 28), V. Setúbal - Sporting (17 - 24) e Fafe - Belenenses (20 - 21).

Jorge Marques

Hóquei em patins

Superioridade dos visitantes

Disputada a 12.ª jornada do campeonato nacional da I divisão de hóquei em patins, o Óquei de Barcelos continua a ser a única equipa invicta, somando 11 triunfos e somente um empate. Benfica e FC Porto são os opositores mais directos dos barcelistas, enquanto o Sporting ocupa a 4.ª posição bastante distanciado da Sanjoanense e da Oliveirense. As notas dominantes da ronda foram os triunfos dos nabantinos na Parede e da turma de São João da Madeira em Oliveira de Azeméis.

Recordem-se os resultados: Oliveirense-Sanjoanense, 1-4; Grundig-Sporting, 1-5; Turquel-Benfica, 1-5; FC Porto-Valongo, 9-3; Académica de Coimbra-Paço de Arcos, 3-4; Quimigal-OC Barcelos, 2-6 e Parede-Sp. Tomar, 2-4.

Classificação:

	J	V	E	D	P
BARCELOS	12	11	1	0	34
Benfica	12	11	0	1	33
FC Porto	12	10	0	2	32
Sporting	12	8	1	3	29
Sanjoanense	12	6	0	6	24
Oliveirense	12	5	2	5	24
Turquel	12	6	0	6	24
Paço de Arcos	12	5	2	5	23
Valongo	12	3	3	6	21
Acad. Coimbra	12	4	1	7	21
Quimigal	12	3	1	8	19
Grundig	12	2	1	9	17
Parede	12	2	1	9	17
Sp. de Tomar	12	2	0	10	16

Próxima jornada (dia 10): Barcelos-Académica, Paço de Arcos-Oliveirense, Sanjoanense-Grundig, Sporting-Turquel, Benfica-Parede e Valongo-Quimigal.

Vieira Carvalho

Basquetebol

Benfica: liderança reforçada

Obviamente que esta (14.ª) ronda do nacional de basquetebol, tinha como «ponto quente» o confronto da Luz, entre o Benfica e o Sporting. tendo em conta (e tal facto nunca poderá escapar ao analista) a posição de ambos na tabela classificativa e a circunstância dos benfiquistas somente terem averbado uma derrota ao longo da prova, o favoritismo ia na direcção do quadro rubro. As previsões confirmaram-se, já que, na circunstância o Benfica dispôs de um conjunto de superior gabarito ao seu rival de Alvalade. Triunfo incontestável e superioridade inquestionável. Outras notas de interesse: o Ginásio Figueirense obteve excelente triunfo sobre o Barreirense, o Imortal não se deixou surpreender frente ao Esgueira do mesmo modo que o Illiabum (de Ílhavo) foi triunfar ao recinto de Ponte de Lima perante o Guifões. Nas Olaias, esperava-se que os atletas do clube da General Roçadas — Estrelas da Avenida — dessem maior réplica à poderosa turna das Antas.

Vejamos os resultados e a classificação actual:

António Capela

Basquetebol: beleza, emoção e vigor atlético

Resultados: Benfica/Aristón - Sporting, 92-76; Ginásio Figueirense/Cuétara - Barreirense/Compal, 93-88; Tecnogás/Guifões - Illiabum/Quinta Nova Porcelanas, 74-75; Ovarense/Bil - Beira-Mar/Braga Alves Despachantes, 109-88; Esgueira/Luzostela - Imortal/Montechoro, 78-80; Estrelas da Avenida/Lisgráfica, FC Porto, 73-90.

Posição actual das equipas:

	J	V	D	P
BENFICA	14	13	1	27
Beira Mar	14	10	4	24
FC Porto	14	9	5	23
Ovarense	14	8	6	22
Imortal	14	7	7	21
E. Avenida	14	7	7	21
Sporting	14	7	7	21
Esgueira	14	7	7	21
Illiabum	14	6	8	20
Barreirense	14	5	9	19
G. Figueirense	14	3	11	17
Guifões	14	2	11	15

A. Nobre

Campeonatos nacionais

RÂGUEBI: o encontro mais importante da jornada foi o que opôs o CDUL ao Cascais e que terminou com a vitória dos lisboetas por 9-7.

A surpresa consistiu na derrota da equipa de Direito perante o Belenenses por 20-9. Outros resultados da jornada: Lousã, 19-CDUL, 7; CRAV, 7-Técnico, 7.

VOLEIBOL: na ronda inaugural da fase final do campeonato, verificaram-se os seguintes desfechos: AA Espinho, 3-Leixões, 1; Grundig, 2-Benfica, 3; Sporting de Espinho, 1-Leixões, 3. Na classificação geral, Leixões, Benfica e AA Espinho comandam com 16 pontos, seguindo-se o Sporting (14), Grundig (14) e Sp. Espinho (13).

Para o campeonato feminino os resultados foram: Benfica, 2-Estrelas da Avenida, 3; Fluvial, 1-Leixões, 3 e CDUL, 0-Boavista, 3. Comanda o Boavista com 15 pontos, estando nas posições imediatas o Leixões (15), Estrelas (14), Benfica (13), Fluvial (13) e CDUL (11).

O Braga fez o tetra, enquanto os pupilos de Moniz Pereira arrecadaram a 10.ª Taça dos Campeões Europeus. E ainda tivemos boa presença no Crosse das Amendoeiras

Atletismo em festa

Já vai distante o tempo da vibração nacional com os sucessivos êxitos do campeoníssimo Carlos Lopes, mas nem por isso o atletismo português deixou (a nível de fundo e meio fundo) de proporcionar momentos históricos de apoteose. Basta atentar no ouro que a Rosinha da Foz trouxe de Seul e nas 10 maratonas que venceu, nos numerosos triunfos registados por Aurora Cunha, na constância como Domingos Castro vai superando a concorrência, no facto de nenhum europeu haver superado Fernando Mamede nos 10 000 metros, no brilhantismo com que sempre se apresentam as «meninas de Sameiro», nos dez triunfos da equipa sportinguista na Taça dos Campeões de Corta-Mato, nas vitórias de Mamede, Rosa Mota e Aurora Cunha no internacionalizado Crosse das Amendoeiras, nos brilharetes rubricados por José Regalo, Ezequiel Canário, Dionísio Castro, Albertina Machado, Albertina Dias e Rita Borralho. Basta atentar em tudo isto para se tirar respeitosa chapelada a Moniz Pereira, Maria do Sameiro, José Pedrosa e outros tantos técnicos do nosso atletismo e prestar justo sentimento de apreço aos atletas acima citados e a tantos outros como Conceição Ferreira (palmas para o título do passado sábado), Rosa Oliveira, Fernanda Marques, Manuel Machado, Felicidade Sena, Lucília Soares, Rafael Marques, António Leitão, Joaquim Pinheiro, Fernando Couto e mais alguns.

Tanto em Braga como nas Açoteias, quer as «meninas de Sameiro» quer os «pupilos de Moniz» deram autêntico bailarico à concorrência que foi muita e de pé ligeiro.

«Corridinho» algarvio

O quarteto formado pelos gémeos Dionísio e Domingos Castro, Carlos Patrício e Eduardo Henriques deu ao Sporting o décimo título na Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato.

Dionísio e Domingos Castro chamaram a si o primeiro e segundo lugares individuais, com o tempo de 29 minutos e 39 segundos, Carlos Patrício foi sexto (30,12 minutos) e Eduardo Henriques cortou a meta na décima posição (30,30).

O Sporting totalizou assim 19 pontos, impondo-se por ampla margem aos franceses do Marignanais, segundos classificados com 32 pontos, e aos espanhóis do Club Dyc Au, terceiros com 49 pontos.

Classificação individual: 1.°, Dionísio Castro (Sporting - Portugal), 29,39; 2.°, Domingos Castro (Sporting - Portugal), m.t.; 3.°, Thierry Pantel (Marignanais - França), 29,49; 4.°, António Prieto (Club Dyc - Espanha), 29,57; 5.°, Francesco Panetta (Comelit Bergamo - Itália), 30,03;

Classificação por equipas: 1.°, Sporting (Portugal), 19 pontos; 2.°, Marignanais (França), 32; 3.°, Club Dyc (Espanha), 49; 4.°, Bergamo (Itália), 61; 5.°, Tipton Harriers (Inglaterra), 99.

Vira minhoto

Conceição Ferreira dominou por completo, em Braga, a corrida da IX Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato feminino, «coroando» a vitória colectiva do Sporting de Braga com o seu triunfo individual. «São» Ferreira assumiu a liderança da prova logo no final da primeira das quatro voltas à pista de crosse do complexo desportivo da Rodovia, percorrendo os 6000 metros da prova em 21 minutos e 23 segundos.

As atletas do Sporting de Braga, orientadas por Maria do Sameiro, conquistaram assim a sua quarta Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato consecutiva, ao somar um total de 25 pontos, menos 21 que as espanholas da Kelme, segundas classificadas.

Na sua corrida para a vitória, Conceição Ferreira apenas foi acompanhada durante as três primeiras voltas da prova, sofrendo alguma oposição das inglesas Andrea Withcombe e Christine Kennedy, e da norueguesa Cristin Sorun.

Andrea Withcombe ainda atacou a liderança de Conceição Ferreira no final da segunda da volta, mas a «arsenalista» do Minho resistiu e manteve o comando, desferindo o «golpe» fatal no final da volta seguinte, em que conquistou cerca de 20 metros de avanço sobre o trio de perseguidoras.

Enquanto Fernanda Marques, Rosa Oliveira e Manuela Machado lutavam pelo lugar de segunda melhor portuguesa, Conceição Ferreira aumentou gradualmente o seu avanço sobre as suas mais directas adversárias, terminando com cerca de 13 segundos de vantagem sobre Withcombe, uma atleta ainda júnior.

Christine Withcombe conseguiu superar Cristin Sorun na luta pelo terceiro lugar, enquanto Fernanda Marques, Rosa Oliveira e Manuela Machado completavam a prova nas sexta, sétima e décima primeira posições, respectivamente.

Quanto às restantes portuguesas, Felicidade Sena terminou na 17.ª posição, Helena Lobo foi 26.ª e Fátima Novais cortou a meta em 36.° lugar, embora correndo extra-classificação.

Classificação individual: 1.ª, Conceição Ferreira (Sporting Clube de Braga), 21.23,00; 2.ª, Andrea Withcombe (Park), 21.36,00; 3.ª, Christine Kennedy (Park), 21.46,00; 4.ª, Cristin Sorun (Skja), 21.49,00; 5.ª, Dolores Riso (Kelm), 21.56,00;

Classificação colectiva: 1.°, Sporting Clube de Braga, 25; 2.°, Kelm, 46; 3.°, Dubl, 90; 4.°, Park, 94 e Skja, 106.

Crosse das Amendoeiras

Eles: O Benfica colocou cinco atletas entre os sete primeiros classificados no Crosse Internacional das Amendoeiras em Flor, mas deixou fugir o lugar cimeiro para Oroso Ondoro, do Quénia.

O atleta queniano ganhou folgadamente, com 29 minutos e 26 segundos para os 10 000 metros do percurso, terminando com cerca de 15 segundos de vantagem sobre Carlos Monteiro e António Pinto, ambos do Benfica.

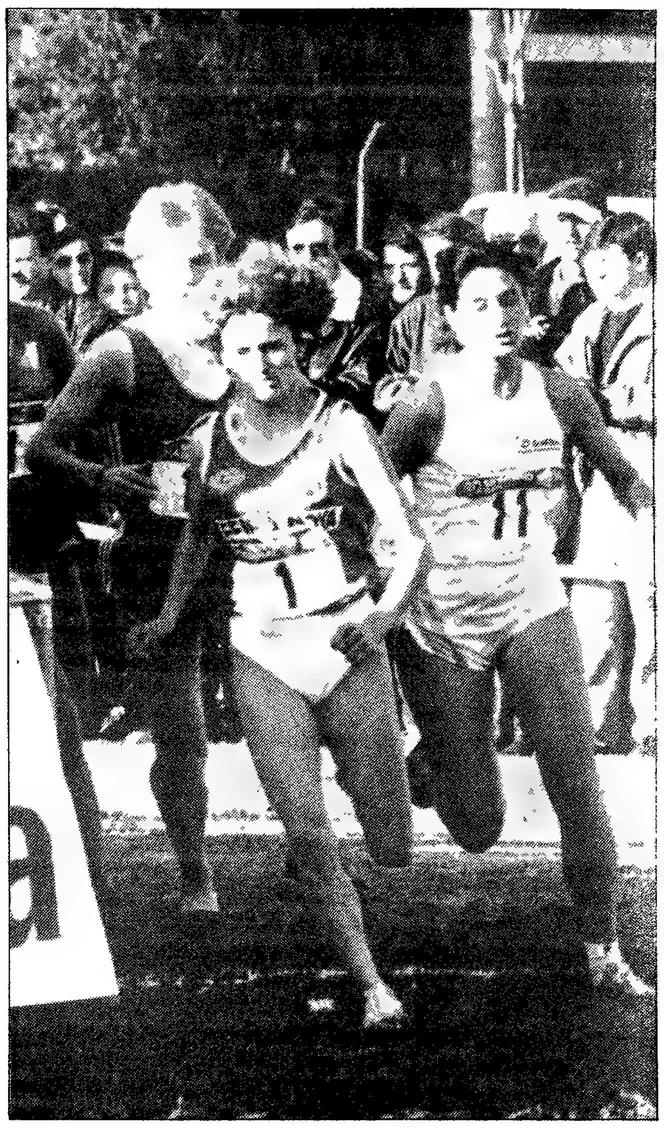
Os 10 primeiros classificados foram os seguintes: 1.°, Orosó Ondoro (Quénia), 29,26 minutos; 2.°, Carlos Monteiro (Portugal - Benfica), 29,40; 3.°, António Pinto (Portugal - Benfica), 29,43; 4.°, Ezequiel Bitok (Quénia), 29,50; 5.°, Joaquim Silva (Portugal - Benfica), 30,00; 6.°, José Regalo (Portugal - Benfica), 30,06; 7.°, Luís Jesus (Portugal - Benfica), 30,30; 8.°, Pascal Depret (França), 30,35; 9.°, Genny Dinapoli (Itália), 30,37 e 10.°, Steve Tunstall (Inglaterra), 30,38.

Elas: Albertina Dias, do Boavista, foi incapaz de repetir a vitória obtida em 1989, quedando-se pelo segundo lugar, atrás da suíça Jeanne Pipoz.

A atleta helvética completou os 6000 metros do percurso em 20 minutos e 6 segundos, cortando a meta com 11 segundos de vantagem sobre a representante axadrezada, creditada com 20,17 minutos.

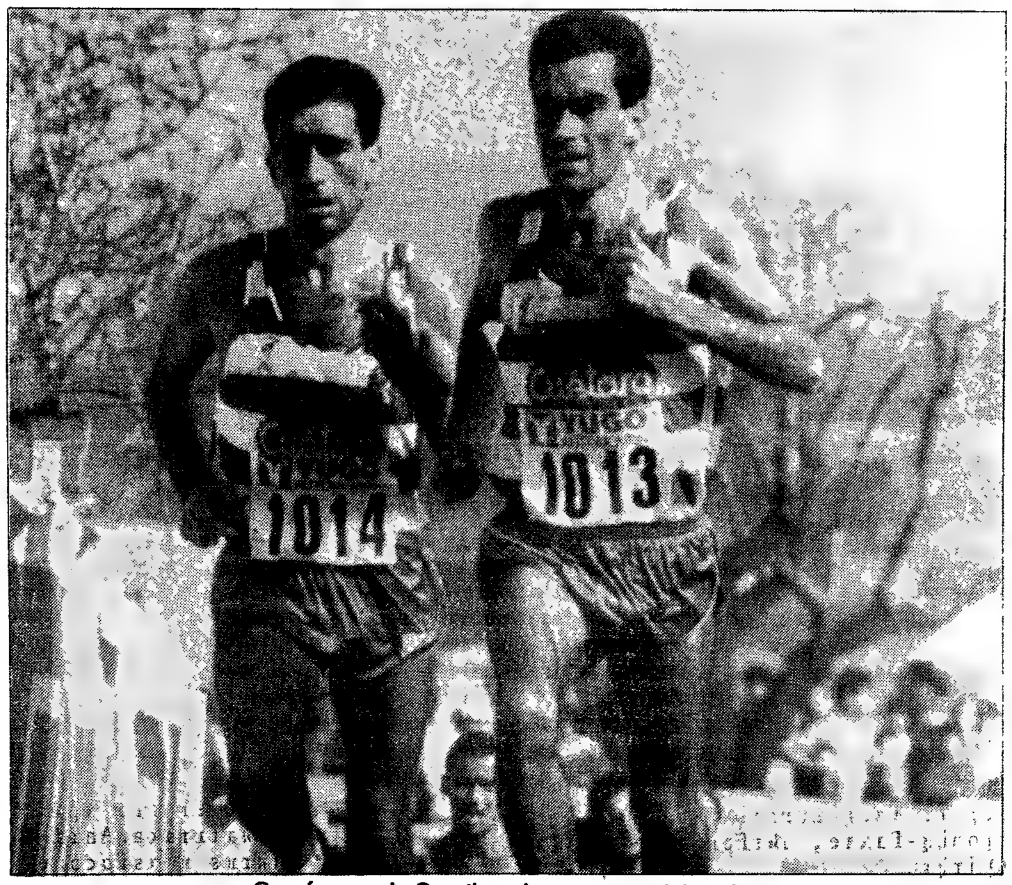
No terceiro lugar ficou a belga Veronique Collard, com 20,26, seguindo-se a portuguesa Aurora Cunha, do Futebol Clube do Porto, cronometrada com 20,33 minutos.

A dez primeiras classificadas foram as seguintes: 1.ª, Jeanne Pipoz (Suíça), 20,06 minutos; 2.ª, Albertina Dias (Portugal - Boavista), 20,17; 3.ª, Veronique Collard (Bélgica), 20,26; 4.ª, Aurora Cunha (Portugal - Futebol Clube do Porto), 20,33; 5.ª, Andrea Wallace (Inglaterra), 20,37; 6.ª, Mónica Gama (Portugal - Benfica), 20,39; 7.ª, Carla Sacramento (Portugal - individual), 20,50; 8.ª, Manuela Dias (Portugal - Benfica), 20,52; 9.ª, Irena Czuta (Polónia), 21,11 e 10.ª, Laura Adam (Inglaterra), 21,16.



Conceição Ferreira, vitória que abrilhantou o triunfo colectivo do Braga

Domingos Castro no comando do pelotão



Os gémeos do Sporting chegaram sozinhos à meta

AGENDA

I Série **N.º 30**
Dia 5 de Fevereiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 88/90:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe da Divisão Administrativa e Financeira do quadro de pessoal da Câmara Municipal de Soure.

Ministério da Administração Interna

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 4 437 237 contos para o ano de 1989.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:
Torna público ter a Convenção sobre o Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação das Mercadorias entrado em vigor para a República dos Camarões a 1 de Julho de 1989.

Torna público ter a Finlândia depositado junto do secretário-geral da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económicos (OCDE), em 22 de Dezembro de 1989, o instrumento de ratificação do Protocolo de 16 de Novembro de 1982, que modifica a Convenção sobre a Responsabilidade Civil no Domínio da Energia Nuclear.

Torna público que os Governos das ilhas Marshall e Vanatu depositaram junto do Governo dos Estados Unidos da América os instrumentos de adesão à Convenção para a Repressão de Actos Ilegais contra a Segurança da Aviação Civil.

Ministério da Indústria e Energia

Portaria n.º 89/90:
Define os métodos de controlo adequados à determinação de percentagens de biodegradabilidade dos produtos tensoactivos não iónicos presentes nos detergentes e estabelece as tolerâncias apropriadas.

Portaria n.º 90/90:
Define os métodos de controlo adequados à determinação de percentagens de biodegradabilidade dos produtos tensoactivos aniónicos presentes nos detergentes e estabelece as tolerâncias apropriadas.

Despacho Normativo n.º 8/90:
Dá nova redacção ao n.º 5 do n.º 6 do Regulamento de Aplicação do Programa Missões de Produtividade, aprovado pelo Despacho Normativo n.º 32/89, de 31 de Março.

Ministério da Educação

Despacho Normativo n.º 9/90:
Homologa o plano de estudos do 3.º ciclo do ensino básico (7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade) a funcionar, em regime de experiência pedagógica, no Colégio de São Miguel, em Fátima.

Despacho Normativo n.º 10/90:
Autoriza o Colégio Internato dos Carvalhos a ministrar, em regime de experiência pedagógica, nos 7.º e 8.º anos e no âmbito da disciplina de Trabalhos Oficinais, a área de Informática.

N.º 29
Dia 3 de Fevereiro

SUMÁRIO

Ministério da Administração Interna

Decreto-Lei n.º 39/90:
Altera a Lei Orgânica da Guarda Nacional Republicana, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 33/83, de 14 de Julho.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 86/90:
Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Herdade da Granja», situada na freguesia de Segura, concelho de Idanha-a-Nova.

Portaria n.º 87/90:
Sujeita ao regime cinegético especial vários prédios rústicos situados na freguesia de Almofala, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.

Região Autónoma dos Açores Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 4/90/A:
Aplica ao pessoal das juntas autónomas dos portos dos Açores o Estatuto do Pessoal das Administrações dos Portos, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 101/88, de 26 de Março.

Nota - Foi publicado um suplemento ao *Diário da República*, n.º 298, de 29 de Dezembro de 1989, inserindo o seguinte:

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 443/89:
Regula a recompra dos bilhetes do Tesouro.

Decreto-Lei n.º 444/89:
Aprova a Pauta dos Direitos de Importação (PDI) para 1990 e altera o Decreto-Lei n.º 258/87, de 26 de Junho.

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - Céu pouco nublado ou limpo, tornando-se muito nublado para o fim do dia nas regiões do Norte. Vento em geral fraco de Sul e neblinas ou nevoeiros matinais.
Mar encrespado com ondulação Noroeste de 3 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a um metro na Costa Sul.

MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado e vento fraco variável.
Mar encrespado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a um metro na Costa Sul.
No Funchal, céu geralmente pouco nublado e vento fraco.
Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento fraco ou moderado do quadrante Leste.

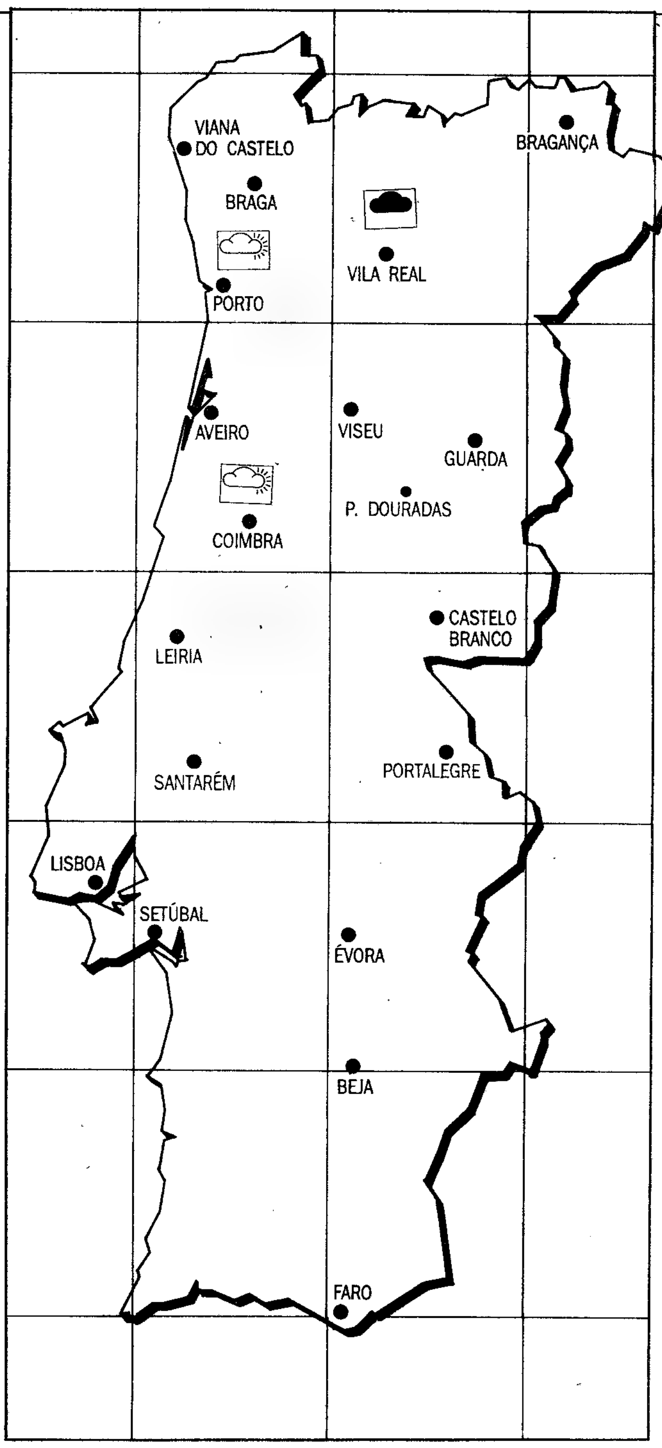
AÇORES

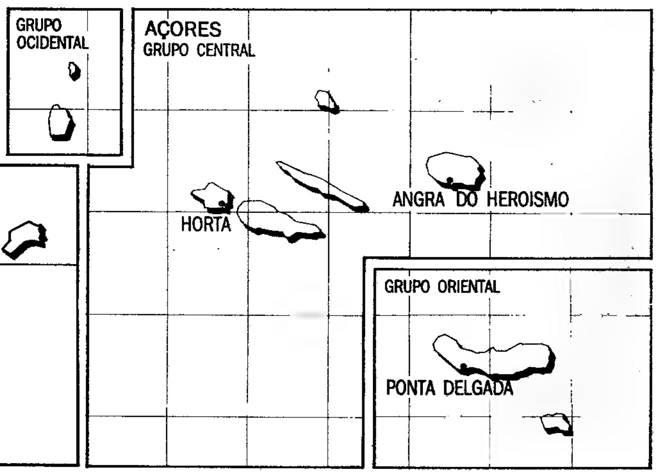
Todos os grupos: - Céu geralmente muito nublado. Vento Oeste forte a muito forte. Aguaceiros e pequena descida da temperatura.
Mar alteroso com ondulação Oeste de 5 a 7 metros.
Amanhã: - Céu muito nublado. Vento forte a muito forte e com rajadas nos grupos Ocidental e Central e forte e com rajadas no Oriental. Períodos de chuva e pequena subida da temperatura.

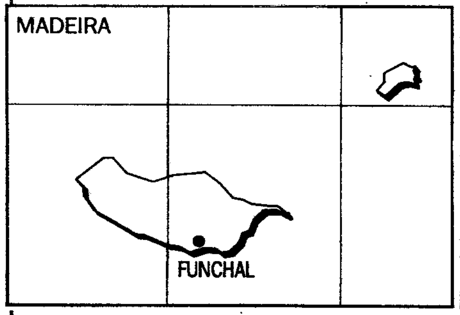
Amanhã
No Continente:
Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se no entanto muito nublado e com períodos de chuva fraca pela madrugada nas regiões do Norte. Vento fraco. Neblinas ou nevoeiros pela madrugada e manhã.

Depois
No continente:
Céu pouco nublado ou limpo nas regiões do Centro e Sul e temporariamente nuito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco. Neblinas ou nevoeiros matinais.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica







Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.33	3,1m	04.56	1,4m
—	—m	17.24	1,4m
Amanhã			
00.08	3,3m	06.14	1,2m
12.47	3,2m	18.30	1,2m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	4	4	Limpo
V. Castelo	7	12	M. nub.
Vila Real	5	5	Limpo
Porto	8	9	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	10	11	Limpo
C. Carvoeiro	12	12	Encoberto
C. Branco	-	-	-
Portalegre	-	-	-
Lisboa	-	-	-
Évora	-	-	-
Beja	-	-	-
Sines	-	-	-
Faro	-	-	-
Sagres	-	-	-
P. Delgada	-	-	-
Horta	-	-	-
Funchal	-	-	-

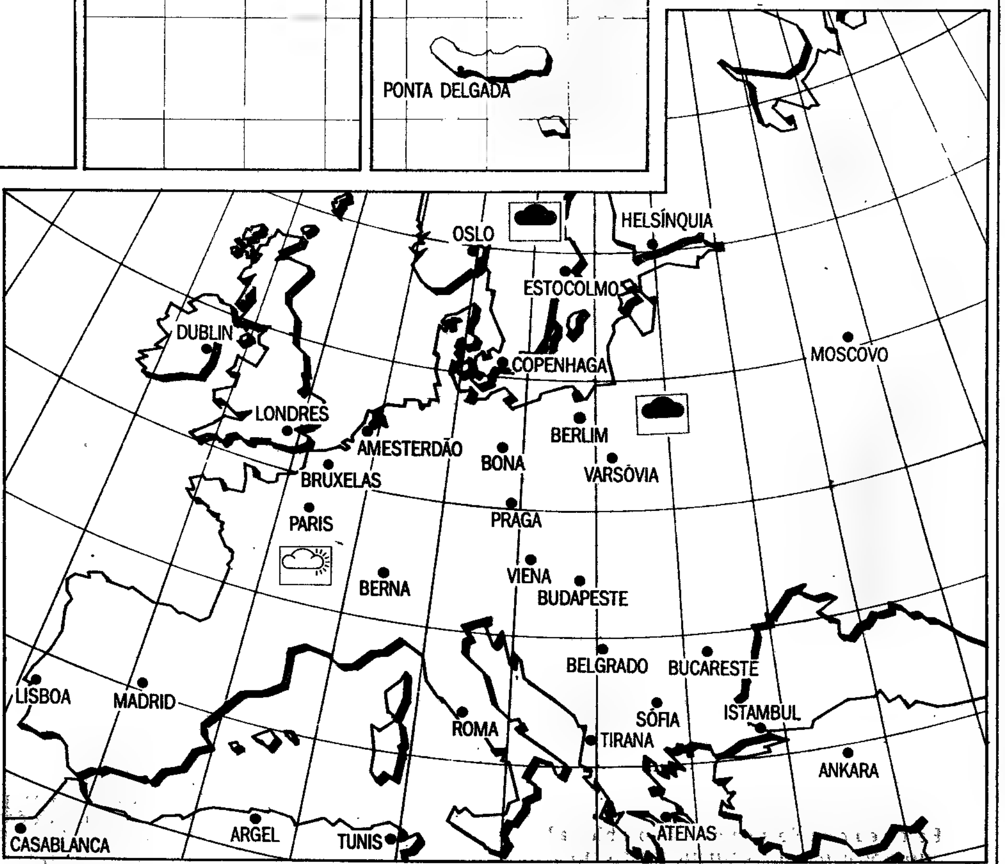
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 19; Porto, 18; Faro, 19; P. Delgada, 16; Funchal, 20.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	-	-	-
Londres	-	-	-
Paris	1	1	Limpo
Bruxelas	6	6	Limpo
Amesterdão	5	6	Limpo
Genebra	-2	-2	Limpo
Roma	4	5	Neblina
Oslo	6	8	M. nub.
Copenhaga	6	6	Encoberto
Estocolmo	2	6	Encoberto
Berlim	4	4	M. nub.
Viena	-4	-3	P. nub.
Varsóvia	0	2	P. nub.
Atenas	-	-	-
Moscovo	0	1	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-3	6	Limpo
Houston	3	17	M. nub.
Los Angeles	7	18	Limpo
Montreal	-17	-6	Limpo
Nova Iorque	-4	4	Limpo
S. Francisco	6	13	Chuva
Toronto	-12	1	Limpo
Vancover	4	7	Aguaceiros
Washington	0	4	P. nub.
Hong Kong	9	16	P. nub.
Melbourne	14	22	Aguaceiros
Pequim	-8	2	Limpo
Perth	16	32	Limpo
Singapura	24	32	Trovoada
Sydney	17	20	Limpo
Tóquio	2	5	Chuva
Wellington	12	25	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Tapada, Calçada da Tapada, 83-A, Tel. 3634721; **Alvalade:** Sanex, Av. da Igreja, 31-C, Tel. 897505; **Arco Cego:** Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C, Tel. 770324; **Benfica - Portas Benfica:** Benfica, Estrada Benfica, 678-E, Tel. 702532; **Campo de Ourique:** Almeida, Rua Silva Carvalho, 136, Tel. 681726; **Fundação Calouste Gulbenkian:** Berne, Av. de Berna, 44-A, Tel. 773568; **Madre Deus:** Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B, Tel. 382479; **Marquês Pombal:** Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Penha de França:** Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 8142518; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Príncipe Real - São Bento:** Confiança, Praça das Flores, 59-60, Tel. 561965; **Telheiras Sul - Quinta S. Vicente:** Quejas, Rua Prof. Francisco Gentil, 36-A, Tel. 7584144; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Odivelas:** Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A, Loja E (Urb. Codivel), Tel. 9816803; **Pontinha:** Leitão Ramos, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Alameda D. Afonso Henriques: Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B, Tel. 882968; **Alcântara:** Bairrão, Rua Prior do Crato, 27, Tel. 661321; **Anjos (ao Cinema Roxy):** Guerra, Rua Andrade, 32-36, Tel. 8145513; **Av. Roma (Bairro São Miguel):** São Miguel, Praça Francisco Morais, 1, Tel. 771469; **Baixa:** Morão, Rua Assunção, 17-19, Tel. 878269; **Belém - Altinho:** Gomes Suc., Rua da Junqueira, 326-328, Tel. 3638193; **Chelas - Zona N 2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Estados Unidos:** Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 890465; **Lapa:** Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; **Luz - 2.ª Circular:** J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A, Tel. 7260969; **São Sebastião:** Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71, Tel. 547213; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, Rua 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real, B.º Caxias, Tel. 282407. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Nova, R. Elias Garcia, 10, Tel. 972530. Permanente; Cavaca, R. Elias Garcia, 209, Tel. 4930019. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Permanente; **Queluz:** Vasconcelos, Est. Part. Henr. Pousão, Tel. 4372649. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rico, L. Adriano S. Gil - Agualva, Tel. 4312833. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A, Tel. 2750076. Permanente; **Cova da Piedade:** Rainha Santa, R. Soc. Fua Pidense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h.

Clínica S. João de Deus
MÉDICO DE URGÊNCIA
766 171
766 178
766 179

HÁ 20 ANOS

NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: JOSÉ CARDOSO PIRES ESCREVE DE LONDRES
Diário de Lisboa
A MOSCA
SEM ÁGUA
Condicionamento económico e social em substituição do condicionamento industrial
MÉDIO ORIENTE
NIXON AVISA MOSCOVO

Nixon avisa Moscovo

O presidente Nixon avisou Moscovo de que os Estados Unidos fornecerão mais armas a Israel se for necessário, apesar das objecções russas. Ao mesmo tempo, porém, propôs um acordo sobre a limitação dos fornecimentos de armas para o Médio Oriente como forma de abrandar a tensão naquela área, que atingiu novamente um ponto explosivo devido aos ataques aéreos efectuados por árabes e israelitas.

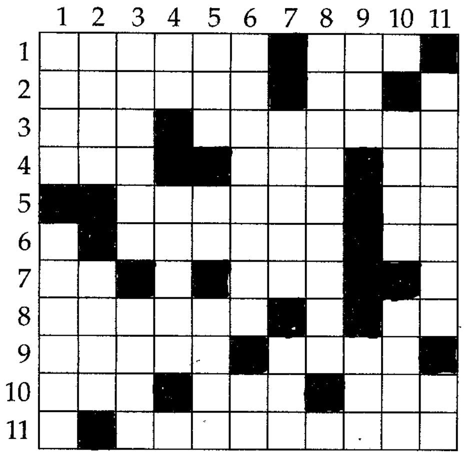
Os problemas dos estágios

No Instituto Superior Técnico efectuou-se ontem um colóquio integrado na Semana de Engenharia Electromecânica, em que participaram alunos e professores. Foi dirigido pelos Profs. Costa André Barroso, Harold, Ferrer Moncada, Manuel Rodrigues Magos, e Almeida Castro, catedrático do IST, intervindo como moderadores os alunos Lázaro Garcia Vasques e Luís Arriaga. Os estágios foram apreciados sob o duplo aspecto do começo de realização profissional do candidato a Engenharia e da aferição da capacidade do aluno por parte da escola. A qualidade do estágio depende da capacidade de iniciativa do aluno, afirmou o professor Harold, encarregado da secção de intercâmbio internacional de estagiários do IST.

Carnaval no Coliseu

Uma promessa de Carnaval alegre e popular foi o que ontem à noite deixou, no Coliseu dos Recreios, a companhia de circo que ali se estreou. Com a apresentação, já tradicional, de Trini Mariani, o espectáculo desenrola-se numa permanente mutação de aspectos, como num caleidoscópio de tons e sons que constituem, ao fim e ao cabo, maravilha para os olhos de miúdos e graúdos. Muita gente jovem, eis, talvez, a principal característica desta companhia de circo. Grande Carnaval vai ser o do Coliseu. Aliás, já o é...

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17 851

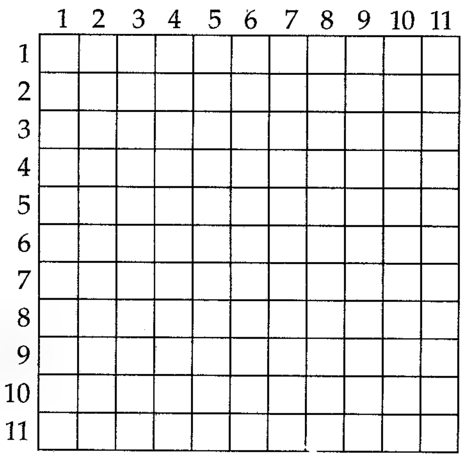
HORIZONTAIS:

1 - Pessoa adulta do sexo feminino. Pronome relativo.
2 - Arejara (Bras.). O mesmo que uma (ant. e pop.).
3 - Oportunidade. Chupar.
4 - Pessoa amada. Género de insectos coleópteros que vivem nos cogumelos boletos. Pronome reflexo.
5 - Tumefacção, sobretudo nas axilas e nas virilhas (pl.). Prata. (s.q.).
6 - Cidade de Angola. Apelido.
7 - Reis. 5.ª dinastia chinesa que reinou de 202 a.C. a 220.
8 - Mandrião. Nota musical.
9 - Freguesia do concelho de Coimbra. Moeda oriental.
10 - Cólera. Nome de letra. Suspiros.
11 - Lançariam as sementes.

VERTICAIS:

1 - Filho de Loth. Aparelha.
2 - Torga. Ir para fora:
3 - Freguesia do concelho de Moimenta da Beira. Senhoras.
4 - Existe. Jamais. Tempo do verbo ser.
5 - Época. Gálio (s.q.). Guarnecem de asas.
6 - Esboço. Germânio. (s.q.).
7 - Remoque Designação genérica das plantas herbáceas.
8 - Circunscrição do distrito de Cabo Delgado.
9 - Título honorífico na Índia (inv.). Moeda da Pérsia.
10 - Membros de aves. Mal-parecida.
11 - Aconselhara. Samário (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 661

HORIZONTAIS:

1 - Desviaram de um lugar.
2 - Aquele que. Dialecto dos dórios.
3 - Congregara. Artigo definido (ant.). Chefe etíope.
4 - Seguia. Bromo (s.q.). O mesmo que Géia.
5 - Ser rifador, brigão (diz-se do cavalo).
6 - Ave pernalta. Raer. Cento e um em romano.
7 - Resistente. Fundo.
8 - Ementas.
9 - Mangual. Molusco comestível.
10 - Presente, entre alguns povos da Indochina. Antes do meio-dia. Uma das Cíclades.
11 - Em as. Ouro (s.q.). Ente imaginário.

VERTICAIS:

1 - Rei dos mirmidões. Manuel (abrev.).
2 - Freguesia do concelho de Torres Vedras. No sistema de Leibnitz, substância simples, activa, indivisível, de que todos os entes são formados.
3 - Monarca. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Lírio.
4 - Ave pernalta. Porção de terra rodeada de água por todos os lados.
5 - Bromo (s.q.). Distrito da ex-Índia Portuguesa.
6 - Estiveras unido. Ouro (s.q.).
7 - Lista. Crença. Rio da Sibéria.
8 - Clima. Aves pernaltas aquáticas.
9 - Espreitar. Aldeia de Itália.
10 - Tomba. Cavalo vapor (abrev.). Medida agrária inglesa equivalente a 25 m2.
11 - Cidade da Argentina. Membro de ave.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 850

HORIZONTAIS: 1 - MAIS. VALE. 2 - Tranque. Ido. 3 - Saí. Raros. 4 - Mate. Ocaia. 5 - Ué. Abé. SS. 6 - Bichano. 7 - Melros. 8 - Taio. EC. Tia. 9 - Or. Sono. 10 - Minot. Bate. 11 - Alisaria. IE.
VERTICAIS: 1 - MTS. UM. TOMA. 2 - Arame. Caril. 3 - Iaia. Ni. 4 - SN. Teimosos. 5 - QUE. Ce. Ota. 6 - Vu. Ahlen. 7 Aerobarco. 8 - Aceno. Ba. 9 - Eira. Óstia. 10 - DOIS. TE. Rosas. DAREI.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 660

HORIZONTAIS: 1 - Arre! Amadas. 2 - País. Vala. 3 - Apo. Siri. 4 - Rã. Tardaram. 5 - Adiara. Velo. 6 - Orlas. Amas. 7 - Iam. Asas. 8 - Toara. Nio. 9 - Noé. Galegas. 10 - CF. Cólera. 11 - Aaro. Angras.
VERTICAIS: 1 - Apara. Manca. 2 - Rapado. Ofa. 3 - Rio. Irite. 4 - És. Talão. Co. 5 - Saramago. 6 - Atiras. Rala. 7 - Rd. Aalen. 8 - Aviavas. Erg. 9 - Dã. Remangar. 10 - Al. Alásia. 11 - Salmos. Osos.

PROVÉRBIO: MAIS VALE UM TOMA QUE DOIS TE DAREI.

EFEMÉRIDES

1869
• É fundado, em Ponta Delgada (S. Miguel), o «Diário dos Açores».

1925
• É fundado o Seixal Futebol Clube.

1974
• Tropas das Nações Unidas tomam posições na área Leste do Canal do Suez, criando uma zona tampão entre forças israelitas e egípcias.

1980
• Mais de 120 personalidades europeias e norte-americanas, incluindo a actriz sueca Liv Ulman, a cantora «folk» Joan Baez e o dissidente soviético Alexander Ginzburg, visitam o campo de refugiados cambodjanos de Sa Keo (Tailândia), no primeiro dia da sua «Marcha Cambodjana para a Sobrevivência».

1983
• O antigo oficial nazi Klaus Barbie chega a França depois de extraditado da Bolívia.

1988
• O presidente norte-americano, Ronald Reagan, e o dirigente soviético Mikhail Gorbachev são nomeados para o Prémio Nobel da Paz 1988.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
CORAÇÕES DE AÇO
Filme de Brian de Palma, c/ Michael J.Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
OS REIS DA NOITE
Filme de Eddie Murphy c/ Eddie Murphy e Richard Pryor
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9

VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
A ESPADA DE EL CID
Filme de Miguel Iglesias
Maiores de 13 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
VIOLAÇÕES SEXUAIS
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
SEXO AO LUAR
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
A MINHA MADRASTA É UM EXTRATERRESTRE
Com Kim Basinger e Dan Aykroyd
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434762
A MINHA MADRASTA É UM EXTRA TERRESTRE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
MORTO A TIRO
Com Don Johnson e Penelope Ann Miller
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546529/546085
CICLO ANOS 60/ANOS 80
LES YEUX SANS VISAGE
De Georges Franju, c/Pierre Brasseur e Alida Valli, às 18.30 horas.
IRMÃOS INSEPARÁREIS
De David Cronenberg, c/ Jeremy Irons, às 21.30 horas.

A Vida é um Longo Rio Tranquilo
Em exibição sala 4 — Quarteto — PUB — Maiores 12 anos

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
VEREDICTO FINAL
Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
OS BRAVOS DA POLÍCIA
Filme de Beau Bridges c/ Beau Bridges e Subba Smith
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
A ESCRAVA DO AMOR
Filme de Nikita Mikhalkov
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
ABSOLUTAMENTE LOUCOS
Filme de Julien Ruben, c/Jeff Goldblum e Geena Davis
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

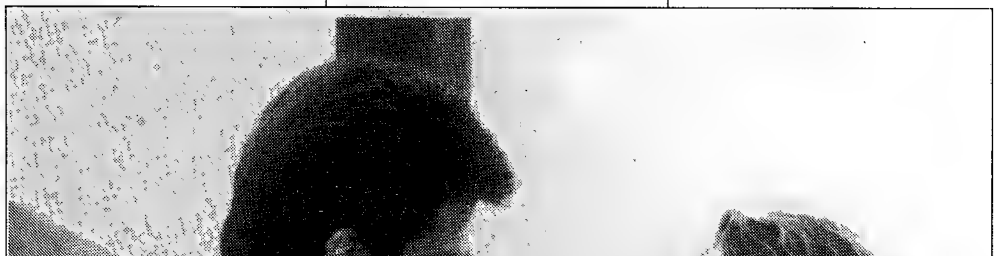
ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
SANGUE E ARENA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
MULHERES TARADAS POR ANIMAIS
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.



«Entre Primos» em exibição em várias salas de Lisboa

CARTAZ

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14..30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
A VIDA É UM LONGO RIO TRANQUILO
Filme de Etienne Chatiliez
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
OS REIS DA NOITE
C/Eddie Murphy e Richard Pryor
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
O VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
FORÇA ESPECIAL
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
O FUGITIVO DA SELVA
Maiores de 18 anos
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
Mairoes de 6 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
O PELOTÃO DO MASSACRE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLANTIDA CINE
Telef. 2465653
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1
Telef. 2841744
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Telef. 2865027
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e 21.30; Sáb. Dom. e Feriados às 15.30, 18.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
RIMINI - A PRAIA DAS LOUCURAS
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

«A Pécora», de Natália Correia

TEATRO

LISBOA

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
Sala 1 às 21.30 horas
A PÉCORA, de Natália Correia. Encenação de João Mota. Interpretações de Manuela de Freitas, Carlos Paulo, Cucha Carvalheiro entre outros.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: as exposições "Joias de Ana Campos" e "As Bandeiras do Mês - Portugal Dinamarca". Até Abril ,"Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de Amesterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai, Argentina, Brasil e Chile, constituída por algumas dezenas de obras contemporâneas, representativas das novas correntes artísticas daqueles países e em que estão presentes os principais artistas sul-americanos.
PALÁCIO FOZ: até 17 de Fevereiro, uma exposição de pintura e escultura contemporânea aragonesa.
GALERIA ALMADA NEGREIROS - SEC (Av. da República, 16): até 25 de Fevereiro, diariamente das 10 às 20 horas, "Pintura Mexicana Contemporânea", com mais de duas dezenas de obras de 13 dos mais conhecidos artistas plásticos do México.
ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.
ALFA MIXTA (Escola Gerais, 34): até 10 de Fevereiro, de terça a sábado das 14 às 20 horas, Pintura e Escultura de Liane katsuki, Romy Castro, Scoditti, Sobral Centeno e Verónica Nel.
CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 7 de Fevereiro, de terça a sexta das 17 às 20 e sábados das 15 às 20, Pintura de Albertina de Sousa.
ESPAÇO INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): a primeira exposição individual, em Portugal, do pintor naïf brasileiro Jorge Viriato.
EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107 C): até 12 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19 e sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19,30, Pintura de Miguel João.
GALERIA 111 (Campo Grande, 111): até 10 de Março, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19,30 e sábados das 10 às 13 horas, Pintura de Graça Morais.
GALERIA 601 (C. C. S. João de Deus . Av. António José de Almeida, 7): até 21 de Fevereiro, Pintura de João Monsanto.
GALERIA ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): Pintura de Maria João.
GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15): até 18 de Fevereiro, de terça a domingo das 15 às 20 horas, Pintura de Zé Penicheiro.
GALERIA DO COLECCIONADOR (Forum Picoas): até 16 de Fevereiro, de segunda a sexta das 11 às 19, Pintura de Maria Antónia Santos.
GALERIA DN (R. António Maria Cardoso, 41): até 12 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 19 e sábados das 9 às 13 horas, Pintura de Rui Viana.
GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 25 de Fevereiro, de terça a sexta das 15 às 20 e sábados e domingos das 16 às 19 horas, Escultura de Joana Rosa - "Doodles" e Pintura de José Loureiro - "O Juramento".
GALERIA ESPIRAL (Pª Ilha do Faial, 14 A): Pintura de Luísa Costa Cabral.
GALERIA FONTE NOVA (Centro Comercial-Estrada de Benfica, 503): até 16 de Fevereiro, Colagens de Aníbal Alves.
GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, exposição de E. Cano e P. Feliciano.
GALERIA DA GRAVURA (Tv. do Sequeiro, 4 r/c): até 19 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13,30 e das 15 às 19, uma exposição de Helena Mártires.
GALERIA JOÃO HOGAN (Voz do Operário): até 24 de Fevereiro, Pintura de António Bretano Pestana.
GALERIA LEO (Tv. da Queimada, 48-bairro Alto): até 10 de Fevereiro, "Doodles" de Joana Rosa.
GALERIA MIRON (Rua do Mirante, 14 r/c): até 28 de Fevereiro, de segunda a sábado das 15 às 20, Pintura de Lança Semedo "Veneza e Lisboa - Estenografia à Espátula".
GALERIA MONUMENTAL (Cª dos Mártires da Pátria, 101): até 25 de Fevereiro, de terça a domingo das 15 às 20 horas, Pintura de José Drummond.
GALERIA MULTIFACE (C. C. Gemini, loja 65 - R. Sousa Lopes): até 18 de Fevereiro, Pintura de Pilar Sobral.
GALERIA NÁRTICE (R. Augusto Rosa, 18): até 23 de Fevereiro, Pintura de Paulo Cardoso, Raquel Oliveira, Rocha Pinto e Sérgio Pombo.
GALERIA NASONI (Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9-A): Pintura de Noronha da Costa.
GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 10 de Fevereiro, Pintura de Agostinho Duarte.
GALERIA SANTA JUSTA (R. de Sta. Justa, 93-2º): até 17 de Fevereiro, de segunda a sexta das 15 às 20 horas, Pintura de Artur Bual.
GALERIA DE SÃO BENTO (R. do Machadinho, 1): até 17 de Fevereiro, "salicária Tinctória" de Nicolau

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
3.º MÊS
2.ª FEIRA A SÁBADO - 21.30
★ DOMINGO, 17H ★ FOLGA - 4.ª FEIRA
TEXTO NATALIA CORREIA
ENCENAÇÃO JOAO MOTA
MUSICA JOSE MARIO BRANCO
A PECORA
«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»
APOIOS · PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE · FNAC · CABELEIREIRO CITY · RADIO COMERCIAL · ANTENA UM · DIARIO DE NOTICIAS
PRAÇA DE ESPANHA T. 726 0818
Subsídios: Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian

CARTAZ

Tudela.
GALERIA DE SÃO FRANCISCO (R. Ivens, 40): até 24 de Fevereiro, Pintura de Eduardo Alarcão intitulada "Eléctricos em S. Francisco".
GALERIA SOCTIP (R. de Dona Estefânia, 195 D): até 6 de Março, a exposição "PALIMPSE[X]TOS", com obras de Francisco Tellechea, Luísa Nogueira, Margarida Cepêda, Paulo Cardoso, Paulo Ossião e Vieira-Baptista.
HOTEL ALFA LISBOA (Galeria de Arte - Av. Columbano Bordalo Pinheiro): até 9 de Março, escultura em madeira do Brasil, de Edison Lufac.
LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2 B): até 3 de Março,, de terça a sábado das 15 às 19,30, "Labirintos" - desenhos de a tinta da China de Rosa Almeida.
RATTON - CERÂMICAS (R. da Academia das Ciências, 2-C): obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luísa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): até 18 de Fevereiro, a Alliance Française de Lisboa apresenta , com a colaboração do Centro de Estudos de Fotografia de Coimbra, "Quelques Moments au Portugal", 40 Fotografias de Bernard Plossu sobre motivos portugueses; até 11 de Fevereiro, a exposição "Sete Pecados Capitais".

ARREDORES

TEATRO MALAPOSTA (Olival Basto-Loures): até 4 de Fevereiro, uma exposição da "Quadrante - Associação de Artistas Plásticos de Loures".
SALA D. JOÃO V - DAMAIA: até 20 de Março, organizada pela Câmara Municipal da Amadora, uma colectiva de artes plásticas dom obras de 34 artistas de diversas correntes.
CLUBE TAURINO VILAFRANQUENSE (Vila Franca de Xira): até 3 de Fevereiro, Fotografia Taurina de João Queiroz.
GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 4 de Fevereiro, Pintura Naïf de Isabelino.
PALÁCIO DOS CONGRESSOS DO ESTORIL: até 11 de Fevereiro, das 16 às 22,30, a exposição "Artexposta", comemorativa dos 10 anos de Mandrágora, com obras de artistas nacionais e estrangeiros.
ARCADAS DO PARQUE (Junta de Turismo da Costa do Estoril): até 18 de Fevereiro, Pintura de Maria Duarte.
GALERIA ARCADA (Arcadas do Parque, 18 - Estoril): a exposição "Suporte Papel II - Figurativo" com trabalhos de Armanda Passos, Ema Berta, Helena Lousinha, Isabel Sabino, Maria Gabriel, Paula Rego e Rosa Fazenda.
CASA MUSEU DE VERDADES FARIA (Av. Saboia-Monte Estoril): "Um Olhar sobre Cascais através do seu património", uma iniciativa da Câmara Municipal e da Associação Cultural de Cascais.
BLOCO C-ATELIER D'ARTE (R. Barbosa Collen-S. Pedro do Estoril): Gravura de Ana Galvão, Eduardo Pedroso, Humberto Marçal, José Paulo, Lurdes e Sousa e Trindade Cid; Pintura de Mizé.
MUSEU REGIONAL DE SINTRA (Galeria de Exposições Temporárias): até 18 de Fevereiro, Pintura de Maria Adelaide Cabral.
O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. Dr. Alfredo Costa, 14-Sintra): até 28 de Fevereiro, a exposição de Miguel Barbosa "Sintetizações Poéticas".
ATELIER E. C. (Várzea de Colares): até 11 de Fevereiro, uma exposição de homenagem ao escultor Benjamim Lopes.
PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ: até Junho de 1990, com entrada livre, em exposição uma colecção de Pintura Portuguesa de 1842 a 1979.
GALERIA ALMADARTE (Shopping Center Marimar - Costa de Caparica): até 3 de Março, Pintura de Kira - "Nus de Inês e Outras Paisagens".
GALERIA DE SANT 'IAGO (Centro M. Bica, loja 63 - Almada): Pintura de Maria José Camões.
SETÚBAL (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito): a exposição "Produção de Azulejos Artesanais da Região de Setúbal".
CETÁRIA-GALERIA DE ARTE (Av. General Daniel de Sousda - Setúbal): diariamente das 18 às 23 horas, Cerâmica e Pintura de Heitor Pais.

Pintura acrílica de Graça Morais, na Galeria 111 até 10 de Março

"Lisboa 1900" de Zé Penicheiro, na Galeria Artela

RÁDIO
ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** O Som dos Negócios - Temas Económicos; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Programa 2
Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo
17.00: As Valsas Mefisto de Liszt; **17.40:** Suite Sinfónica «On the Waterfront» de Leonard Bernstein; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 14 concertos para cravo e orq., de João Sebastião Bach; **19.26:** Álbum Musical. - Obras de Smetana, Verdi, Johann Sebastian Bach, Chopin, Niccolo Paganini, Mendelssohn e Bellini; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Concerto da Noite. Sinfonia n.º 41, em dó maior, K. 551; «Sinfonia Jupiter», de Wolfgang Amadeus Mozart. Sinfonia n.º 9, de Mahler; **23.00:** O Canto e os seus intérpretes; **00.00:** Música de Câmara de Beethoven; **01.20:** Música Vocal de Hector Berlioz; **01.50:** Uma obra de Bach para Cravo; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiário de hora a hora.

RÁDIO
COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m
16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quando o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24.ª Hora. Noticiário de hora a hora

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiário de hora a hora

RÁDIO
RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiário de hora a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo
16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DE LISBOA
15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DO PORTO
16.00: Pólo Norte; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

VOZ DO ALENTEJO
15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1779

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Centro de Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, 1885 metros de comprimento, com origem no apoio n.º 5 da linha a 30 kV para o PT CHM 20C e término no PT ALR 90, herdade de Besteiros, freguesia de Raposa, concelho de Almeirim, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALMEIRIM, durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Janeiro de 1990.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1783

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Centro de Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com 551 metros, do apoio n.º 8 da linha a 30 kv para o PT CCH 230, ao PT CCH 231, herdade do Outeiro, freguesia de Santana do Mato, concelho de Coruche, na secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE, durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Janeiro de 1990.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
1.º JUÍZO
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar a data da segunda e última publicação do respectivo anúncio.

Execução Ordinária n.º 5879, 2.ª Secção. Exequentes — MINISTÉRIO PÚBLICO. Executado — AVIMOC — AVÍCOLA DE CARRAZEDA, LDA. com sede em Carrazeda de Ansiães E OUTROS;

Lisboa, 9 de Janeiro de 1990

Juiz de Direito
Assinatura ilegível
O Escrivão de Direito
Assinatura ilegível

«DL» 5/2 1.ª Pub.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
66º episódio
19.00- JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08- BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
21.40 - CASINO ROYAL
3º episódio: o senhor Royal continua empenhado em tentar descobrir por que é que os nazis o querem ver morto. Como disfarce, veste-se de Mary Carmen Per Supuesto, uma exuberante espanhola que encanta toda a clientela do Casino. Enquanto isso, a filha não larga da mão o "croupier", apesar das pisadelas da mulher, a simpática cigarreira que serve também de secretária a Royal. Os espiões continuam em actividade, especialmente a russa Seminova: ela caiu nas boas graças do porteiro do casino, que por acaso é irmão do sr. Royal...
22.40 - QUASE ADULTOS
23.40 - 24 HORAS
00.15 - REMATE

No 1º canal às 21.40, Herman José e o seu "Casino Royal"

RTP-2

16.55 - OS CINCO
17.25 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
33º episódio
18.30 - PERIGO NA ESCOLA
Telefilme
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
"O Homem da Carabina" e "O Homem Invisível"
20.30 - ELOGIO DA LEITURA
Magazine literário
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - ÓPERA
"Fidélio", de Ludwig van Beethoven: esta produção, realizada no Festival de Ópera de Glyndebourne reúne todas as condições para ser considerada como um trabalho de grande qualidade. Sir Peter Hall, produtor deste "Fidélio", mantém-se fiel à noção de ópera que Beethoven entendia ser. Um excelente elenco e o apoio musical da Orquestra Filarmónica de Londres, muito bem dirigida por Bernard Haitink, imprimem a esta versão a nota de excelente. Principais intérpretes: Ian Caley (Jaquino), Elizabeth Gale (Marzeline), Curt Alppelgren (Rocco), Elizabeth Söderstrom (Leonore) e Michael Langdon (D. Fernando). Coro de Glyndebourne dirigido pelo maestro Nicholas Cleobury.

Ópera no 2º canal a partir das 21.30: "Fidelio", de Ludwig van Beethoven

AMANHÃ

RTP-1

10.00 - MAGAZINE ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - PALAVRAS CRUZADAS
15.05 - PORTUGAL É NOME INTEIRO
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.10 - VALE TUDO
21.10 - PRIMEIRA PÁGINA
23.05 - 24 HORAS
23.35 - REMATE

RTP-2

15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA ESCOLHA
16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.20 - VIA RÁPIDA
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
20.25 - CINEMAGAZINE
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
"Duas Mulheres em Nova Iorque", de Claudia Weill

«O eleitorado pode ter dificuldade em compreender o que estamos a fazer.»

Cavaco Silva, «Expresso», 3/2/90

A PERGUNTA DO DIA

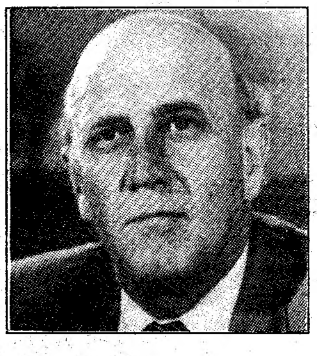
João Justino
presidente da Câmara Municipal de Sintra

Que vai ser feito do edifício da Cadeia Comarcã de Sintra, uma construção do princípio do século que começou a ser destruída?

«Trata-se de um projecto aprovado, com custos de algumas centenas de milhares de contos, pelo anterior executivo do qual faziam parte alguns vereadores da Câmara a que presido, o qual nunca tomou qualquer atitude face às constantes pressões que do exterior lhe foram feitas para que o edifício da Cadeia fosse preservado. Assim, a Câmara está, obviamente, debruçada sobre o assunto para reanalisar todo o processo tendo em conta os compromissos assumidos, nomeadamente no que diz respeito ao empreiteiro da obra anteriomente adjudicada e já em curso.

Como é do conhecimento público, esta Câmara foi empossada há poucos dias e só agora está a estudar todo o processo no sentido de encontrar uma solução para tão complexo problema.»

APLAUSOS A...



Frederik De Klerk, uma espécie de Gorbachev sul-africano que teve a coragem de retirar do óbvio todas as consequências. Todas? Bem, algumas - e decisivas: legalização dos partidos políticos, incluindo o ANC, libertação de Mandela e demais presos políticos, suspensão da pena de morte e da censura. As regras do jogo mudaram, o apartheid confronta-se com a sentença da História. De Klerk passou o Rubicão. Como vai ser agora? Difícil. Mas nada será como dantes e a Liberdade está de parabéns.

Nuno Miguel, psiquiatra, que denunciou a hipocrisia do sistema legal e social que condena adolescentes por consumir droga e não condena o Estado que permite a venda sem receita de medicamentos toxicodependentes. É uma imoralidade, claro - tão grave como a condenação mais frequente dos consumidores do que dos traficantes. Quem quer responder aos problemas dos jovens, quem quer? Se se sabe que ninguém deixa de pegar na droga pelo simples facto de ser proibida...

& PATEADAS A...

ANEE

ANEE, Associação Nacional das Empresas Operadoras Portuárias, pela falta de cumprimento do acordo que assinaram com os sindicatos portuários e com o Governo. Esta irresponsabilidade originou que os cheques passados, a título de indemnização, aos trabalhadores do porto de Lisboa considerados excedentários, não tivessem cobertura. O erário público teve que desembolsar 4 milhões de contos. Depois do inquérito da ordem, espera-se que as empresas envolvidas não se transformem em parasitas...

António Paulo Kassoma, vice-ministro da Defesa de Angola, que se recusou, em Lisboa, a prestar declarações aos jornalistas e cancelou mesmo uma conferência de Imprensa. Vida de ministro é difícil, nós sabemos, mas nos apuros é que se vê quem se desembaraça. Kassoma optou pela facilidade e perdeu o ensejo de manter boas relações com a Informação. Todos ficaram a perder - os jornalistas, os portugueses em geral... e Angola em particular, que não teve em Kassoma um bom embaixador.

meteorologia

Aplaudiu

Na *Meteorologia* de 24 de Janeiro quis entender o «sagrado direito - como então escrevi - do eurodeputado Carlos Carvalhas de não aplaudir Dubcek ao receber o Prémio Sakharov no Parlamento Europeu de Estrasburgo. Baseei-me na informação publicada pelo correspondente do «Diário de Notícias», segundo a qual Carlos Carvalhas «foi um dos raros deputados, com o grupo das direitas, a não aplaudir Alexandre Dubcek no final da sua alocução».

Em carta enviada ao director do «Diário de Lisboa», o sr. deputado escreve: «... Voltei assim a ver confirmada aquela velha ideia de que os desmentidos nunca chegam a todos os que foran atingidos pela mentira.

«De facto, acontece que, no dia seguinte ao da publicação do 'DN' em que J. Listopad foi beber assunto para a sua crónica, tive a oportunidade de claramente a desmentir, embora seja verdade que o correspondente do 'DN' em Estrasburgo resolveu, absurdamente, ficar na sua.»«Poderia, com facilidade, juntar os testemunhos dos dois deputados que me ladeiam, de dois diferentes grupos, mas penso que entre pessoas adultas e civilizadas bastará a minha palavra. E que é esta: de facto, é completamente falso que não tenha aplaudido Dubcek..»

Naturalmente, acredito piamente que Carlos Carvalhas aplaudiu: facto que consta na pequena história. Podia assim fechar a meteorologia com a bonança. Mas se, por um lado, me sinto satisfeito com este *happy end* inesperado, por outro fiquei um tanto decepcionado.Confesso que, de certo modo, apreciara o hipotético gesto do não-gesto: não aplaudir. De uma maneira geral, é agora fácil aplaudir Dubcek, nos actuais constrangimentos, também históricos, também sociais; o difícil é não aplaudir, ficar coerente consigo ou com a política do partido não convertido, não reformado, olhar Dubcek com *todas as reservas* (e falo com eufemismo) dos anos 68 de má memória.

Abstraindo do caso: gosto das pessoas que pensam o que pensam e que o dizem, estando eu em eventual desacordo, ou não, com o modo de elas pensarem. Democracia, na minha banal visão, é respeitar as diferenças.

Voltando: afinal, estamos com o sr. deputado no mesmo lado da barricada. Seja bem-vindo. E que eu o seja também.

Carlos Carvalhas aplaudiu, para mim é um facto. Dubcek, 21 anos depois, ficou servido.

Jorge Listopad

Terça-feira no
Diário de Lisboa

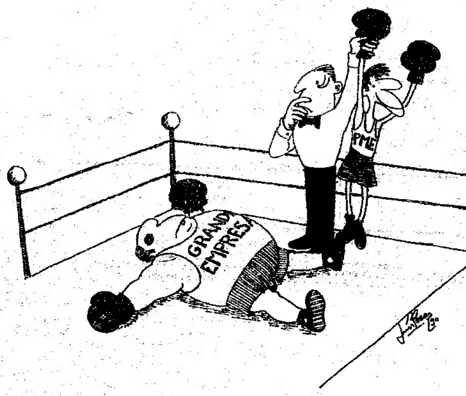
Rosa Mota e o caso com a Federação

Timor um ano depois da carta sem resposta

A crónica de Umberto Eco

Auto-retrato de Eduarda Dionísio

AS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS TÊM VINDO A GANHAR CRESCENTE IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA. SÃO AS VANTAGENS DE SER PEQUENO



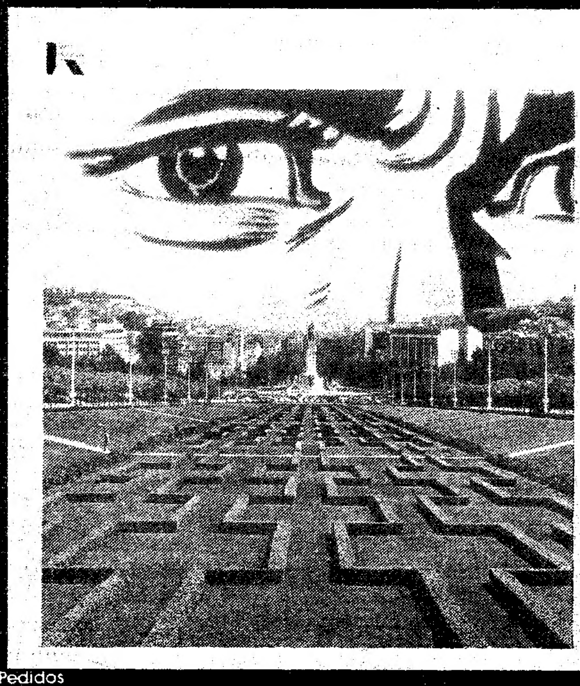
Leia amanhã no *DL*

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

TERÇA-FEIRA

PENSAR LISBOA

J. P. Martins Barata



Pedidos
No seu livreiro ou directamente a
Livros Horizonte, Lda — Rua das Chagas, 17 - 1.º Dt.º 1200 LISBOA

queiram enviar-me ☐ à cobrança ☐ junto cheque/vale postal

Preço de capa: 800$00

Nome ______
Morada ______
Código Postal ______ Telef.: ______

Edição
Livros Horizonte
Tel.: 36 69 17/36 85 05

Distribuição
DIGLIVRO - Lisboa tel.: 99 22 00/01/02
MOVILIVRO - Porto tel.: 57 89 37/57 85 94

A.M.A.® Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75